



ZORÓ, ANTES DE VER O BRANCO

JALAJ IKINIË ÆBAKA

VOL. 1

Lígia Neiva & Pãderewup Zoró

Autores: Lígia Neiva & Panderewup Zoró

Título: Antes de Ver o Branco, Jalaj Ikiniê Ābaka

Realização: FUNAI – Fundação Nacional dos Povos Indígenas – Museu do Índio – RJ

APIZ – Associação do Povo Indígena Zoró

Coordenação Geral de Promoção a Cidadania/Coordenação de Processos Educacionais.

Organização Geral: Lígia Neiva

Entrevistadora: Lígia Neiva

Coordenação Técnica do projeto: Lígia Neiva, Seiji Nomura, Tennsesson G. de Oliveira, Fernando Vieira de Oliveira

Transcrição e tradução: Alfredo Sep Kiat Zoró, Fábio Xixuandu Zoró, Roberto Carlos Ini Pep Zoró, Cristiane Kalinum Zoró, Milton Xiuruting Zoró, Márcia, Panderewup Zoró, Xinahv Zoró,

Redação e revisão ortográfica: Mauro Souza, Alfredo Sep Kiat Zoró, Carla Piovezan da Silva

Revisão Geral: Carla Piovezan da Silva, Alfredo Sep Kiat Zoró

Ilustrações: Joel Zap Kalalã Zoró

Fotografias: Marcelo Pontes, Mauro Souza, Angélica Santana, Laércio Miranda, Lígia Neiva – arquivo pessoal

Projeto Gráfico: Gabriella Turbiani - Turbiani & Co :: Branding & Design

Edição e diagramação: Afonso Vilas-Boas - Ohpál Design e Comunicação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Antes de ver o branco : Jalaj Ikini&7869; Ābaka /
organização Lígia Neiva, Pāderewup Zoró. --
1. ed. -- Niterói, RJ : Afonso Vilas-Boas,
2022.

ISBN 978-65-00-47790-0

1. Cultura indígena 2. Povos indígenas 3. Povo
Zoró I. Neiva, Lígia. II. Zoró, Pāderewup.

22-116297 CDD-306.08

Índices para catálogo sistemático:

1. Cultura indígena brasileira 306.08

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS

ZORÓ, ANTES DE VER O BRANCO

Jalaj Ikiniê Ābaka

Lígia Neiva & Pāderewup Zoró (Organização)



PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO BRASIL

Luís Inácio Lula da Silva

MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS

Sonia Bone Guajajara

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

Joênia Wapichana

DIRETORA DO MUSEU DO ÍNDIO

Fernanda Kaingãng

COORDENADOR REGIONAL DA FUNAI DE JI-PARANÁ/RO

Leandro Mangã Arara

CACIQUE GERAL DO POVO ZORÓ

Pãderewup Zoró

INDEX

APRESENTAÇÃO 6

NARRATIVAS ZORÓ

XIGIP ZORÓ 16

PALIÃ ZORÓ 24

BETABI ZORÓ 40

XIKITKA ZORÓ 56

TUATJUT ZORÓ 64

ÃJUT ZORÓ 92

ZAN ZORÓ 100

SÃBIGIP ZORÓ 124

SAGAPUGA E MABEYT ZORÓ 136

PEPUJ E XIBUWER ZORÓ 146

XIBI ZORÓ 158

BETIG E MÃD`IG ZORÓ 168

MÃXIÃZAP E DIBÉ COM A SUA FAMÍLIA 180

PORTUGUÊS

20

32

50

60

76

96

112

130

142

152

164

174

186



APRESENTAÇÃO

→ **A presente obra foi protagonizada por um importante e respeitado líder Zoró: Panderewup** que nunca desistiu da ideia de buscar parcerias e apoio para registrar, por meio de entrevistas, as narrativas dos anciãos. Os anciãos são considerados pelos Zoró exemplos de resistência e de resiliência, traços importantes trazidos de gerações e ancestralidade. Tais conhecimentos da história e da cultura material e imaterial, apenas existem na memória dos anciãos, uma vez que os conhecimentos são transmitidos por meio da oralidade e da prática cotidiana.

Observa-se que a grande preocupação dos anciãos é pautada nas mudanças ocorridas ao longo do tempo, o que fez afastar o foco das novas gerações em seus aspectos culturais e históricos, pois, com a chegada da tecnologia, escola, globalização etc., a dinâmica e os interesses pelo aprendizado passam adotar outra dimensão.

O projeto “História do contato protagonizada pelos Zoró” foi concebido por meio de registros de entrevistas realizados através da contemplação do edital 2019, “Chamada de Projetos Culturais 2019”, publicado pelo Museu do Índio - FUNAI, contemplando o projeto “Jala Kaj Pawêne Pané (História do Contato com o Branco)”, e respectivamente pela Chamada de Projetos Culturais no Contexto da Pandemia de COVID-19 – 2020/2021 (assinado como autora pela indigenista Lígia Neiva, atuante em meio aos Zoró desde a década de 1990 até os dias atuais) consolida os registros das narrativas, tendo como suporte livros e vídeos, com a

finalidade principal de tutelar esses conhecimentos como forma de garantir sua difusão entre as atuais e as futuras gerações.

Nos registros, apresentam-se as narrativas acompanhadas de aconselhamentos, exemplos de como ser verdadeiros homens e mulheres Zoró, além disso, relatam a trajetória e os comportamentos que um jovem precisa ter, para ser respeitado e admirado por sua comunidade. Muitos desses exemplos mostram as figuras de Panderewup e Tandarup, como padrões a serem seguidos por aquele que pretende ser um líder reconhecido pelos Zoró, por isso afirmam que os jovens da geração atual precisam adotar condutas semelhantes, principalmente, na luta contra os invasores e na proteção da terra e da floresta.

“Conseguimos sobreviver às pressões dos invasores, tivemos resultados na retirada deles da nossa terra, porque todos nós pensamos nas gerações de hoje. Muitas vidas foram sacrificadas, para isso contamos com as estratégias de defesa e ataque que só os nossos anciãos conheciam, por isso digo sempre: a juventude precisa olhar para trás e ver quanto sacrifício nos custou para garantir a segurança da nossa terra, da nossa floresta, onde viveremos de geração a geração. Não vamos nos mudar daqui, é aqui que nossos netos, bisnetos e todas as gerações futuras viverão para sempre. Por isso, cabem a vocês jovens de hoje, repetir o que fizemos lá atrás, o que manteve a sobrevivência de vocês e de seus filhos até agora.”

Panderewup Zoró,
aldeia Anguj Tapua, 19 de dezembro de 2019.



BIOGRAFIA PANDEREWUP ZORÓ

→ **Nascido em 08/10/1970, na terra indígena Zoró, município de Rondolândia/MT.** Filho de Panzylyp e Xipitut Zoró, do clã Zabeawj, ficou órfão de pai ainda na infância, quando Xipitut se acometeu de uma doença muito grave que não era conhecida pelos Zoró. A partir de então, viveu sua infância ao lado de Papaju Zoró, seu tio materno, que ajudou a cuidar e educar de Panderewup e seus outros cinco irmãos. A viúva Panzylyp e seus filhos acompanhavam Papaju em suas trajetórias, quando ainda eram nômades, passaram a morar juntos na aldeia Bubyrej para se protegerem das doenças, com os cuidados e medicamentos que a FUNAI oferecia.

Aos 15 anos, Panderewup conheceu sua esposa Eliane dos Santos Silva, funcionária da FUNAI, que atuava nos Zoró na função de técnica de enfermagem. Tiveram cinco filhos: Samuel Junior da Silva Zoró, Marcelo da Silva Zoró e sua irmã gêmea que veio a falecer após o nascimento, Yhago da Silva Zoró e Michele da Silva Zoró, falecida no ano de 2000. Passou ir à cidade em companhia de sua esposa, oportunidade em que, a partir do ano de 1984, buscou aliados para a solução das invasões crescentes na terra Zoró, foram Valdere Ricardo da Pastoral Indigenista de Ji-Paraná e José Basejo do CIMI – Conselho Indigenista Missionário e Ines Hargreaves,

pessoas a quem podia confiar e contar o que acontecia com o seu povo. Ainda na década de 80, protagonizou junto a Ailton Krenac, Henrique Suruí Antenor Karitiana, Amarildo Tucano e demais lideranças na Criação da UNI – União das Nações Indígenas.

Entre 1990 a 1992, ampliou alianças por meio de diálogos entre lideranças das etnias Suruí, Cinta Larga, Karitiana, Arara e Gavião, quando decidiram ir ao embate contra os invasores, que já somavam mais de 100 famílias instaladas na terra Zoró desde a década de 80, sem que o Estado Brasileiro agisse.

Panderewup atribui a ocorrência das invasões ao fato da demora na homologação da terra Zoró. Que só a partir da união entre as etnias intensificaram diálogos com os governos de Mato Grosso e Federal, até que em 19 de outubro de 1991 por meio do Decreto 265, de 29/10/1991, a terra Zoró foi homologada pelo Presidente da República Collor de Melo.

Ele prosseguiu na militância participando da criação da CUMPIR – Coordenação das Nações e Povos Indígenas de Rondônia, Noroeste do Mato Grosso e Sul do Amazonas, exercendo com Brasilino Lopes Tupari, Almir Narayamoga Suruí, Antenor Karitiana, Cloves Kassupá entre outros, os cargos de presidente e vice-presidente até o ano de 1998. Nesse mesmo ano Panderewup fica viúvo.

Em 1.999 contribuiu na criação da APIZ – Associação do Povo Indígena Zoró, e através da sua mediação, em 2.000 foi instituída a Aldeia Escola Zawã Karej Pangyjej, e instalada a base de vigilância e proteção territorial na terra Zoró.

Nos anos de 2000 a 2003, Panderewup foi o primeiro coordenador da saúde indígena do Polo Base e da Casa de Saúde Indígena de Ji-Paraná/RO.

Em 2004, eleito o primeiro indígena a um cargo político, com votação expressiva dos Zoró passa a ocupar uma cadeira no Poder Legislativo Municipal da cidade de Rondolândia/MT. Com mandato de 2004/2008, indicou o primeiro concurso público específico para indígenas, ficando todo o quadro da educação escolar indígena concursado e empossado, pleiteou a criação e construção das Escolas Municipais Indígenas E.M.I Guwa Puxurej, E.M.I Zawyt Wãwã, E.M.I Zawa Kej Alakit, E.M.I Tamali Syn, e as Escola Estadual Indígena de Educação Básica Zarup Wej e a Escola Estadual Indígena Zawa Karej Pangyjej.

A partir de 2013, Panderewup foi indicado pelo seu povo para ser cacique geral dos Zoró, com a finalidade de continuar fazendo a interlocução entre os Zoró e as instâncias governamentais, para coordenar, discutir e deliberar assuntos de interesses comuns e decisão da coletividade.

BIOGRAFIA LIGIA NEIVA



→ **Lígia Neiva nasceu na pequena vila de Tabajara**, distrito de Inhapim/Minas Gerais, filha de Custódio Neiva e Aldina Maria Neiva. Viveu a infância e adolescência em Coronel Fabriciano/MG. Em janeiro de 1984, em visita a tia materna na cidade de Cacoal/RO, reencontrou a conterrânea Ceí, na Fundação Nacional do Índio (Funai), quando teve o primeiro contato indígena das etnias Suruí e Cinta Larga.

Quando despertou o desejo de conhecer mais sobre os povos indígenas, por isso, no dia 01/03/1984, aceitou um convite da amiga para compor o quadro de funcionários da FUNAI, ocupando uma vaga de professora na frente de contato Serra Morena no Parque Indígena do Aripuanã, na região de Juína/MT.

O desafio da época foi a língua indígena, pois se tratava de indígenas de recente contato e ninguém falava a língua portuguesa. A reflexão era: “como ser professora em uma realidade assim?”; por meio de muita criatividade e observação, aprendeu que o principal caminho era entender os comportamentos e a cultura. Exerceu esta atividade em Serra Morena entre os anos de 1984 a 1988. Naquela época, a malária e a febre amarela eram uma ameaça constante.

Em 1988, trabalhando na sede da Funai, em Pimenta Bueno/RO, atuou no setor de coordenação à educação escolar indígena. Nesse mesmo ano, teve seu primeiro e único filho Diego Wallace Neiva, que motivou sua transferência para a Funai da cidade de Ji Paraná / RO, onde atuou até o ano de 1998, à frente da Coordenação da Educação Escolar Indígena, quando atuou com as etnias: Gavião, Arara, Zoró, Tupari, Makurap, Aruã, Arikapu, Kanoe, Kampé e Sakiraniã, Amandawa e Uru Eu Wau Wau.

Para viver e proporcionar toda essa contribuição para o indigenismo brasileiro, teve que abrir mão de estar com seu filho quando ele tinha apenas um ano e seis meses, pois sua função demandava viagens para as aldeias na floresta Amazônica e não podia levá-lo, dados aos riscos de ser acometido pela malária ou febre amarela. Foi quando dividiu com sua

irmã Lúcia Helena Neiva a maternidade, pois precisou trabalhar para garantir o seu sustento e o dele. Somente aos 10 anos de idade, pode ter seu filho de volta ele viveu sua infância na cidade de Ouro Branco/MG e sua adolescência em Ji Paraná/RO em companhia de Lígia. Logo aos 17 anos, Diego foi estudar em Presidente Prudente/SP onde se formou.

Lígia foi a responsável por estabelecer parceria e constituir estruturação de políticas públicas junto aos municípios e ao estado de Rondônia na criação de escolas indígenas dentro das aldeias das terras indígenas Rio Branco, Zoró, Igarapé Lourdes e Uru Eu Wau Wau. Motivou e contribuiu para a formação inicial dos professores indígenas, em Rondônia. Teve ampla participação nos projetos de formação de professores indígenas junto ao IAMA - Instituto de Meio Ambiente, projeto Açaí /RO e projeto Hayo/MT.

Participou na articulação de meios para a criação da Coordenação Regional da Funai em Ji-Paraná/RO, onde continua atuando e contribuindo nos processos de discussões e proposições para a política de reestruturação da FUNAI.

Apoiou e protagonizou junto aos Zoró para criar e estruturar a APIZ- Associação do Povo Indígena Zoró, em 1999, onde por meio dela, em parceria com a Embaixada da Noruega, criou a Aldeia Escola Zawa Karej Pangyjej, que na língua portuguesa significa “muitas saídas para o povo Pangyjej-Zoró”.

De 1999 em diante, atuou especificamente com o povo Zoró, com foco na construção coletiva do Projeto Político Pedagógico do Povo Zoró que estabeleceu o formato da educação escolar concebida pelos anciãos, assegurando os conhecimentos tradicionais do povo junto a base nacional comum, valorizando e mantendo as características próprias do ensinar e aprender dos Zoró.

Lígia decidiu propor ao Museu do Índio um projeto para registros de entrevistas junto aos anciãos, visando registrar os diálogos com os sabedores considerados as enciclopédias dos Zoró, por serem guardiões dos conhecimentos ancestrais os quais envolvem: espiritualidade, tecnologias, ciência, história, geografia etc. Os conhecimentos são muitos, e com o apoio da FUNAI/ Museu do Índio, pode-se apresentar uma coletânea de narrativas indígenas trazendo o contato do povo Zoró, narrados por eles próprios, algo inédito, uma vez que as poucas informações existentes são reportagens antigas e documentos oficiais da FUNAI. Sendo assim, os livros e os vídeos de autoria Zoró reúnem pela primeira vez os últimos remanescentes do contato falando as suas versões sobre o que sabiam ou vivenciaram antes e durante o contato com a sociedade envolvente, a luta pela defesa e a proteção de suas terras como garantia da sobrevivência às gerações futuras.

SOBRE O(S) CONTATO(S)

→ **Ao longo da história do Brasil**, tanto em sua fase colonial quanto após a independência, ocorreram diversos contatos entre as sociedades europeias que cruzaram o Atlântico e aquelas já presentes nos locais que viriam a formar a nação brasileira. O resultado geral desse processo foi marcado pela mortandade das populações nativas, em parte pela violência ou pela introdução de doenças exóticas. Frans Moonen, em “Povos Indígenas no Brasil”, cita que há estimativas de que, em 1500, viviam quatro milhões de indígenas no território que viria a se tornar o Brasil. Entre o extermínio e a dominação política, esse número chegou à casa das centenas de milhares – em 1998, por exemplo, o IBGE estimava 302.888 indígenas no Brasil[1].

Diante desses números espantosos, é tentador imaginar o contato como uma grande guerra entre dois lados; no entanto, nem sempre ele era iniciado por meio da agressão armada ou pela violência direta – e muitas vezes eram complexas as relações dos povos indígenas entre si e deles com os colonizadores. Conforme aponta Moonen, “antes do encontro colonial, muitos povos indígenas costumavam guerrear com seus vizinhos. A exaustão do solo, as secas, o desaparecimento da caça e da pesca ou a necessidade de construir novas habitações, levaram muitos povos a se deslocar regularmente de um local para outro”.

Também as novas possibilidades surgidas a partir do processo de colonização afetaram profundamente as relações entre os povos, como a compra de escravos indígenas, muitos dos quais aprisionados por outros indígenas de povos diferentes. As alianças entre os colonos e os indígenas chegaram até mesmo a serem utilizadas para travar conflito armado contra outros povos e contra diferentes nações europeias. No Rio de Janeiro do século XVI, por exemplo, os franceses fizeram alianças com os chamados Tamoio, contra os portugueses. Ademais, parte dos missionários religiosos viu nos povos indígenas a possibilidade da formação de novos cristãos – o que, se, por um lado, protegeu algumas populações do extermínio físico, mas, por outro, acabou provocando uma situação de vulnerabilidade da cultura desses povos, se viam impelidos a abandonar tradições em favor de aderir às crenças de seus protetores.

No caso dos Zoró – que se autodenominam Pangyjej –, povo da família Tupi-Mondé, o contato propriamente dito ocorreu vários séculos depois de 1500, mesmo que seus efeitos fossem sentidos muito antes. A colonização, durante o século XVI, teve como foco principal os territórios litorâneos, mais acessíveis para as naus portuguesas e das demais nações europeias. Com o avanço do projeto colonial, diversas populações de outros continentes

adentraram o interior do país, tanto populações marginalizadas quanto os colonizadores por excelência. Diversas populações indígenas que ocupavam tradicionalmente o litoral foram em direção a territórios interioranos, buscando fugir do processo colonial; também outros povos, como os trazidos de várias nações africanas para servir como escravos, acabaram por formar núcleos no interior do país, como fica evidente pela formação de quilombos nas proximidades do território que hoje é Rondônia. Esses movimentos foram afetando as populações Tupi Mondé e os próprios Zoró, especialmente ao criar pressões sobre a ocupação dos territórios, gerando conflitos e alianças entre diferentes grupos.

A interiorização da nação brasileira começou a se aproximar dos territórios Zoró com mais intensidade, no entanto, a partir da segunda metade do século XIX, com as demandas do chamado “ciclo da borracha”. Com inovações na indústria mundial, passou-se a utilizar a borracha e o látex em pneus de automóveis, solas de sapato, correias, mangueiras, gerando a necessidade de extração do produto, presente sobretudo nas seringueiras da Amazônia. O advento desse produto gerou diversas incursões pelos territórios da floresta menos afetados pelo desmatamento, mesmo com as dificuldades logísticas. Os afluentes do Rio Madeira, inclusive o rio Ji-Paraná passaram a

ser utilizados para escoar o produto, gerando aproximação da sociedade nacional com as áreas ocupadas tradicionalmente pelos povos Tupi-Mondé. Apesar de ser provável que tenham ocorrido encontros esporádicos ou indiretos, este ainda não foi o momento marcado pela tradição oral dos Zoró como o do contato – mesmo em 1914, quando Theodor Roosevelt, em uma expedição com Marechal Rondon, observou árvores cortadas com machado de aço nos limites do território Zoró.

Conforme o Laudo Histórico-Antropológico da perita Denise Maldi, de 1994, a memória Zoró aponta que o contato se deu no início dos anos 60, com um grande boom de ocupação econômica de áreas isoladas do Rio Branco. Em 1971, conforme a antropóloga narra, o indigenista Apoena Meireles declarou à imprensa que a terra dos Zoró estava sendo ocupada por fazendas – o que condiz com o trabalho de memória levantado no decorrer deste livro. Apesar do relativo isolamento, o território Zoró já era cercado por diversas fazendas em seu entorno, que chegavam a se infiltrar em áreas tradicionais. Com base em levantamentos aéreos, em meados dos anos 70, a Funai estimou que a população Zoró girava em torno de oitocentas pessoas, com cerca de dez aldeias. Na campanha de vacinação da equipe da Funai em 1977, segundo João Dal Poz, os Zoró já eram cerca de quatrocentos habitantes – e

suas perdas foram atribuídas principalmente a diversas epidemias sofridas pelo povo a partir do contato com as fazendas de seu entorno, inclusive a Fazenda Castanhal, presente na narrativa de vários dos indígenas citados neste livro. Em 1976, conforme Maldi, os Zoró, tendo seu trânsito tradicional impedido pelas várias fazendas em seu entorno, resolveram se aproximar dos trabalhadores da fazenda Castanhal e, em 1977, atacá-los. Segundo relatos dos indígenas, eles se surpreenderam, pois não houve contra-ataque dos trabalhadores da fazenda.

Em outubro de 1977, a Funai resolve instalar um Posto de Atração, próximo à fazenda José do Carmo de Santana, na margem direita do Baixo Rio Branco. Como constam nos relatos deste livro, alguns Zoró resolveram entrar em contato com a Funai, apesar de estarem em dúvida por conta de conselhos de outros povos, como dos Suruí. Apoena Meireles, em contato com os Zoró, pediu a interdição da área em novembro de 1977 (um mês após a instalação do posto de atração). No entanto, a interdição da área somente foi decretada em abril de 1978.

Apesar de grande parte dos Zoró se estabelecerem em torno do Posto da Funai, alguns se mantiveram em outros aldeamentos, como o de Foz do Canaã. Procurando afastar os indígenas da ameaça de fazendas próximas como

a Castanhal, eventualmente a Funai decidiu alterar o local do posto para uma área conhecida como Igarapé Lourdes, onde ocorreram vários casamentos interétnicos, sobretudo com os Gavião, conforme narra Maldi. Segundo João Dal Poz, a maioria retornaria ao território tradicional ao longo dos anos seguintes – mas os efeitos do contato seriam sentidos, entre outras maneiras, por meio de vários surtos epidêmicos, que afetaram ainda mais sua população – que chegou a pouco mais de 200 pessoas em 1984.

Os Zoró somente passaram a ter maior segurança em 1991, quando foi concluída a demarcação da Terra Indígena Zoró – onde hoje reside a maior parte dos membros da etnia, – com o Decreto nº265, homologado pelo então presidente Fernando Collor de Mello, a partir da mobilização de diversas lideranças do povo indígena. Atualmente, a população da etnia tem passado por um processo de recuperação relativa, em termos numéricos: os dados de 2012 do Distrito Sanitário Especial Indígena de Porto Velho apontam a existência de 24 aldeias na Terra Indígena Zoró, com uma população de 605 pessoas, além de 16 que residiriam em território urbano, num total de 621 indivíduos.

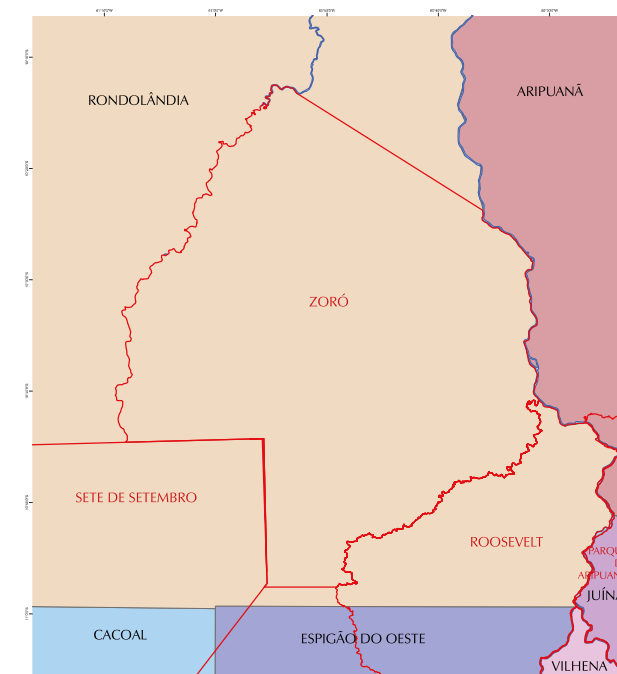
LOCALIZAÇÃO

Os Pangyjej Zoró, vivem na Terra Indígena Zoró - TIZ, localizada no noroeste do estado do Mato-Grosso, na região próxima a fronteira com o estado de Rondônia, entre os rios Roosevelt (leste) e o rio Branco (oeste). Possui uma extensão de 355.789,5492 ha. do município de Rondolândia. Foi homologada/regularizada pelo Decreto nº 265 de 29.10.1991; CRI 31352 em 05.11.87; SPU em 06.11.87. Parte da terra ocupada pelos Pangyjej Zoró, na época, ficou fora da demarcação e homologação que aconteceu em 1991.

A TIZ faz limites com as Terras Indígenas Sete de Setembro (do povo Paiter Suruí), a Terra Indígena Roosevelt e Parque Indígena do Ari puanã (ambas do povo Cinta Larga), que compõe o Corredor Etnoambiental Tupi Mondé.

Embora a TIZ se localize no Estado do Mato Grosso, a mesma está jurisdicionada a Coordenação Regional de Ji-Paraná (CRJP) no Estado de Rondônia, segundo informações da CRJP, o motivo é a proximidade com Rondônia para o atendimento aos indígenas.

DIAGNÓSTICO ETNOAMBIENTAL PARTICIPATIVO, ETNOZONEAMENTO E PLANO DE GESTÃO EM TERRAS INDÍGENAS - VOL. 3 – Terra Indígena Zoró – Autores: Kanindé – Associação de Defesa Etnoambiental e Apiz – Associação do Povo Indígena Zoró Pangyjej)



Mulheres Zoró dia a dia na aldeia.
Direita para esquerda:
Kaxig, Gudylij, Luana
e Taikinin Zoró, T.I. Zoró,
Rondolândia/MT



Xigip Zoró,
nascida em
25/08/1928,
reside na aldeia
Bepe Wej.

NARRATIVA DE XIGIP ZORÓ

→ **Tu tetê, tuta té tumena** jalaj ta um tusalia, ã kuj, jākuj, tukakut ta té tumenyn na, am wẽ tumãga, etigi de tujené tuweabi, ãbu pãga pamãga taj kinie ka. Tabin ga alej jãdé mene ka.

Fazenda ej ka bu tajena tabin ga, eté tãbaga wej ãga eka, eka bu tanejena tabin ga, tubin ga.

Atea pene, atea, ate tumã jalaj já saká tumã, taj kini pã um té de jij já, taj kini paj mã apã, ã kuj jij mã taj kini pã,

byp na zali tere kare, am jala mena
ã ká bu jij jena puã, xukuj teté bu
tumena taj kini pá, am wē ātigi té, uj
ta man jené, é bu jene taj kini pala kí.

Xirigapip bu malena jalaj ta ā kuj
pāgala kuja, pāgala ka tamalu, é
mena taj tá mene busá, tukamam.

Ma papa aka tete tamenā, byp
na zali, ana zali, anywej bu tujené,
anywej na tusali tamena újaj aka.

Taj kini pá té balej jena puã jere,
ena man kuj mena ji aká. Já pepuabi
bu tujena puã. Ā kuj bu tujena
tukakut ta pū.

Ixapuxurej bu sakena ā kuj pū,
ā kuj bu tujāwe sena pū, ākuj, ākuj
tamena ji aka, ā sapuj kuj, ūgājym ka
té de ji erené aweaka, byp na zali
tere ji mena aweaká. Am wē ūgājym
ka té.

Japwaba ej kuj , ābi bu tujena tuta.
Aratigi māj sapuj bu sakena ā kuj
puã, men māj sapuj.

Ebu tusena ā kuj tuta pū, atigi māj
sapuj ka, men māj sapuj, am wē anā
māj sapuj kí, men tajādé māj sapuj
ka. Am wené pājarej sapuj ka té.
Pāgỹjēj pamena balej sé ūgaj, ebu
ma ej mena apá.

Awí té má, atí ka té, ana té bu
ji erené, men de ji erena. Ikūlēj
kala ka té ji menā. Tajāwe kyj kuj ji
āgá, ekuj bu tukena taj tá. Ekuj bu
tujene tupala kí, takat mā apá ekuja,

Mamwajut bu té awi ekuj. Ena bu jij
jena apá puã. Tajāwe kyj kuj.

Atea puã, tubin ga tajabuj bu
tajena apá puã, epi bu tamalena tuj
ta Ikūlēj abia, Natali malena tuj tá ā
Bubyrej ka, ebu tumena taj ta, jalaj
ta, tupi bu tujena takajena pū. Pābí
um we na té de we jena kí.

Atea, anam wēj mena apá ekuja,
tājāwe kīj kuj tumakena tupalia
la tapi, ebu Natali wulena tujtena,
tūjawe ka.

Ali nuene, alia balej jé, tubip pi ma
ej mena tamapij pāgā balej jé men
dere. Byp na zali té kare, byp na zali
we panā.

Eté buzena, am tamena tujta
tapāgā, tabip pi tamena tapāgā
balej jé, tama kena taj tá, byp na
sakali lia balej jé, wijip pi tamakena
xitá balej jé. We panā té balej jene.
Bywej pāgā tamena alej abip pia.

Werewa té tumena taj kini pá, ené
tubí um de e ej jenenā, Wasylyp ta
man kí, Ganēpu ta man kí Kawup kiā
māj ta māj abi Suruí ej mena.

Atea jana té bu te tajena tubia bu
tū, tuj bewā tamena.

Pawā jere, péka bu te tajena,
tapere sut tere tere bu tamenā,
peka de tajena tubi kí, bulua de tajé
tukaj, ā ej tete bumā bulua tukaj:
Ikūlēj kí, Cinta-largas ej kiā majā,
jinam wēj tete mena tubi um wā.

É bulua de Xuruí ej já tukaj kí, tubí
tamena, xukuj tuj bewā, am wē etea
té kí.

Am tamā wāzet mā ā tupi, bulua
bu teja pāgaj, ane tamena wāzerit
aka um wena Wasylyp pat aka um
ena kí. Wāzerit aka tamena Wasylyp
pat nā. Bulua de taja pāgaj, ane ta
mé ma ā.

Akuj te xipitut et awia?

Ā kuja, ākuj bu tutamene sena
puã, eté buzene pābare kuj de
pāzané ā kuj kiā, aratigi māj pare
tete, ā kuj bu tupare āgena. Āguj
tapua tigi.

Pawanewā ka bu tajené tubin ga
jalaj erené, apá bu tabin gaj erené,
Zap ap tete āga. Ji té netasa ajam ka
tere, jika tere tamena tu bin gá, ji ka
tere zap mena apini, tubin gap ka.

Am tumā tupia, etigi de tujé tupí
kalan né takaj.

Werep té tumā am wā tawit kaja,
pú mālía té tumena, auj malītjē kí
açucar malītjē kiā tumena ta wit
na, tawit wa detujá, tawit maliā té
tumenā. Anam wā té bu tumena
tawit wē xig ka karea.

Tupi bu tuje tawit kaj puã, pāzut
kap má tumena tawit kaja, tawit wa
detuja kí.

É Sebirup bumena pawirēbi tawit
má tukaj, tawit māvā, ebu tawit wē
āga tukaj. Am tumena dea tawit



kaja. Tawit wa bu te tuja. Melancia
maliā té tumena.

Guxurej kaj bu tujena tupi puã,
gyja bu te ej ej sa pāgaj.

Tatút ta tumena āguj kyt, ebu
tumá wulu tuwit ta, tuni tyt, anade
tuni jé, ini teriyt ka té bu tujené
aratigi. Byra tere tumá kena tumēg
kap tyra, ebu tumá kena túbitara
tuni ta. Pabaxyn busákene pú ta.
Ena tumena tuwit mamalā kí.

Tusawijajej pit tere bujena puã,
ā jalaj peremi, zawijaj na pamena
aratigi, tusawijajej pit ta tere tumena
tukakut ta.

Tusawijaj tere mena wāzet na. ●

Gatur Zoró e Lígia
Neiva - Oficina
de arte na aldeia
escola Zawā Karej
Pangyjej, T.I Zoró,
Rondolândia/MT.

Tradução

NARRATIVA DE XIGIP

*Por Tereza Xipabekaj Zoró,
nascida em 21/01/1981, nora
de Xigip, moradora da aldeia
Bepe Wej, T. I. Zoró.*

Antes do contato era um sossego, porque vivíamos só entre nós, morávamos onde queríamos, caminhávamos para cá e para lá, íamos aonde quisessemos, apesar de existirem outros povos indígenas que nos atacavam. Após o contato com o branco, que fixamos em um único lugar.

O contato foi onde atualmente é a fazenda Castanhal, onde os brancos vivem. Ali aconteceu o contato.

Nós sabíamos da existência dos não índios, porque os nossos ancestrais os viram muito longe da nossa terra, todos os indígenas que os viram, naquela época, já faleceram. Quando eu era criança, eles contavam que não existiam os brancos na região e que percorriam uma grande distância para vê-los. O meu falecido marido sempre contava: “-Não é por aqui perto, não. Muito longe daqui”.

Xirigapip foi quem trouxe e morou, por um período, com os brancos em



nossa terra. Os brancos mataram o meu pai, quando eu ainda era criança, éramos em muitos filhos. Nós morávamos do outro lado do rio e frequentemente andávamos por onde os brancos ficavam, que era na região da aldeia Ixápuxurej, em uma capoeira. Em uma dessas idas, os brancos mataram o meu pai.

Antigamente, morávamos na região de Jap abã e os nossos ancestrais moravam onde habitamos hoje, ou seja, moramos na capoeira dos muitos antigos, no lugar das pessoas que nunca conhecemos. Somos Pägÿjêj e muitos morreram.

Os nossos ancestrais moravam nesta região e a geração deles moravam ao lado de onde é a fazenda Castanhal até a região da aldeia Äguj Tapua.

Os brancos fizeram contato com a gente onde hoje é a aldeia Pawanewã, todos os indígenas da época do contato já morreram, apenas Zap ap está vivo. Depois do contato, os brancos construíram as suas casas na região e estão morando lá até hoje.

Depois disso, o nosso medo diminuiu.

Os brancos jogavam para nós alguns alimentos, como arroz e açúcar, mas não gostávamos nenhum pouco da comida deles. No começo, não comíamos esses alimentos, porque tínhamos medo e achávamos que eram veneno,

aos poucos tivemos confiança, e depois de um tempo, começamos a comer.

Sebirup, líder do povo Ikülêj Gavião, falou que a comida deles era gostosa e nos fez provar. Assim, aprendemos a comer os alimentos dos brancos.

Os meus parentes dizem que os brancos roubavam as crianças, principalmente, nas guerras com outros índios. Eu ainda era criança nessa época e não estava lá. Roubavam crianças enquanto elas tomavam banho.

Nós conhecíamos outros povos, entre eles, os Suruí, Gavião e Cinta Larga. Os Suruí nos perseguiram muito, foram eles que mataram o esposo de Wasylyp, o esposo de Ganêpu e o esposo de Kawup. Acho que eles não gostavam da gente, porque até mataram a filha de Wasylyp. Se gostassem, raptariam ao invés de matar, porém não raptavam as mulheres para se casar.

Os Gavião nos levaram para a aldeia deles depois do contato, a minha mãe morreu de velhice, na aldeia antiga dos Gavião. Muitas pessoas morreram lá também, Mawäjut também morreu naquela região. Muitos morreram depois do contato.

Depois de um tempo, voltamos para nossas terras e fomos viver na aldeia Bybyrej. Na época, tínhamos muitos medos.

Os Suruí nos perseguiram e nos matavam. Não sei o porquê, sem nenhum motivo, eram bravos mesmo e não gostavam de nós. Os Suruí iam longe para nos perseguir e matar. Já os Gavião e os Cinta Larga gostavam da gente, não nos matavam.

Tínhamos muito medo deles. Eles não gostavam da gente.

A gente fugia carregando as crianças no anguj (tipóia específica para

carregar crianças), além dos nossos alimentos, das redes tradicionais e cestos de milho, com a ajuda de nossos maridos.

Nessa época, já éramos organizados e já tínhamos lideranças. Assim como os brancos são organizados, nós também já éramos, na nossa vida sempre tivemos líderes. ●

Zap Tig preparando mākia, espécie de forma de palha para assar alimentos: carne, peixe, etc.





Ao perceber rastros diferentes na mata, guerreiros seguem e percebem a presença dos seringueiros em suas terras.



Paliã Zoró,
nascido em
19/03/1944,
residente e um dos
fundadores da
aldeia Duadjurej,
T. I. Zoró.

NARRATIVA DE PALIÃ ZORÓ

→ Atea, ate tumá jala tesã kina, men dere tumena jalaj we tá, ebu pajena anã té jalaj ta kare puã bu we jena ũgaj. Ebu pamena tama ũ té epi, ebu ji té Fazenda āga eka, eka jala mā tuj tá ũjaj mā ũgaj nābuã.

Ebu pamena taj ta eka, jā bat kataj ta. Anã pa a puj dejena etigi kare. Enekuj bu bat kataj jena etigi, etigi mene kaj ne mesena āna te mēja jala we tá alú sena nū, é etigi pamena dulumí jalaj tena karea.

Tapat pāgā, tupat paliri bu tajena jiwe mi té kare puā, ena we mā apana ūgaja, é tigi té bu mamena takamam aka tawexut kā, ena we menena etigiena. Taj ta pāzali karea.

Ebu jalaj pali mādja kí aratigi māj mena etigi. Ebu ena apalidjap ka jala a ka tamena etigi, ena we mena tama ūē tigi pāgajena etigi karea.

Taj ta bu tajē apalia lé kala puā, tapāgē kala , ātē tāga éwemi pāgaj ajyrena, ewe turena té, ebu tamena pāzajej ta etigi, we má apanā etigi ūgaj nābua.

Āwā, am tamā má aka kare naliā būzena, am mà má ká matá, etigi

kare naliā, ebu pamena pābarej atini kí etigi takaj, ebu pamena eweka takamam akena, pābali dje na, pābarej atini pamena takaj, wexurim bu tamena eweka, ebu tamena pabí ma ā eweka, ebu tamena amadulu ī eweka pābi, ena we mena etigi karea.

Ikūlēj jā pū , Ikūlēj pābarej tere mena, ji ej ta pamena bala, aratigiena, Ikūlēj kí Cinta-Larga ej kiā māj, Cinta-Larga ej ta ne paja men tere nū, ebu pamā ā kuj pābitjē Ikūlēj ma ā. Jākuj pajāde Cinta-Larga ej ta man pi pamena pābitjē ā Ikūlēj kuj, é ej ta pamena bala karea, Cinta-Larga ej, ebu é ej mā pābarej pāgā ewemi té , ena.

Tapá set piri kí tete pamā é eja, enekuj bu ji ej jena bulua um pāgajena puā, am bulua man Suruí mena. Enekuj bu tāga anā bulua pāgaj, men dere ji ej mena pābí xig kena. Enekuj pamena Cinta-largas ej ta bala kare, ebu pamā Ikūlēj kuj pābitjē ā pepuabi tapi, tábí pajāde meneka. Ena.

Pāzu ka de tajena asugu tere, asugu tere tamena pāgajena, am tamā étet Cinta-Largas ej kala.

Ena tábiri kí té tamā bu tasena pāgaj puā. Tubiri kí té tamenā. Éna ej jena pāgaja. Enekuj bu Guxurej ji ej erena pāgabi.

Ebu tamena paj kiní um tá, we má apana pāgaja, ebu tamena gerebajej na pabiri kí kâzet, ena pamena pagun bá ena.

Gulua tere zat mena karea mene āgá, ena we mena apanā aratigiena. Āgena bude, we mapá de panūj. Ebu pamena pambitjē ākuj, wexurim bu pamena jā ej kaj pāzut ka tábí ena kiā.

Ebu pa igie sena tapi , enekuj mūj má a weajalá mene anga. Mūj jā pamá kaja, ebu é má ata ekuj, eweta bu é Cinta- largas ej sena, ate mēpat āga ābia lia pagajena.

Pābarej pāgā bu tajena, enekuj mēparej pyg āgena ābia, bu tasena pāgaj, ā Cinta-largas ej.

Am te Suruí ej et ma ma ā pābi?

Āūā am mamá ji ej mā pābia, enekuj bu tasena anā tere pābarej ta kare.

Dois jej na tamena awejala, we má apanā.

Ena pamena é ej wexut kenā, man pi bu pamena pawe ū tere tapi men kare, am wē anā kí.

Enekuj anā té pābarej paga wulu ā kuj pabin ga puā mene bu sakena, buja we panā, mēpat paga mena, Pixuí a bu pajena kaj.

É malena pābat paga na pabin gena, paj kinim kuru kena, ena bu éja we panā, eté João āga ena té pābat na, wakí kiā man na. Enam



wēj pābat mājij jena, butajena, bu tasena pāgaj puā bude.

Am tumā jala weta etigia mene āga, enekuj bu é Bēwá pajādé kaj man mena jala ikini aratigia mene āgena. Ebu é Zoró mākena í tara buligum wā mene āgena, é Gura ikinia bu wejena.

Ebu é kuj é mena jala ikini bala we āgá, am pamena pú ta aratigi karea mene āga, enekuj bu pajé wakí jīj ta kí wylywa ta kiā tete etigi, men, tere, am wē, werewa té pama pādere ikinia mena.

Te taj pābere mi té já ma etigia , te taj pābere mi té já ma etigi. Ebu ūjaj má ūgaj, am pamá jala weta ūgaj, enekuj etigi, aratigi man māká buligum jala weta mene tigi pāgaja mā ūgaj we panā.

Menina moça Regiane Kanzerikininim Zoró, aldeia Pawanewa, T.I. Zoró, Rondolândia/MT.

Ā Balibexi tut ta bukena, pytyg ípuj ka ji í puj tere ka. Ā mūj ga, mākena asaj ta kiā tete. Anawej tete makena bala kare. Ateté mi makena, bala jala ikini karea we āgena, asaj tá buzena, asaj takiā, ena we pane āgena balena.



Adolescente
Claudecir Zawābiaba
Zoró, aldeia Anguj
Tapua, T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.

Ena é újaj mā we panā ūgaja. Ebu mena épi ana tetaj já bereta ewe panā ji jādē ūgaj meneka. Ana tetajā, te taj pādere wa té jā , mā ji kaja. Te taj panūj wa té tea? Alia we āgā bu ji mā ūgaj. Ena.

Ā Balibexi tut ta bukena, pytyg í puj ka ji í puj tere ka.

Ā mūj ga, ā mūj ga mākena asaj ta kiā tete. Anawej tete makena bala kare. Ateté mi makena, bala jala ikini karea we āgena, asaj tā buzena, asaj takiā, ena we pane āgena balena.

Tupí tumā jikā, ebu, ji ka alej mena tabiri kí, bala pū. Pabin ga we āba ka tabí tete. Enekuj mā ji ka um ma aka, ema mābujaj já kí.

Ebu tumaka tupí tara taj kini nābu, am tamā ajā, am tamā túbí kala ena té.

Ebu tamā ajā um abi ka, tupealap bu jena jikena, jimi tere bu be jena, man pi pali tamapi tjeā bu jij jena kāzet, ebu tamā ajā um.

Ābi tumena tuké kala, ā tuta man kuru abi, enekuj bu ābi pāda mene kyj sena, āté pāga pepuabi, enekuj jābi pāda mene kuru sena. Ebu pamena epi pābitjē ākuj pāda mene kuru māga, mene kabi mene kala bu tumena ākujena.

Ebu tūj kena bala taj kini, tabíp pina, āna mene kala bá tasena pāgaja, é ji gaj ma papa mena. Am wā tasena pabin gé kalā?

Epi Cebola ej mābuja, é mena é bala jala tā, Ikūlēj ta asali, ena jala āga pama ā nābua ji mena tukaj, mene ka bu mēkā anā tasa mēkaja, gyjyg kaja, bu ji mé tukaj.

Te Cebola ej ma gaja, ma buja?

Mābuja, wyj, ākuj bu jena é Papaj mā ú tena, ji lwup xi tara.

Āūā, wyja būzena, ebu mena Ikūlū ta ebug pi kí, am wā ikūlū wāzera buzena.

Mādjup wa pamā kaj, ebu mena ā lwup xi tara xitena, am mana jala āga pāgaja bu ji mena tukaj, te tasā ena té pāgaja bumēkā bu tena tukaj. Ebu tuwulena gyjygaj ewe ka takajena.

Ga sega mi, bu tamā ga māga jibi, pābepuabi.

Ebu ji, gaj ijaj mena gyjyg, anā sakā bāga karea. Saga tere bu tukena nalí, gyjyg bu tumā kaj zereg pixa sakali. Etere bu wulena, am mā anā té tukaja, ebu mā opá! tukaj, ebu tūjena tupitjē pi, pabí tesawulena kāzet. Ena, tumena bala.

Epi bu takena tabin gena Zawewup ijaj kena pū, bin ga ūká ji mena, am wā paká, ebu, tábij té mākena tabin ga. Já Pāderewet ijaj jej. Pepuj ijaj kí, Pepuj ja bude. Māxiāzap kiā māj.

Bu tujabuj já kuj tuká kí, ākuja bug, ā té memakā mam gap peāga ekuj ā Zawenamwēj kuj tumalena.

Ebu tamakena ekuj tu um ga pabin ga, man kuj bu we paset māka kí, balejā tabin galia. Ebu tumakā tujbirixa té ekuj kí, weaj kini kí, te wemi terea. Ena alej mena tabin gena.

Ebu tumā gyjyg ga takaja bu tajena, ebu é Mawājut ra man mā amaga tena, ebu ji Zap ap parej já awe palika. Ewe pika tūgalia kaj.

Ebu é pabin gat wulena bala puā bu we sena, sulugup, é, xarap āka ji sali í pepu ka āduta, tig bu malena ji bin ga. Ebu ji mena apí té kaj kare, apí té kaj, am wā bu mena ji kaj kíba, am ūgena éká, tig bu mena bakuwā ma ā ji pi.

Bakuwā ta bu panujena tabin ga.

Ji panūj bu pākena bakuwā ta, pali ā nū kaja lia, é, pygyp bu, ma bakuwā mā alej pi, ena.

Anywēj tejena é beti ka eweka?

Pādeweret ijaj ja pū, é xisanū té, ma ej epi kí, enekuj ji tete mena darā, Mawājut ra man, é tete mena, dara atā mene āga. ā ka pāderej sali asygy té pāderej sali.

Ebu dois teté jalaj mena. Mem wā pamā kaj, é Ixājbi, mē te majena kina, epi Caroço, alej ma é kaj nābu, epi, anā tekinā, ate bexipu tere set āgena naliā lam.

Antonio, (Antonio) é pi ate māgena, ebu bexipu tere āgena. Gutawua lam. (Gustavo)

Tetaj í kata?

Am kare, ā abi té kare. Anā í salia neam, ā té í āga atē, atē í sali bu jij erena ta bin ga. Ebu é ji bin gé ka pāderej mena asawājā. Am wā sá jina mana alú kaja.

Ābi mene weta teté bu tujena, am tumā é ej weta karea, am tumā pādere te sawulu jibia mene ta karea. Gala ĩjum té bujena ātigi

Ebu tumaka tupí tara taj kininābu, am tamā ajā, am tamā túbíkala ena té.

kare, am pādere mā ji tigi karea.

Āpeabi māj, ji ej bu kena awanē bala, am ā ej malu bala awānea, ena.

Enekuj bu FUNAI wulena bala kare puā. Ā tabin gé tut bu FUNAI ere apini ji kena, pawanewā ka, enekuj ewe sali té ma malu jābi kī, ā ipiabi pusat mākī pāgaj kī, dipe sarat mākī, ena we mena apiniena, am jibi pé sali kare kī, ebu tumā eweaj kini bala, jābi meneāj kini, FUNAI ikini kiā ena tē.

Ebu FUNAI mākā ji kuj, enekuj butūj xikini um ena, enekuj tumā ena tetaja um kaj, enekuj é mena pabin gat na terea bu we sena, pabin gat na tere é jala menā, ebu mene dipe kī dabe kīa man ijala zap ka.

Ewe sali bu ā we mena apinena. Etigi té bu FUNAI erena apini, ebu tukena ji kuj ji Duej tigi ātigi te kī, ate alej āga ixagap igi etigi, ji tigi

pāzapuj āgena, ji tigi tumena zap ma ā. Ebalej mākena gakura ji kuj, ete alej āga we kaj ā bepewēj āga, bāg balejena bepem ikini é kuj. Men be malu, ena we mena apiniā.

Ebalej mā pāgala we mā pāgā, men tawulu buj ā pāguj Bubyrej kuj, ebalej mena ta bin ga kare. É pytyg, tamā awāné pāguj, e balej mākā gakura kī, Sábado ka bu pajena etigi gakura, ebalej mākā lpewyrej ka tete pytyg ga, ā jala malua balej mā māgere tukaj, é éka bu tujena ta bin ga bala, ewe kaj nalu sena nuene, ate pāzali FUNAI ta kī. FUNAI ma ā tere paja buj kī, ebu tumā jala kaj we panā. Jalaj āga tukala kā, etere bu tena tukaj, FUNAI ma pemakit, etere mākā, pytyg, āté tasali ga āzala, ji lpewyrej ka tere ga āzala puaēj, etere tumakā takabi, am bu pajena takue mi etigi, ana temesana tumā takaj, etere tamā apitjê tupia, tig tumā ma bin ga, tig, tig tigā balej mā tabina. Am tamā tūbī kala, enekuj bu mūj dé jena tug tuga álej kaj, tig malej mā é bin ga, é balej āgena tamali tjena.

Akuj te mēwulena é ej tá?

Ākuj, zap kuj, Bubyrej kuj, bubyrej kuj bu tuwulu taj ta, tapixā ta, anā tanēpu pixā ta, balāg, balāgā té, é pytyg, é aviāo bu jena



etigi kare, ebu zawijaj mā akue mākā, ā jalaj bin ga zarej mā. Ebu tamalu āka āguju, ebu tamalu tamaguju āka kī, ā ji-parana ka kī, ena tumena bala tabin ga.

Lourdes, Āūā, bala terebu tukena ekuj, ebi bu tūjena taj kini, ekuj bu tukena bala kare, é FUNAI ikinim kuru ka tere, tumakena ekuj karea, é pajaj kue pí, pajaj kue pí tere, ebu tumena tumāpē ekuj kare, pajaj kaj kare, ebu tumena ewesali té, pāderej bin ga, ebi tuwup kuj, ebi té bu pākā kiā tumena. FUNAI jādē jika amūj ga meneka, etigi de tūj FUNAI ijala jā kuj, ebu Pixuí a man tete mena jika ata, jala é FUNAI tena, ena we mena apiniā.

Tumi té bu tukena, é mem, Sebirup ma papa bu wulena, bu tena ākuj bu pajaj kale āga tukajena, mene ka bu tukena ekuj, ā tupi mi, tukena, ji Fazenda mi, pytyg bu tukena tupimi ekujena, meneaj bem té bu ma ej makena, ākuj pābarej āga mene ka.

Ebu tujena ekuj, mūj kawu ka ne tūj ekuj nēne, mūj kawu ka tumā tuta ekuja, ebu tumena tuj birixa te ākuj te kī, ena tumena bala, ā kala ijalā,

Epi tere bu pamakena we ta kare nalī, epi bu we parare āgena, ebu pamakena webit wataga jā kuj gala mā āj kuj, pawanē. ●

Meninas Zoró, aldeia Anguj Tapua, T.I. Zoró, Rondonândia/MT.

FUNAI jādē jika amūj gameneka, etigi de tūj FUNAI ijalajā kuj, ebu Pixuí a man tete menajika ata, jala é FUNAI tena, ena wemenā apiniā.

Tradução

NARRATIVA PALIÃ ZORÓ

Carlos Kāj Wet Zoró, nascido em 03/02/1988, profissional técnico de enfermagem, atuando na T. I. Zoró, residente na aldeia Duadjurej, filho do Paliã – Intérprete.



Sabíamos da existência dos brancos. Os mais velhos diziam que já tínhamos vivido com eles antes do contato, eram os seringueiros, que andavam onde hoje é a fazenda Castanhal, depois nos afastamos deles.

Roubávamos as suas ferramentas e eles sumiam. Nessa época, os antigos se embebedavam junto com os seringueiros, até que um dia, um dos nossos, bêbado, matou um seringueiro. Depois disso, eles sumiram e não os vimos mais. Assim, foi o encontro com os seringueiros.

Os mais velhos contam que os seringueiros queriam ficar com as nossas mulheres, como acontece hoje, por isso um de nós matou um deles e também porque estava embriagado e com ciúmes. Não deixávamos os seringueiros raptar e nem casar com elas. Depois disso, os brancos começaram



Seringueiros praticando sequestro de mulheres Zoró.



Ambura Zoró e demais mulheres em atividade diária no pátio de sua aldeia, T.I. Zoró, Rondolândia/MT.

a sua vingança, mas logo após, eles sumiram.

Antigamente, chegamos a viver com outros povos indígenas, como os Gavião e os Cinta Larga, eles eram como nossa família. Primeiro, vivíamos com os Cinta Larga e depois fomos viver com os Gavião que se casaram com algumas das nossas mulheres.

Só não nos dávamos bem com os Suruí, que são outros povos indígenas. Eles nos odiavam e nunca quiseram conviver com a gente. Desde muito tempo, eles nos perseguiram, matavam e faziam o mesmo com os Cinta Larga.

Chamamos os Suruí de Guxurej. Os antigos diziam que eles eram espíritos maus, por isso nos matavam e a população diminuía. A partir

daí, começou nossa fuga definitiva, os Suruí disseram que um de nós tinha ficado para trás, era o índio chamado Mũj.

Enquanto os Cinta Larga pegavam as mulheres do nosso povo e faziam filhos com elas, os Suruí não as raptavam e nem se casavam com nenhuma delas; somente hoje em dia eles se casam com elas. Depois do contato, apareceu uma pessoa dizendo que era filho dos nossos, chamava-se Pixuí. Ele contava que era filho de um dos nossos, assim como João e Wakĩ.

Só soubemos da existência do branco muito tempo atrás, porque um dos nossos, chamado Bêwã, o encontrou. Ele viajou muito longe, descendo os rios de canoa, encontrou o branco e achou que era Gurã (Deus), foi nessa viagem que descobriu o branco pela primeira vez.

Com o descobrimento do branco, conhecemos várias novidades.

Antigamente, nós só tínhamos ferramentas feitas de dentes de cutia e a Wylywã que era de pedra esculpida.

O meu pai dizia que não os conheceu e que ficava imaginando se eram iguais a nós, Bêwã dizia que sim. Depois que ele me contou essas histórias, eu fiquei pensando: “Será que eles são iguais as pessoas? Será que são iguais a nós?” e meu pai dizia que sim.

Contra-ataque dos Zoró aos invasores seringueiros.



Zoró vê o branco pela primeira vez, entre as regiões dos rios Roosevelt e Branco.



Para o primeiro encontro com o branco, Bêwã viajou com a sua esposa e família sozinhos. Desceu o rio Branco e navegou muito até chegar em um rio muito, muito grande.

Antes do contato oficial, tínhamos muito medo do branco, até porque, na época dos meus tios, os antigos mataram um deles. Uma vez, fomos vê-los, tivemos muito medo, mas eles não pareciam ter medo, não queriam matar.

Eles ficavam no nosso caminho principal, como precisávamos passar, nós atacávamos para que saíssem de lá, mesmo assim não saíam.

Hoje, vivemos onde era nosso território mais antigo. A história conta que queríamos ir para o outro lado do rio Branco, onde conhecemos como nosso novo território, mas os brancos começaram a entrar nesse novo território. Isso foi há muito tempo, antes do contato oficial.

Aos poucos, o contato aconteceu, assim, fomos ver o quê de fato os brancos queriam conosco. O meu avô materno ficava se perguntando, o que eles queriam e se realmente nos pretendiam conhecer.

O avô do Cebola, que morava com os Gavião, também os conheceu nesse tempo. Ele dizia como o branco fazia quando queria fazer contato, que devíamos gritar e responder.

O avô do Cebola vivia com Papaj Mã ú às margens do rio Machado. Ele se chamava Mădjup, conviveu com o branco no rio Machado, dizia que o branco não era mal e que provavelmente não ia fazer nada com a gente. Por isso, fomos gritar para os brancos, para chamá-los, quando passamos no meio de um capim e vimos que eles já tinham feito as suas roças.

Mădjup começou a gritar para chamar a atenção deles e ver como iam reagir, estávamos prontos para matar. Gritamos, enquanto alguns deles lavavam roupas no rio e nos responderam: “Opa!”, mas fugimos pensando que poderiam matar.

Depois, em outro momento, o pai de Zawêwup, o pai de Păderewet, Măxiăzap, o pai do Pepuj e o próprio Pepuj foram tentar fazer um contato e perceberam que não iam ser atacados. Nós já tínhamos voltado para a aldeia Zawenăwêj, onde hoje se colhem castanhas.

Quando estávamos na aldeia, a notícia que o contato tinha acontecido chegou, por isso voltamos ao local para ver a novidade e se o contato realmente tinha acontecido.

Depois que retornaram, passaram a nos contar como foi, disseram que gritaram para os brancos e Mawăjut ficou esperando. O pai de Zap Ap estava



escondido, como vigia, para o caso de começarem o ataque.

Então, veio o primeiro branco de barco para o nosso lado, viu Mawājut na beira do rio e se aproximou. Mawājut ofereceu bananas e ele as pegou. No começo, Mawājut estava com medo, com muito medo ainda. Os brancos articulavam alguma coisa, talvez naquele momento o branco dizia para não ficar com medo, que não ia matá-los, e depois pegaram as bananas.

Usamos as bananas para amansar os brancos.

Muitos de nós ficaram de tocaia para proteger Mawājut, que não se escondeu.

Eram dois brancos que se chamavam Jaime e Caroço. Depois, vieram Antônio e Gustavo. Esse último parecia ser o chefe, o principal.

Era época de começo de enchente. Quando os brancos se aproximaram, muitos de nós apareceram e foram lá também para ver o que aconteceria.

Meninos Zorós recebendo ensinamentos sobre a cultura, na aldeia escola Zarup Wej, T.I. Zoró, Rondolândia/MT.

Nessa época, a floresta era virgem, não tinha a presença de ninguém, só existia a gente.

Depois, ficamos sabendo das invasões na região da fazenda Castanhal e não sabíamos que já aconteciam invasões também na região do Rio Pacaranã. As invasões se iniciaram na região da fazenda Castanhal e, em seguida, começaram as invasões na região do Pacaranã.

Antes mesmo do contato com a FUNAI, os brancos já tinham aparecido na região da aldeia Pawanewã. Lá, eles deixavam ferramentas às margens do Rio Branco, isso acontecia antes das invasões.

Quando a FUNAI chegou e começou a andar por aqui, deixavam ferramentas como facão e machado, alguns de nós diziam que ela servia para isso mesmo.

Enquanto a FUNAI chegava por aqui, fomos para a nossa aldeia Duej, onde achamos o garimpo, lá tínhamos uma capoeira e uma maloca antiga.

Um dia, fomos caçar na região da aldeia Bepewej e foi encontrado um cruzamento de estradas, ou seja, alguém já tinha feito estradas. As invasões já tinham começado e estavam chegando próximo da aldeia central.

Chegaram na aldeia Ipewyrej e pela manhã nos reunimos para

conversar sobre o que estava acontecendo. A FUNAI já estava em nosso território e avisamos sobre as invasões.

Quando encontramos brancos na Ipewyrej, nós os amarramos, eles já estavam roçando o local. A roçada era grande. Mesmo não conhecendo a língua deles, aproximamos e perguntamos o que eles estavam fazendo lá e eles fugiram, pegamos os que não reagiram e depois conseguimos aprisionar um que tentou reagir.

Os brancos foram levados para aldeia central, aos empurrões e com as mãos amarradas. A FUNAI fez o comunicado sobre o aprisionamento e levou os invasores de avião para Ji-Paraná. Nessa época, somente o avião tinha acesso aqui. Essa foi a primeira retirada de invasores da nossa terra.

Antes disso acontecer, estávamos todos no Igarapé Lourdes (hoje, Terra Indígena Igarapé Lourdes), logo depois, a FUNAI entrou em contato. Assim, deixamos a FUNAI sozinha na nossa área, junto com Pixuí e fomos ao Lourdes, onde começamos a ouvir a palavra de Deus para que todos se tornassem cristãos. O pai de Serbirup, líder Gavião, que nos chamou, somente depois que retornamos para cá, vimos e expulsamos os invasores. ●



Crianças Zoró
brincando – T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.



Raimundo Betabi Zoró,
nascido em 19/06/1967,
líder e fundador da
aldeia Tamali Syn, T. I.
Zoró, líder religioso/
pastor evangélico.



NARRATIVA DE BETABI ZORÓ



→Enekuj tumena mem é, pama contato mena, mem
wepere kála na bapuã, am pamã é ena te pāza pābinia
liã mene ta, ate história mã ena té é, pābini pāga
pāderej ikini pāgena liã mene teremá é aratigie na,
mene wulu pí tere bu pamá é ena wejädé mene ka ena.

Ebu pamena aratigie na abuna 300 anos ka epiena,
am pamena mēdereá we āgá, ebu pamena é Suruí ej
ta kī Cinta -Larga ej ta kiã ena tea jã pepu abi men



Meninas Zoró ,
T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.

gare, já lkabe pewá ādat kuj, ena pamena pāda etigia, etigi té bu pamā, pamā pāgala um ji wāzej kaj mene kaj, separā kí pāgaj kia, ena pamena aratigia.

Āna pamena separā pāgaja: Ebu é Zoró ej tete mena aputú māga

etigi, anā te pāza jina pé sādē pāgaj mene kā tamena.

Etigi té bu abuna Suruí et convidar é festa mǎgē kaj, ebu utimo dia āgena tama festa nena etigiena, ebu Zoró ej supup mǎkena ēkujena takum aka.

Ataques entre dois guerreiros Zoró e Suruí.



Zoró sequestrando crianças Suruí após os ataques, da mesma forma que os Suruí faziam com os Zoró.



Ma ej jādē ekuj Zoró ej na māj ma ā. Ē ātē pāga ā Ikūlēj āga paj ta, ena māj supup mā tamakena é karabi kā we āgena. Anā kiri tajala té, ebu tamene ā aka.

Ebu tamena ā ej tesakena zawijajej na kinā māj ma ā tete é, Zoró ej mena ena tea, Pāgỹjēj mena ena tea.

Ēpi ā ej jāpi é pamā epi kiā meneka tamena zawijajej ma ā é karabi ka we āgena, ebu tamakena ibalé kuj bala kare, ebu tamena convidar epi ewe ka mēká tuma ká

karea, é ebu tamalena tābi betara é ā ej pasera sakena kinā māj abí wazijajej na é Suruí ej pi.

Ebu Suruí ej erena convidar takajena ā festa kajena, ebu tamakena asupup mi Zoró ej Pāgỹjēj mākēna. Í pi ka tete mēkēna tumaká bu Pāgỹjēj erena takajena, ebu tamakena ípi ka tete tamāká nalī, é tamena tābí palia té. Etigide é iwap ma pronto tere jena é Pāgỹjēj ma saída na.

Enekuj tamena betara té í ābi ka tabia, cada um mena apupirā



Meninas Zoró,
T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.

- Enekuj ujaĵ mā we panā,
- etigi de bixāgī tete pajakena,
- garabi ta kiā. Ebu pamena
- abuna cinco dia pawane ĩpi
- ka. Etigi de tajena xukuj tere
- tabiena iādat kuj, ebu tamā
- āwanē ekuj.

• ā tere ama ĩwāp ka mā, ebu iābi
• taratē tamena tabi, ena tamena
• tābia. ĩi ĩpi kuj, Rio branco wepi kuj.

• Ebu Zoró ej mena aka bixāgī kī
• garabim kiā akā, akā tete am wē
• amāga, etigi detajena ĩ tut ta aka,
• ena té itut ta aka, persegua takaj
• ena té mene kabu tamena ĩ tut ta
• té akā garabim kī bixāgī kiā até
• āwānē ĩpi ka.

• Enekuj ujaĵ mā we panā, etigi
• de bixāgī tete pajakena, garabi ta
• kiā. Ebu pamena abuna cinco dia
• pawane ĩpi ka.

• Etigi de tajena xukuj tere
• tabiena iādat kuj, ebu tamā āwanē
• ekuj.

Ebu tamena ama ĩwāp ma ini kī
tere paj bep ikini tajapia mene ka,
Zoró ej, tamena, jā pepuabi akā
Rio Branco pepu abi. Ena pābalia
lē mena tapiena.

Enekuj pāda mene parat mena
epiena, am etigi seringueiro
ej mā, enekuj zarej tete mena
etigiena, am wē ē jalaj mā etigia
mene na.

Éte bu Pirykuryrej sa etigi,
jimi tamakena, enekuj ē ej tete
mena etigi ē PiripKuryrej tete, ebu
PiripKuryrej mena pāka um, ebu
tamena tasygy té ata etigiena,
pamena etigia, tapealā té, am wē
tajkiena, āka te tasā tete.

Enekuj pamena ē Ikūlēj ikiniā,
ma ej ikini tere kī. Ebu pamena e
ej ta epi kīgare. Ākuj, āté we āga,
pājābi kuj tamena taj kini. Ebu
pamena ē ej téna epi kiā, ali kīgare.

Ebu ena té tamā separação
māgé tigi akaj kiā, ena wāzej kaj
té kī, abuna paja Vinte pouco
anos taj tena, ĩkūlēj ta. Ikūlēj ta kī
Wetjyngyrej ta kiā ena tea.

Ena pamena pajtena etigiena.
Enekuj ujaĵ mā ena pamā bala taj
tā mene pana um ũgaj, ate ema
contato āgena naliā. Abuna pajena
men dere taj tena ena té.

Pāgue té mā épi bala separar
mene tigi ena tea, mene ka ne

Zoró fez estratégia de vingança, com emboscada para se vingar dos guerreiros Suruí; eliminando os mais importantes deles.



pāga ākujena iādat kujena Suruĩ
ej kuj nũ , ena we mena kia,
pajbirijala té pamena pāguy kiena.
Ā pepu abi té.

Enekuj pamena é pepu abi taj
kiniā, ā pepu abi pamena jalaj ikini
Ikũlēj ta tasali tere pamena taj kini.
Ebu pamena ena.

Ebu Cebola mǎbuja terejena
jalaj ta, taj ta etigi puā men dere,
ebu é mena ena jalaj ta mene
āgalia pāgaj.

Ebu jalaj mena awag té epiena
pabiri kiena puā, abuna ma ej
pereka ka zarej na.

Cebola ma kut kut é? Ā ā é
mena jalaj tena.

Ēpi kīgare, Pāgỹjēj té mena jalaj
abi awexut ka. Men pamā taj ta,
ebu tamena tǎbi epi kĩ, apasalé
wulu kĩ, ena.

Ebu Wetjĩgyrej kĩ Ikũlej kiā mǎj
mena apasalé wulu pāgaj eweka kĩ,
mene ka bu pamena pawegi tapi.

Ēnekuj tamena aj kini mǎtē
kala, apakup ikini ma tue kala
tete Pāgỹjēj mena pesut ka kiā ,
ta tǎg nǎ, apasalé wé piké kala
tete, amatue kala teté, anǎ man
mǎ mene matue kala tete apasale
matú.

Ebu tamena mǎkuj té apalia la
karea, ebu jalaj mena tǎbĩ gulua
tere pǎderej abi.

Ji pepuabi pamā gulua tere
paweabĩ jalaj miā we āgena.

Ebu tumena í katena ā kuja, ebu
we kuru āga, am mǎ we kǎj terea.
Enekuj bunena jā pepu abi ena té
uala. Abuna é 50 pouco anos tete
sena epi.

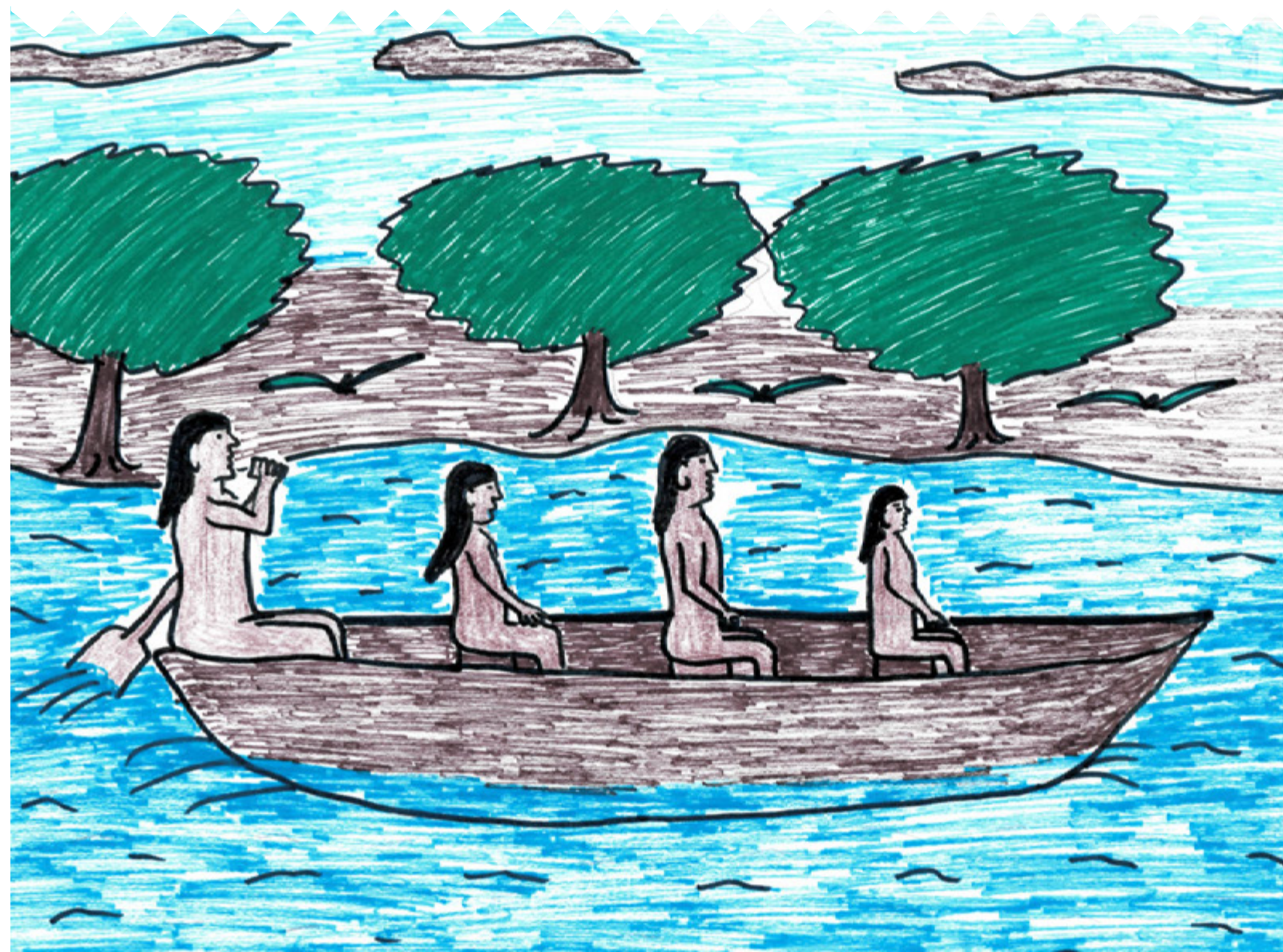
Ebu é ma ej mena aweajala
ena té ma ej wulu buj ā kuj
ena tea, enekuj Zap ap wej mǎ
aweajala jāpepu abi kere, abĩ sali
té tamena awejala, ebu ekuj tasali
té Castanhal mena be mǎga, ebu
tamā eweka awulu, am wē men kĩ.

Ebu tamena ena tajāde ajǎ um
abĩ ka menekena epi té aputu
mǎga kiā, ana tepǎ jiwe ka?

Ebu tamena apere wepea bu
pamā jalaj tǎ, bu pamā mũje na
mene kaj apere wepena. Ebu
Zabeawej té mena pali ewe mia,
pali ewemi pabin ga, ate mǎ we
pirea tamena akaja, meneka pali
jalaj bin gǎ, ate tǎga pamā epi tea,
ena tamena aputú mǎga epi té jalaj
bin gé tigiena.

Ebu Zabeawej té mena tabin ga,
tapere xipu na, e ej tete bu jena
gyja mene kala atena puā , ena we
mena āwe mǎgena. ●

*Fuga dos guerreiros Zoró pelo rio Branco, região da
aldeia Imbupeaxurej (Chiquinho).*



Tradução

NARRATIVA BETABI ZORÓ

Alexandre Xiwêkãlixig Zoró, nascido em 18/12/1994, professor e atual presidente da APIZ - Associação do Povo Indígena Zoró diretoria 2021-2024, morador da aldeia Guwa Puxurej – Intérprete.

O contato entre nós e os brancos foi um evento um pouco estranho, porque não sabíamos o que fazer. Antigamente, as histórias previam o contato com outros povos e o que foi previsto se realizou naquele momento.

Há aproximadamente 300 anos, convivíamos com os Suruí e os Cinta Larga na cabeceira de rio Roosevelt, vivíamos juntos até que um dia nos separamos por causa das nossas mulheres. Naquela época, os Zoró se reuniram, chegaram a um consenso e estabeleceram uma estratégia para que a separação acontecesse.

Naquele momento, chegou um convite de uma festa na aldeia Suruí, o último convite de festa na aldeia deles. A população inteira do povo Zoró foi participar da festa da matança de um animal capturado.



O objetivo dos Zoró, no dia da festa, era buscar as famílias que viviam entre os Suruí. Os Gavião faziam o mesmo, pois não podíamos deixá-los lá.

Os Zoró sabiam quais eram os principais guerreiros Suruí, então, cada guerreiro Zoró, os Pägÿjêj, já estavam prontos para matar aqueles famosos guerreiros.

No dia festa, cada guerreiro Zoró sabia qual guerreiro Suruí iria matar. Os Zoró também sabiam que como consequência os Suruí iam atrás deles, para matá-los. Por isso, atacaram primeiro os principais guerreiros Suruí daquele tempo.

Todos os Zoró foram participar da festa, como se estivesse tudo tranquilo. Depois do término da festa, eles convidaram os principais líderes dos Suruí para acompanhá-los até a margem do rio, como de costume, e ali aconteceu o que combinaram.

As canoas já estavam prontas e o povo preparado para o plano de fuga. Fugiram.

Cada guerreiro Zoró, colocou um guerreiro Suruí em sua canoa. Os guerreiros Suruí foram mortos nas canoas. Os Zoró estavam longe do cruzamento com o rio Branco.

Desceram o rio Roosevelt até chegar no rio Branco. Os Zoró viajaram dia e noite sem parar, descendo o rio, pois

sabiam que os Suruí poderiam ir atrás em perseguição. Foram muitos dias sem parar, até chegar no rio Branco e começar a subí-lo.

O meu pai contava que viajaram dia e noite e chegaram em cinco dias, aproximadamente, às margens do rio Branco.

Chegando às margens do rio Branco, do lado onde atualmente fica a fazenda Castanhal, afundaram as suas canoas para não deixar nenhum rastro. Essa foi a grande estratégia do povo Zoró. Assim, fugimos dos Suruí do outro lado da margem do rio Branco.

Naquela época, tivemos uma vida de sossego, tranquila e harmoniosa, porque não existia o seringalista, somente nós existíamos. Nada de sociedade envolvente.

Vivíamos na região onde hoje vivem os PiripKurá, eles também viviam lá. Nós morávamos próximos uns dos outros e não existiam conflitos.

Depois disso, encontramos o povo Ikülêj Gavião, convivemos com eles uns tempos e encontramos eles na direção do igarapé Lourdes. Vivemos juntos por um bom tempo. Em determinado momento, separamos, também por causa das mulheres, convivemos com eles por aproximadamente vinte anos em paz, da mesma forma, vivíamos com o povo Arara.

Assim era a vida na época. O meu pai não me contou se existiu o contato antes desses, mas sei que existiram contatos anteriores e separações, motivadas pelo rapto e casamento com nossas mulheres, bem antes desse contato com os Gavião e os Arara.

Talvez seja por isso que subiram o Rio Roosevelt, onde moravam os Suruí, a fim de terem esses dois lugares para refúgio. Íamos e voltávamos. Só depois viemos para onde estamos.

Nós encontramos os brancos naquele lado de lá depois de um tempo, já viviam junto com os Gavião. Na época, quem

primeiro conheceu os brancos foi o avô do Cebola, foi ele quem apresentava um pouco de conhecimento sobre os brancos. Logo depois, os brancos espalharam-se naquela região matando o nosso povo.

Depois de algum tempo, os próprios Pägÿjêj, nome do clã mais bélico da época e hoje autodenominação do povo, começaram a matar os brancos, mas já os conheciam. Os Pägÿjêj eram bravos.

Os Arara e os Gavião ficaram bravos com a gente. Isso foi mais um motivo de separação entre nós.

Rio Branco, T.I. Zoró, Rondolândia/MT.





Marcelo Ning bep Zoró, passeio de bicicleta pela aldeia.

Os Pãgỹjēj queriam mostrar que eram fortes e destemidos. Quando eles se zangavam ninguém os seguravam, eles eram assim, queriam mostrar como eram fortes, corajosos e valentes. Então, fugiram para a região da fazenda Castanhal, mesmo assim os brancos atacavam cada vez mais. Os mais antigos contam que os brancos mataram muitos do nosso povo na região entre o rio Machado e o rio Branco.

Então, atravessamos o rio Branco para este lado, onde nasci, mas essa é uma história recente, não é muita antiga, acho que tem cerca de 50 anos.

Outras famílias ficaram daquele lado de lá do rio Branco, enquanto outras já estavam deste lado. A família de Zap Ap ainda ficou no outro

lado do rio, mesmo com os brancos atacando. Quando eles moravam lá, a fazenda Castanhal abriu uma picada, vendo isso eles atravessaram o rio.

Como os brancos se multiplicavam e não desistiam de nos matar, reunimos para pensar uma nova estratégia. O que fazer?

Então, lembramos que alguns de nós viveram juntos com os seringueiros. Assim, os Zabeawej, clã do povo, decidiram fazer o mesmo, já que não tinham outro jeito, decidiram entrar em contato com os brancos como uma tentativa de sobrevivência. Essa foi a estratégia. ●



Kaue Basanaj Zoró,
T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.



Francisco Xikitka Zoró

(Chiquinho), nascido em 04/07/1951, líder e fundador da aldeia Ībupeaxurej T. I. Zoró.



NARRATIVA DE XIKITKA ZORÓ



→ É āga lia e pāderej tere mā, am bu jala jena atigia, am pādere kapi fazenda āgana, bat kataj tete bujena men ji ka, am anā té kī. Pādere um weka tumena, ā kala ijala tena, tu kat kut ta, tu ka kut ta tumena pādere um jāde atigi mene ka, mābi tagāg mābi tīgā tumena í sala.

É āka bunena binina, ātigi u ala we āgena, ātigi Japwaba xika.

Arte plumária do povo Zoró, T.I. Zoró, Rondolândia/MT.

À direita,
Am tere Zoró,
T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.

Éte buzena am bu jalaj jena
ātigi puã, ebu mā ujere pini
ātigia buzena ēgajena e ebu
mena ūjere pini ātiga kare am wē
ūjere pini tere kare, ebu umalena
Barāduxiādarej ka ūjere pini jana
te karea.

Etigi bu tujajej ma tujta ā Zakūjij
we mābaga ji tigi bunena ūjere pini
tere. ji Zakūji ka.

E āka te kī Barāduxiādarej ka,
ebu jij ma jala āga bat sala lia
balej mā tu kaj kī. Ebu tuma akuj

*Ebu tumakā māgere xikinia,
ā ūkā sagā tujaj mā tukaja,
Xibiti ma. Ebu ta supup
makena, é ji xisanu té ji
Manoel alu pat*

te pādere sena tuma, akuj te jalaj
sena. É tigi té bu ā tujajej māka
ji Barāduxiādarej kuj buliwej aka.
Barāduxiādarej xipi ka ka bu tusap
puj sena ji té Fazenda āga eka.
Ebu jij mākā é ī kuj buliwej aka. ebu
jij ma jala ikinia, am pāderej sali kī.

Byp na té zali karea. Ebu ména

wepí té kare, am bu pāzena pé
kala pābygyj ka kare. Ebu jij ma
iwap piri kī a káp na sabi ī katap na
ji ī wepi ka, é tumā bala jala ikini, é
tāg bu tumā ī sala kī tusupup mi.
ā jābi nejena awulu nū, ebu malena
awané te tukaja, am wē jala kinim
buj ka kiā.

Ebu tumakā māgere xikinia, ā
ūkā sagā tujaj mā tukaja, xibiti ma.
Ebu ta supup makena, é ji xisanu té
ji Manoel alu pat.

Ebu xisanu jena, ebu tuma kā.
Men jā buj zap ma,ā. ebu tumaka
zap putu ikini, jā bip kyp sabé mi,
bipkyp xawa démi.

Xiri mājā tete jij mā, anyn dé
alej māká amakí pekata. Etigi té
bu taj tuperepi, xyn xyn na bu
tuja wasa pere pājā. Wasa te
sakena nejena nuā. Eka bu jij mā
xirimajā tea, ebu tumā tupitjê té
pi, ebu jij māká janyn dé amakí,
saga tere panga karea, ebu alej
māka ajbirixa té xikini karea, ebu
alej malu tupasep ta, bu ma aka, é
men mā aká amā iwāp tarā, wa de
tena aká ajbep kuj té.

E etigi Pāgŷjēj mā ā pepuabia,
ābi té tamena ata etigia.

tu supup kā tumā ā pepuabi
kīgarea. Ebu tumā epi té aká jandé
mene ka ī kata ābi té kī. ●



Tradução

NARRATIVA XIKITKA ZORÓ

Valdemar Tagabá Zoró, nascido em 18/10/1987, professor, morador da aldeia Webajkarej, T. I. Zoró – Intérprete.

As pessoas falavam que existiam os brancos, mas aqui eles não tinham aparecido ainda, onde atualmente existe a fazenda Castanhal, não tinha nenhum rastro de branco. Recentemente, o seringueiro apareceu nesta região, mas nós já estávamos aqui.

Por isso, o nosso povo era livre, andávamos onde queríamos, deixávamos esse lugar, íamos para outro e voltávamos de novo, a transição acontecia, porque essa região era somente nossa. Não tinha ninguém aqui além de nós, por isso vivíamos neste lado e do outro do rio Branco.

Eu nasci aqui mesmo na margem do lado das fazendas, por aqui fica a aldeia Japwabá, mas cresci em uma aldeia chamada Barādúxiädarej, nela me tornei um jovem, depois morei em uma aldeia chamada Zakūjjj, onde me tornei um homem.



Arte plumária – coroa radial Zoró, T.I. Zoró, Rondonândia/MT.



Xajyp Zoró, T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.

Na aldeia Barãduxiãdarej, apareceu o branco seringueiro, as pessoas contavam que tinham visto o branco, então já queríamos encontrá-lo. Até que um dia os meus tios foram pescar, a aldeia Barãduxiãdarej ficava onde atualmente pertence a fazenda Castanhal. Eles foram pescar no rio que banha a Barãduxiãdarej e ali encontraram o branco.

Eu era criança na época e ouvi falar que o pessoal tinha encontrado o branco, mas uma criança não está nem aí com essas coisas. Eu era assim na época.

Nós fizemos uma canoa para ir encontrar o branco, o encontro aconteceu no rio Branco. Todos fizeram a travessia para vê-lo. O branco vinha subindo o rio e chegou onde estávamos. Nesse tempo, eu nunca tinha visto um branco e esse foi o primeiro encontro com eles na região.

No dia seguinte, logo pela manhã, o meu tio Xibití levantou e disse que iria encontrar o branco, foram praticamente todos, além do irmão dele e o pai de Manuel. Quando retornaram, contaram que viram casas construídas com madeira de açaí e também disseram que não o mataram, pois erraram o alvo. Após errarem, se esconderam para tocaíá-lo, mas, de repente, o branco sentiu a presença deles, que logo passaram a imitar a anta. O branco pensou que era uma anta. Na segunda tentativa, erraram de novo e fugiram, mas não foram para longe, pararam e decidiram que ainda iam tentar matá-lo. Voltaram para lá de novo e depois chegaram na aldeia trazendo a notícia que ele já tinha ido embora de canoa. Talvez teria voltado de onde veio.

Nessa época, todos nós fomos morar do outro lado rio Branco que é a região central, logo depois, o seringueiro foi embora e retornamos para cá novamente. ●

As pessoas falavam que existiam os brancos, mas aqui eles não tinham aparecido ainda, onde atualmente existe fazenda Castanhal, não tinha nenhum rastro de branco.

Kaiane Takuewulup
Zoró, T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.





Manoel Tuatjut

Zoró, nascido em 23/04/1959, liderança e morador da aldeia Āguj Tapua, T. I. Zoró. Atua como orientador da cultura nos trabalhos junto as escolas Zoró.



NARRATIVA DE TUATJUT ZORÓ



→ Bixāgĩ, pāgáp abi jalaj āgena paká, pāgáp ka pam ka.

Zapwedug tetea, pāwānem tete na zapwedug menā, karap xin xin tetea.

Ebu tujena ātigi í pia abi, ā ípia bi FUNAI mena awanē bala tere, men jalaj bin ga buj tukaj kĩ.

Āxira tusali jalaj bin ga, men tujabuj jalaj bin ga. Ebu jibi FUNAI mena awane, ji té Caneco āga étigi.

ó,
o pela
a rede,
uj Zoró,

ia/MT.

Ebu tumá jalaj abí té kí ji ũdera ej mā kia, ji Chiquinho āgena tapetara tere, étigi ta makéna é xi tara Zakūji tara tama kena abaga, ji í pi abi tusalia. Enekuj Papaju sali Ípewyrej ka kī.

Ebu tumá FUNAI aka te kī, dulumí māj kī, pákaj mena é aká, am alej mā wepana tukaj ji ũdera ej mā, ji Puguwap wej mā, e ej mena jala aka asanu ta tea. Anetup ta ena tea, ej na tetea.

Ebu FUNAI má pyrywa té aká, ana kiri apupij ta éka kiā, ena tumā é ej kaj étigi bala. Pali epia tete bu

Ebu tūjat tere malu Zabeu kī Hugo kī Raimundo kiā māj malua. Eka bu tumá pabin gaj kaj bu te pajena tumā, ena wejādé mene ka, é pāguē mi māj jādé wepana tukaj mene ka. Jalaj abí memá memà kubé sut ká é ej mena tukajena, Pixuí kī Wujiryt kī Tígip kiā māj mena wepana tere tukajena, ana bu jalaj āgena pajatá, jalaj ta bu pāgena anā tamena tukajena.

Ena é ej malena wepana gyja terena, ena māj kaj bu te panujena tumā eweka, ebu tumá anabudea mene malu é ej wulune mene ka.

Anyn nā té.

Castanhal sali tere, āwe mabaga Castanhal we sali, zap pāgā tasali tere, am wē ga puj sali kī, ga xixin sali té karea.

Tuwet ta té tumena, mawe kakyja kí tūjāwe na kí, māwe kakyja tūjāwe na kia té. Enekuj ākuj aratigi māj sapuj jena, mene sut ka pajá pia bu tumena.

Enekuj bu alej erena ātigi Guxurej abiena, ji kuj tumā kena jā pepuabi. Ā pepuabi jii mena ma ej abi tukamam wēj na Surui ej abia, ebu tumena í tara tuwulena pytyg í kut tut ta, am we atigipi té kī.

Ji té bu Barreira sena jii sapuj tere nena puā, Badekuxibirej

kī Zawākej kī Guwa puxurej, lbugājurej kiā zapuj mena, ji té pāga zapuj ijābiri tere pādena. Gulua tere pazapujey kīj āga ātigia Bubyreja kī Pāguynēj ji Zaptulyrej kī Wepixywej. Am anym we āgena pazapuj kīj na ātigi ji pákuká kena.

Epi ta malena ajbirixa tena wekuru tigi té kiā.

jina wejā pia tere, weja pi ip tere na mene ka, weajal jā sapuj ijala zapuj na.

Am tumena mana mene ka tu wulu jābi, weajal Zap ap wej ijala ātigi Barāduxiādarej ka tuma e ej ijalena, am ji ej ma paweta majā.

Enekuj mūj tete mena pali ekuj kiā gýja tere tu kajena: Papaju tete, pali ekuj ēbare māgá mena zawijaj menā, anē xiserat āga ewemi té ana um pāderej pare paliri pá kí um. Ena māj ta mena.

Étigide pawit jā zapuj ka, bakuwa mujā, gawirit taga tete pamena epia, ewa tete pama wulena pawit kāj kuj kī mujā kāj bakuwa kāj wa kiā, am wē xibuja wa kiā.

Mewulu ā kuja, pali mūj ka pawebugua bu zawijaj erena tukajena, pali mūj ka té pawebugua. E bu tukena Central kena. Mem ej abi tumalu ena té Busapsalia ej abi, pāgua ka ewe āga.

Ebu Papajú erena mewulu mēj ākuj karea, pali ā ka tetea Papajú mena tukajena Bubyrej ka mena ka. Am wā bu tumā ali kare.

Étigi té bu jalaj malena pāguj kī, me kala pesala bu mēgá bu ā mā kī, ā Xiserat mā kī pali kala pesala pazupup ādyra ā má kiā. Ena mene ka pāga pama kí í nēbi ādyra bu tajena ji kajena.

Étere āwe mena awepini ākena sakali té karea. Ēbera āká bu tajena aserat kajena ā ēbarea lia, ēzanu kajam āgena mēj tālia bu tajena ūgaj mene kena, ebu ā pajawe puxut mena apiniena. Mawe kuru kí ej āga anā ā í tut ta, jābi Caneco āga, jā bi Betabí āga. Ena pamena etigiena gala pekatá tere.

Campo māga mewulu karea bu Pelé erena tukaj pū, campo māga medá té karea, ebu tujena campo magena ekena tuma kiena terena ekena, é ŷlŷgā mene tigi um té tukaj, ena tumá kie mena ekena campo māga mewulu karea mena tukajena. Ebu tumena tuma kí tere ekuj, am wā bu zawijaj mā tukaj, pawit puj māga bu pāga pali mūj ká, mā ji anetup kaj ji Jabuxi kaj mene ka, en et gapi kalia má alú kaj en et gapi kalia má lptīg kaj en et gapi kali ma Zawēwup kaj.

Ga tāg magé tigi tu kaj tuwit jāli gulua terea mena ka. Ena

*Bixāgī, pāgāp abi jalaj
āgena paká, pāgāp ka
pamka. Zap.*

tumā, ā té taja āmi Castanhal ka āguju kiā, ebu Zabeu malu āgujua. Ebu tupali ké mena.

Āxíra tere tūgena tukun bá naliā, étigi de gala kataj wulu ābi, é ej ta tusali é ej malena.

Ena ewe mena awe xig ka.

Í tara tamaká ji í pi kuj atut māga.

Tábí bu tujena tamaká pū, ebu tamalu épi té kī

ména gyja tere tuj tena, am wẽ tuwit um ta. Xibuja kĩ mẽg kiã, werep, irit kiã man ta, ena ewe mena apiniena.

Ata tere tamena é kuj, ene kuj Hugo bu wulena am mã tujãliã é ej kajena, me kala ma,ã tãgena tamena ga tãg makí tãgena liã mã tu kajena, bojej makakú tagena mekala kenã, am wẽ mẽkala ijala kiã bu Hugo erena.

Hugo tete bujena ta mãlã é kujena puã, FUNAI na puã, Hugo tete mena zarej kala. Am wã takaj, man ka de taja ajã.

Ebu é mena ena pé ãga, am mã tũjã, ãté bu tũj ãga mẽja jata mãj nã é ej mena tu kajena, ma ej tere bu é ej mena gala ma ãj nã mã tukajena.

Ewe ka bu tujena túwag tena ji jalaj kujena, FUNAI parej kazerã kí, ena Hugo mena tukajena, aja de tãj tukaj.

Catarino e Fernando Xinepuaba, jinam wẽj tete mena tumabiri ekujena. Ebu tumakena tu dá kat mi ekujena wea jal FUNAI ijala Hugo kí Zabeu ej ijala.

Ebu Zebeu mãká tu kala té ekuj té, am bu tujena tapylyj na té, ta sut terena.

Tuj bem té é maká, etigi de tuwit jaká ekuj.

Anã té zali, épi bumã ũzaj ma,ã. Picadão tete é gala ka, ta pe turena bu tujena.

Pixuí kí Wakí dois tete zarej mã é kã mã na tere Hugo mã apajkyt eka, ebu Zebeu malena tujta té kare, ebu Hugo ej malu epi té, ebu we pirum tere ta, é zawijaj mã alej kala mẽká.

Etigi té butena Papajú kajena, eweka pãga kã gat pimi man tara pyrywa tea é Zebeu wej mã. Hugo mãká ekuj té Pixuí ma kã ekuj, tũg bu tamalena eka tuwulu pí na te karea.

Etigi de tuja tugẽ bit ga Ikũlẽj kaj, ga mãkí, tusap pãgã kiã tumã eká, tusupup terea puã jere, am é mã jylyte kí.

Ebu mã tukaj mewulu mẽj kiã, pãgala ma,ẽ ãgenã Pixuí ãgena pãgaja, gala sut ka terea, am gala mapini té kiã, pajã seg ãgenã apini gala sut ké kã Pixuí mã tukajena. Ena budea bu tumã. Ebu tumã tuwulu kí tupimi té kí, ena tumena tukakut ta té karea, am wẽ ma ijyly té kí, tu supup tere mena ena.

Ãjarej kuj jij mãkena tujtena, ate pãjarej ãgã é Pusãwit makena alej kaj, ate Xipusegwup ãgã, ate Surabã ãgã, ate Kuruj ãga, ate Xiwaki ãga tamena, é kuj ãjarej kuj amaka é tajarej makena ta kujena.



jana bu pãzena pabaxyn kajena, eté te baxyn ijakyp sa karea tamena tumãkena ekujena.

Ebu tapygej mãkena tajta tena, ena jij mãkena ãjarej ikiniena, eté mã ta set panana kí, e ej kabi tama kena.

Am tumã ali ekuj, mũj kawu ka tete mũj kawu ka tete tumã ekuj, am wẽ tuta tere.

Ãtigi, jãté Rondolândia ixalap xi ãga, ji xi tara alej mã bala, eka alej mena tajkiniã, ebu tamã eka tajta

té manena, tajta kí té, ebu pamena pabasalé wulu tena, ãté pãga pabasalé wulu téna pãgaj anã, ena um wã mene ka, ebu tamakena jã kuj eweka, ebu tumã ta um ka anym kawu ka ijere, wade tũj 6 ano ka ta um ka. Eka tamena ãjarej wema pena.

Ebu tamena ãjarej ikini té jalaj ikini pajabujena.

Apygy ijala bu é erena, Sagapuga sup mena aká, é aka alej ãgena na liã, ebu é mena

Menina moça Zoró,
T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.



Meninas Zoró, brincando no pátio da aldeia, T.I. Zoró, Rondolândia/MT.

anetup pygyj ijala alú mena, ebu alú netup āga pajta terea.

Apaliala má, am alej ma byp aká é tigi de ximabujaj já, ā ujajej já tatini kī, ā Xibiti kī, ā bat kī, ma ej kiā mājā tatini kiā, Sagapuga atini pabí tere ji menā. jité Ujkyp āga xima papa xixit nā.

Ena etigi tama apalia lena , epi bu tamena ā mātet jalaj bin gap pi té paj kinena kiā , pāgena tajta kiā , am nēpā mana pāgaj ana nuā.

Xita té tamā, ā mā papa ej má

xitā , mā papa ej pat ta bujena puā, Xikiripyn ta , Xikiripyn mena mā papa ej pat na, ebu é pabi mena Xikiripyn ma,ā. Ebu alú mena apygy ijala apalia la apiekā, éká mene pí um bu pāzena puā , epi balej má alej abi teréa , det alej et é aka já.

Ā alú sup mena xiwit akena, mawit wá té mena ājere piniā, ma ma í wá té ena té, ate xima gaj má xiwirena , enekuj ma ej mena xima pupaga nuā. Ā ej nemazap

té Sagapuga mena, Zaptigej nemazap té Sagapuga menā.

Abug tere kiri ximabujaj Xibiti kī Xipitut kiā māj nemazap té é mena , ebu má ājere piniā, ebu má taviva té ana Sagapuga mā , ebu má akubá tere paj ta, weajal xipát ijala, weajal Sābigip ej nam jia ijala, Xupirup nam jia ijala, jinam wēj pekata alej mena alej abia.

Ūdikíra pamā xipát kaja, Xupirup nap jia kaj. Ikūlēj na té e ej mena, alej pekata alej mena alej abi.

We sut na pāga ēbulu aká mene ká. Ikūlū tere tere mena, am má Zoró tea.

Suruí ej kaj bu tumā jābukabi tere e ej abia, Wetjīgyrej abi ena té, wetep bu ji Babekāwup wej erena jij pereka, ma ej tere bu Babekapwup wej mena. Pygyp pygyp balej mena anemazap wej na, enekuj tāga anemazap wej na taj ta kī, enekuj bu Betabí ej nam jia Wetjīgyt jena, Māxūj tavivia té, ate e āga karea, é ej ti ma,ā tamena basanena, ta bip pi, enekuj tamā tapāgā, enekuj tamā Guliap sup ma ā ena tea.

Byp na é ma ā kī anemazap wej pāga kī, man nēj bu mā ājere pini kī, man kaj bu pama Apeti a pamā. E ej ijaj kaj Guliap sup kaj, ebu emá awi tere pajta, Zoró ej

kue mi tere e mā, am wē akue mi man pi. Ena byp āgena pāgue mī tere ājere piniā.

Am pamā byp wyj akā, panemazap na tere pamena ena man tena, pābu pit paga ta tere.

Apetia pama é kaj. Ebu xiserat āga Apeti ta té xiset ta té, ena bu pamena pādena zura té tere.

Ena té e ej ma,ā Suruí ej pygy ma,ā ena té, ebu pamā mūj ta é Suruí ej ta, ena byp teriyt ma,ā , ebu ji Pewājurej ma papa ta xinetup ma Puguwap kī Sarāba kiā māj mapini é má Suruí nena.

Ebu é mā awí tere tujta, ene kuj é pagej é ej mena Sarāba kī Puguawap kiā māj mena e pagej, ena tumā e ej tena tuma zarej na tere, ena alej mena amazarej pāgā.

Bywej pāgā tābip pi, alej abit pi, am pamena pākaj xut téna.

Pamā tētē de pajena, sajpug sajpug pamena wetep, ena té pamena wāzej ijala, bywej ijala. Ena pamena, panemazap ma,ā tere wāzet ma,ā ena te.

Tapagej teté māka māj tete Suruí pagej tete, morreu, Valdo tete Pewājut tete Duawexig Surui , ebu e ej mena akun byt, ebu tamā akun bá Zoró ej na.

Xipitup, alu akap pi bu alú erena aset ma ,ā apitup wi mena.

Awēxipé ka Xipitup má awi,
eweke tete, pusut bujena páka
pageremina ,pusut bujena paka
puā tere bug, eweka ji mā awi
awēxipé ka.

Am tumā wawāj jā ji té bu mēga
wawāj na, wawāj tere me mena,
wawā pere ka māj tere.

Ebu ā mā we ma ē kala, am alú
ma we ma,ā. Tūg ala té, ji pajaj
kala pazādé mene mī tere pamena
wāzet kaj pa um wena wali gyja
tere pé ikinia, wali pābali kat na
meneka pamena ji wāzet bin ga
um wena, am etet ā pazaj bin ga,
am mana pāzaj kaja, ena pamena
wāwā na walía mene kena, am
nēpā ena té ananū.

Um tere mā maxu wā, ate bun
é maxu ikini pū, ā ĩpewyrej ka buja
gulua terea li.

*Ji tere Castanhal āgena,
pāgala kā. Ikūlēj kala ka
Catuua āgena, ji serraria na,
ji mi é kala ĩjābi mena, a kala
ka de Ikūlēj sa jina, jābi bu
alej kala āgena.*

Am pāgena pāberum mi té wāwā
nena, pama kubé ka tere, me kiri taj
pama kubā, ate pamakubaj xupup
āga ajyra. É Sagapuga kī Pusawyp
kī ā alú sup kiā māj, weta tere um bu
e ej āgena.

Ūgājam ka tere, am má ūzaj pit
ka awia.

Jita ejā lia tere pajaj āgena
pāgaja, am pāzu pajkyt nū té pājaj
āgena pāgajena.

Ena man na eja ūgaja lia tere
mena alú kajena, ebu alú mena
pereādyt, ebu mā ūgaj ēzerat wajit
aka té ena lia mā ūgaj.

E bú mākena ji ūbat Xiwitkŷj
kaj ji xiparej supup kaj mewa jīt ta
ŭgália mena ji alej kajena.

Ebu mena ā ēbara lia ūgajena,
é téde. Epi tere tumena tūj ta té
tujerepinipi té kare. Bywej na té
kare, é pygyp bu alú mā uma,ā.
Am mā pādet bug terea, ebu tūga
epi tere tujtana.

Ebu mākena ji ūbat Xiwitkŷj kaj
xiparej supup kaj mewajit ta ŭgália
mena alej kajena.

Ebu Sebirup mākā tukala, enekuj
tumā ate Inei mā pāgue pia, Inei
mā tukue mi ekuja. Jā weābí xarána
na bu Inei mā pāgue mīena.

Anā mene kala te mesena
zawijaj mā tukaja, tukala ka ēbarej
āgena tumā.



Am wē jala kue pí té tumā
menena, ena tumena ekuj pagala
panā.

Ewe ka ūga mēpere āba katā
pābekataj maká bu tajena tukaj pū.

Ebu pābekataj wulena gulua
terena. Fernando Color bujena
etigi zawijaj na, ebu tumā
Fernando Color kuj tu ĩ ji brasilía
kuj, ēbarej igi en tupia tumā kaja
buja.

Fernando Color sali zawijaj na,
ate ūga weta é zawijaj weta, am sut

na Fernando Color ma zawijaj nā.

Ta igi ūgā má tukaja, ate ūga un
tetajena alej mākā kina mene tá
mā tu kaja, e tere jalaj supup mā
awe gi.

Mekerea bumā pābekataj kaja, jā
ej xājā kiā māj malu ena té. Tugup
tugup balej ma awepiri, tawaj ta
tere meja wulua lia, am wā tasādé
mene kalia ma e ej kaja, ena jalaj
igie mena pāgala pia.

Māwe má awea jala, jā Watalap
xi mā aweajala, jā bi jā té Rio

Meninas Zoró,
brincando de balanço
na árvore, T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.

Menina Zoró
vendo confecção de
vestimentas feitas da
folha do babaçu, T.I.
Zoró, Rondolândia/
MT.

Berão āga ji supup ta tere pamena, xi ādat supup ta tere, enekuj pābare tere mi we āgena.

Enekuj gere kī buliwej wé kiā mene teté mena āwe pe tara. Buliwej wa tete pamā kena e kujena, pāgere pā ji Watalam xi tut ta ji té pājāwe tere āgena Zawā kej kī Guwa Puxurej kī lp syrej kiā mene āgena.

Ji tere zapujej āgena, zapuj tere. Jā tere bu Cinta Larga ej sena lkabe tȳg abina tere pū. E ej pare na tere ewe mena. Gakurap pe tere mena awe pekata, gerep wej.

Ebi bu zapuj tére āgena, gulua tere, ebu zapuj tere. ate dūa ej té āga karea.

Ma ej kubap té mā ami ewe āga lia takaj nuene. Suruí ej bu tajena e kala tenā, ana buga pama etigi.

E ali, we kaj pé ka, étigi de documento sena jābi mene kajena.

CIMI ej ta bu wena ekuj uwet tena puā, ā ūzaj āga weta CIMI ej ta tumena Valderi ta.

Ate tavivi te Vaderi ma.

É ej ta bu tujena sapuj ikini pá, sapuj set tīgī kī tere, ate documento āga eka.

Ewe kaj pé ka pāga ébi we ma,ā. Étigi de ā kala ka gulua tere índio ej sa. Ābi Cinta Larga, Suruí ej. Am pāga ā kala kaj pá epi tea, e

kala bagena pabat kala ajap nenā.

Ji tere Castanhal āgena, pāgala ká. Ikūlēj kala ka Catuva āgena, ji serraria na, ji mi é kala tĳābi mena, a kala ka de Ikūlēj sa jina, jābi bu alej kala āgena.

Ā te bu alej kala āga Rio Branco nena, ji tigi bu e ej mena, ji tere í kut āgena alej pat xi nenā, ā tere alej pat xi āgena Batpea xi nenā, ā pāgaj té lxiapuj xi na, ji bu alej kala āgena ena we mena aratigia kala ijum sali na.

Bu tūj documento māga Valderi ta puā.

ī!! ana buga?!! gulua tere, jā kuj bubuatú sādé man ikini pā aka, bu tumā tukakut ta ji kuja, gulua tere í tara tete, buliwej wa tete kī.

Am zapuj āga é kuja, ā lkabetyg mi té bu tupare āgena ji mi, etere ma ej āgena Cinta -Larga ej nena jā bi terena.

Pabasala té pagaja, mene ka bu tumā tujbiri jala kī té, tupí, ate tūjere ej tete āgena ji kujena kī, ā ípi kuj bu pājere āgena, ji tere pābare supup āgena.

Buliwej wa tete. ●



Tradução

NARRATIVA TUATJUT ZORÓ

Ademir Ninija, nascido em 19/11/1986, morador da aldeia Ipewyrej, T. I. Zoró, professor, presidente da COOPERAPIZ - Cooperativa de Produção do Povo Zoró.

Pela madrugada, o branco matava. Quando amanhecia...

Nossas malocas tinham uma saída, especialmente para isto, saída para emergência, era uma saída pequena.

Morávamos por aqui, foi onde a FUNAI tentou fazer o contato, só depois que entramos em contato com a fazenda Castanhal.

A FUNAI apareceu do lado onde, atualmente, o Caneco mora.

Os meus tios matavam, sempre matavam os não índios que surgiam perto de onde mora o Chiquinho. Eles foram abrir uma nova aldeia, no rio Zakūji. Morávamos mais para lá da margem do rio Branco. Já o Papaju, Pajú, antiga liderança do povo, morava na aldeia Ipewyrej.



Maloca tradicional Zoró.

Nós matávamos mesmo, mas os não índios sempre voltavam.

Uma vez mataram uma pessoa que queria fazer contato, foi uma tocaia. Eles não contaram que tinham matado, mas soubemos que foi o Puguwap, junto com o irmão e o filho.

Eles saíram rapidamente, pois não tinham como ficar ali. Depois disso, passado algum tempo, desceram para a fazenda Castanhal junto com Zebel, funcionário da FUNAI e começou o sossego.

Quase ficamos extintos. Os invasores tinham entrado na nossa terra, mas a FUNAI já estava com a gente. A FUNAI chegou para fazer contato de barco.

Apareceram Zebel, Hugo, Raimundo, todos funcionários da FUNAI, então, percebemos que estavam tentando fazer o contato com a gente. As pessoas que falavam a nossa língua contaram e percebemos que os não índios eram nossos aliados. Eles nos contaram qual era a função deles e que tínhamos matado as pessoas que queriam fazer contato para conviver pacificamente. Eles contaram direitinho para que entendêssemos e assim compreendemos como era, de modo que foi o momento de abrir a nossa visão em relação aos brancos.

Por outro lado, os invasores já estavam começando a construir nas terras, a roça deles ainda não era grande.

Nós ficávamos andando, éramos nômades, percorrendo ali ou lá, nos nossos lugares. Aqui era a região dos mais antigos, lugar dos nossos antepassados. Por isso, andávamos nessa região como forma de defender o espaço, que é uma herança deixada por nossos antepassados. Posteriormente, voltaram a renovar as aldeias e ficamos. Enquanto andávamos em outra região esta região restaurava a floresta novamente.

Nesta região, os nossos ancestrais entraram em conflito com os Suruí e fugiram, criando um novo território, na margem do rio Branco. Depois disso fugiram de canoa, descendo o rio até chegar no rio Branco que era muito longe.

A aldeia Barreira, chamada na língua de Zawã Kej, já era capoeira dos nossos antepassados. Badekuxibirej, Zawã kej, Guwâpuxurej e Ibugug Âjurej eram aldeias que já existiam. Neste lado, estamos morando nos limites, onde já eram as nossas aldeias. Nesta região, existiam muitas aldeias: Bubyrej, Pâguynej, Zap Tulyrej e Wepixywej.

A família de Zap Ap ficou do outro lado, na região da aldeia Barâduxiâdarej,

Indígenas Zorô nas margens do rio Branco, fazendo contato com peões da fazenda Castanhal.



Chegada dos sertanistas da FUNAI na fazenda Castanhal, para fazer o contato.



onde os deixamos. Eles não conviviam em nossos meios.

Na época, só existia uma pessoa que dava conselho: Papajú (Pajú, pajé e liderança do povo, no período). Atualmente, o sobrinho, o Pãderewup, que ele criou como filho, faz o mesmo papel. Eles são desse jeito.

Existiam alimentos na capoeira, como banana e cará, não tínhamos mandioca.

O nosso líder chamou para nos juntarmos em um único lugar. Então, fomos para a região central. Viemos da aldeia Busap Salia, uma aldeia que ficava no centro da nossa terra. Papajú nos chamou para ficar na aldeia Bubyrej.

De repente, os invasores se aproximaram das aldeias. Então o sobrinho dele, Pãderewup, decidiu chamar o pessoal para demarcar a nossa terra e espalhar no entorno dela várias aldeias. Por isso, estamos organizados assim, de forma a defender a nossa terra.

Na época, em que estávamos decidindo, eu disse para Pãderewup: “Fique aqui! Este é o seu lugar. Viva junto com seu irmão mais velho”, que era eu. Atualmente, existem muitas aldeias novas. O Caneco mora para lá e o Raimundo mora para cá, nós que tomamos essas decisões para defender a nossa terra.

O Pelé, funcionário da FUNAI, chamou para fazer o campo, pista de pouso, um trabalho com todo mundo junto, ninguém saía sem ter feito o campo, em razão disso, ficamos ali fixamente.

Após terminar o campo, chamou para fazer uma roça bem grande, para que pudessem ficar todos juntos. Chamou seu filho Jabuxi e disse: “Fique aconselhando as pessoas no meu lugar”, também chamou Ip Ting e Zãwêwup.

Aconselhou-nos a fazer roça grande para que pudesse dar muita fartura de alimentos e atender a comunidade inteira. Assim, aconselhava para podermos produzir muito alimento, como a mandioca, o milho, a cana e outros.

Os invasores já tinham entrado. Hugo veio nos falar que aqueles não faziam parte da FUNAI: “São invasores da terra de vocês! Eles irão fazer grande roça na terra de vocês, vão criar boi na terra de vocês. Não vão deixar lugar para vocês!”, assim o Hugo nos dizia.

Da FUNAI, só o Hugo que impedia a entrada dos invasores, somente ele que defendia o nosso território. Dizia “Não!”, mas eles não desistiam. Hugo alertava quais eram os objetivos dos invasores e que ele não era um deles,

sempre falava: “Existem outros que defendem vocês, esses são os invasores da terra de vocês”.

Antes, ficávamos juntos com invasores, porque achávamos que eram o pessoal da FUNAI, por esse motivo que o Hugo abriu a nossa visão, para perceber quais eram do bem ou do mal. Não tínhamos noção do tamanho da invasão.

Catarino, liderança Ikülêj Gavião, e Fernando Xinepuabá nos chamaram para ir ao Igarapé Lourdes onde viviam os Gavião. Fomos todos para lá e deixamos a FUNAI, Hugo e Zebel, em nossas terras, mas o Zebel foi atrás da gente. Nós não tínhamos noção dos acontecimentos, estávamos meio perdidos sobre as intenções dos brancos.

Na época, só tinha um picadão para o Igarapé Lourdes e fomos caminhando por ele.

Zebel e Hugo vieram atrás de nós, para alertar que o território ficou sem ninguém. Então, nosso líder pediu para nos buscar. Papajú foi avisado que iriam atrás de nós de avião, o mais

rápido possível, foi então que Zebel, Hugo e Pixuí pousaram. Já tínhamos acostumados a conviver com os Gavião. Inclusive todos nós fizemos roça e construímos casas.

No entanto, fomos chamados para retornar a nossa terra. O Pixuí disse que a terra estava sendo invadida: “A terra vai ser destruída, vai ser desmatada e derrubada a floresta. Vão formar só capim no lugar”, entendemos o que ele tinha dito e retornamos para nossa terra a pé.

Nossa vida era andar para lá e para cá. Todos caminhavam juntos.

O motivo de irmos aos Gavião era ver os nossos amigos que viviam lá. Pusâwit chamou para visitar Xipuseg Wup, o mesmo disse que Surabá, Kuruj e Xiwakĩ ainda estavam vivos. Reencontrar velhos amigos depois de muito tempo é uma grande emoção. Esse é mais um motivo de termos ido para lá.

Todas as famílias foram juntas, não demoramos muitos anos lá, parece que ficamos só um ano por lá, não era para morar definitivamente.

Antigamente, os Gavião moravam às margens do riozinho que passa em Rondolândia (cidade mato-grossense no noroeste do estado, vizinha às atuais terras indígenas Zoró, Igarapé Lourdes e Sete de Setembro). O primeiro encontro

Contato com a Funai na aldeia central Bubyrej – 1980.



Pela madrugada o branco matava. Quando amanhecia.

Após contato com a FUNAI, Zoró e Gavião se encontram na aldeia Igarapé Lourdes.



aconteceu nesse riozinho, onde o nosso povo conviveu por algum tempo com eles. Houve desentendimentos, sempre acontecem desentendimentos, até mesmo quando uma pessoa dá um conselho, por essa razão fomos para outro lugar, ficamos cerca de seis anos sem encontrá-los. Durante esse tempo nos distanciámos dos amigos e só nos reencontramos no dia do contato com a sociedade envolvente.

Em uma das nossas brigas, com os Gavião, tentaram matar o Pabi, o pai de Sagapuga, mas ele conseguiu fugir e deixou seu filho, ainda pequeno, que atualmente vive entre nós. Os meus tios, Xibití, o meu pai e os outros não deixaram matar o Sagapuga. Na época, eles fugiram e apareceram recentemente, no momento do contato; e estamos aqui, vivendo novamente, acho que somos inseparáveis.

Os meus pais o criaram, porque o pai dele era casado com a parente da minha família que era Xikiripyn. Xikiripyn era prima dos meus pais. Ele deixou o seu filho com ela e fugiu para que não os matassem. Em outro momento, o povo Zoró atacou o povo Gavião, mas não sabemos se ele morreu nesse ataque.

O pai de Xikiripyn alimentava Sagapuga; na verdade, todos alimentavam ele, uns davam macaloba,

outros carnes. Sagapuga se tornou filho adotivo de Zap Tig. Ele cresceu e hoje está aí “vivinho” e se acostumou a viver entre nós. A irmã, era chamada Ūdikíra, ficou também, bem como a mãe de Sãbigip e a mãe de Xupirup. A irmã dele e a mãe de Xupirup eram do povo Gavião, quando houve o ataque elas ficaram em nosso meio.

É muito triste ouvir falar que vão matar o povo que pertencemos.

Os Suruí eram nossos inimigos, guerreamos muito com eles. Os Wetjĩgyrej, povo Arara, também. Os Zoró mataram todos os Babekawup Wej (Arara de Mato Grosso). Na guerra, pegaram as filhas deles e as criaram como filhas. A mãe de Betabí era Wetjĩgyt, Maxũj também, que está viva até hoje, elas foram capturadas na guerra.

Outro capturado foi o pai de Gulia Ap, quando ainda era criança, ele foi criado como filho adotivo, cresceu e foi chamado de Apeti. O pai de Gulia morreu de velhice aqui no meio dos Zoró, o interessante é que ele falava como o Zoró e não falava a sua língua de origem. A criança fala na língua do povo que está convivendo. O neto dele usa o nome “Apeti” até hoje. Assim, a nossa vida era. Na época, pegaram também os filhos de um Suruí ainda bebezinho, foram chamados Puguwap e Sarábã.

Kumpuxut, esposa do Tuatjut.

À direita, Zaptig, sogro de Tuatjut.



Era assim. Não matavam as crianças, mas as criavam como filhos adotivos, ou seja, criavam os filhos do inimigo como filhos.

Não somos fracos, somos guerreiros de verdade. Não deixávamos nenhum sair vivo da guerra, flechávamos todos e deixávamos as mulheres e as crianças vivas.

Dos Arara só tem Maxūj, a mãe de José.

Dos Suruí, a maioria são apenas descendentes. Só o Valdo Pewājut e

Duawerig Suruí estão vivos ainda hoje, os outros morreram entre os Zoró.

Os Cinta Larga levaram uma de nós, a mãe de Pixuí, a mãe dele era uma Zoró de verdade.

Os Zoró brigavam mais com os Suruí, porque eles eram bravos e não gostavam de nós.

O Xipitut Zoró matava mesmo, o nome dele foi criado pelo inimigo, porque, depois que ele matou o inimigo, viram o corpo com o pé para cima (Xipitut = pé para cima). O Xipitut



morreu de diarreia, um espírito mal matou-o no sonho.

Hoje, não somos mais pajés.

Da mesma forma que atualmente seguimos Jesus, antes tínhamos regras, como não nos aproximar das mulheres. Para ter visão, tinha que cumprir as regras, para ser curador não podia se aproximar da própria esposa, nunca fazer nada com ela. Tinha que cumprir essas regras para ser um bom pajé, quero ver alguém aguentar hoje cumprir essas regras.

Nunca fumei o fumo (somente pajé fumava), mas já vi. Na aldeia Ipewyrej, tinham muitos pajés. Ninguém se torna pajé de uma hora para outra, tem que ter ensino, uma regra. Atualmente, existem as pessoas que podem ensinar. Alguns são Sagapuga, Púsawyp e o pai dele, mas não sabem ensinar como os antigos.

O meu pai morreu quando eu era jovem, eu não era casado. Ele deixou uma mulher prometida para mim, um pai não compromete uma mulher preguiçosa a um filho. Ele foi falar com a minha prima Xiwit kãj e com toda a família pedindo o casamento. Logo depois falaram quem seria a minha esposa, então começamos a namorar e nos encontrar. Éramos jovens e crescemos juntos. Kumpuxut casou-se comigo e estamos juntos desde então.

Na época da luta pela demarcação da terra, eu não entendia nada da língua do branco. Sebirup (Catarino, liderança Gavião) foi atrás de nós com a Inês (indigenista Inês Hearnegreves) que entendia e falava a nossa língua, mas falava com tom direfente. Então, o presidente Fernando Collor de Melo perguntou o que queríamos e respondemos que o povo dele estava invadindo a nossa terra. Nós não falávamos nada de português, mas mesmo assim defendemos a nossa terra.

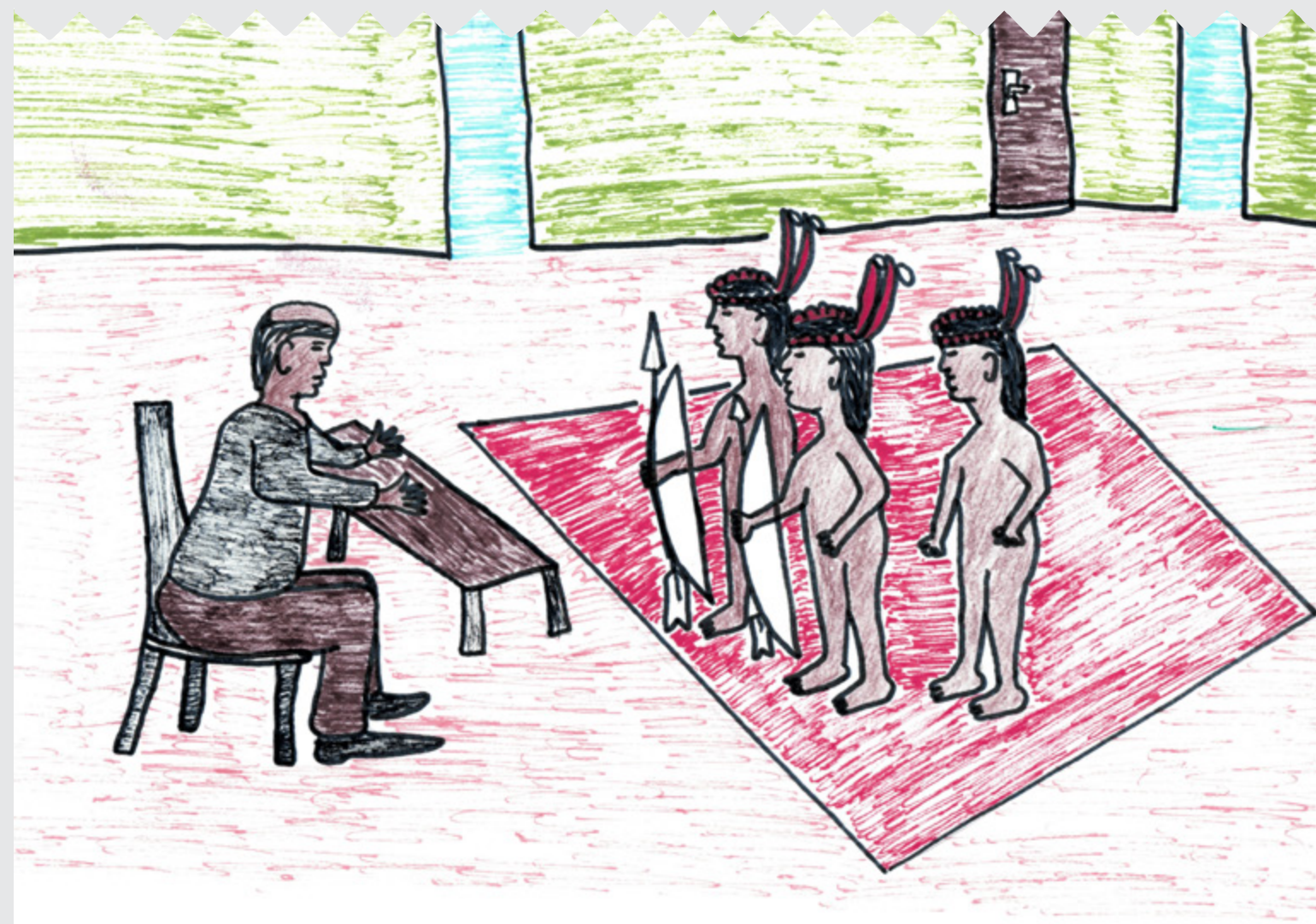
Entramos no gabinete do Fernando Collor, em Brasília, e falamos para ele tirar os invasores da nossa terra. Como resposta, ele disse que iria enviar o exército para a retirada dos invasores. Vieram muitos soldados do exército.

O próprio presidente confirmou que tinha mandado invasores, mas que os tirariam. São assim para os invasores saírem da nossa terra e, realmente, saíram.

Assim foi a retirada dos invasores da nossa terra.

A maior parte da nossa terra ficou fora da demarcação. Watalam Xi ficou fora da nossa terra, onde fica o ribeirão, aquela região era toda nossa, até a nascente daquele rio. Sempre acampávamos por lá, aproveitávamos aquele rio para fazer acampamento

Panderewup, Maxianzap e Apeti pedindo ao presidente Collor de Melo que assine a demarcação da terra Zoró, o pedido foi atendido no mesmo dia, com posterior assinatura do DECRETO Nº265, DE 29 DE OUTUBRO DE 1991, que homologa a terra Zoró.



em sua margem. A região onde está a aldeia Zawã kej já era nossa desde muito tempo, já era uma aldeia antiga, já existia o capoeirão dos nossos ancestrais.

Os Cinta Larga moram ao lado, onde sempre moravam, que é do outro lado do rio Ikabetÿg.

A região onde caçávamos e acampávamos ficou fora da demarcação e homologação da nossa terra, existiam várias aldeias daquele lado.

Na época, ninguém falava a língua portuguesa, só os Suruí que nos ajudaram a demarcar a terra. Eu fico muito arrependido, por não ter entendido, e podia ter defendido a nossa terra.

Hoje, existe, na FUNAI, um documento pedindo a revisão da nossa terra que fica do lado de lá, na margem esquerda do rio Branco.

Eu andei mostrando onde era a nossa aldeia ao CIMI. A minha esposa está de prova que andei com a Valderi, mostrando onde eram as nossas aldeias. Junto com a Valderi, mostrei a capoeira do meu povo, documentando e escrevendo os nomes das aldeias, o documento existe.

Onde atualmente é a fazenda Castanhal, era a nossa terra. Onde atualmente é a fazenda Caatuva era dos Gavião, onde está a serraria, o limite da terra dos Gavião era por ali,

sendo uma terra bem mais ampla. A terra deles era um pouco para lá da Castanhal. O rio Í kut faz divisa da terra, até o rio Bat Pea Xi e Ixia Puj Xi. Esse era o limite da terra deles.

Na região do rio Roosevelt, andávamos até onde existe uma grande cachoeira, navegávamos e comíamos muito dos peixes daquele rio, muito mesmo. O limite da nossa terra é até o rio Ikabetÿg dos Cinta Larga.

Tínhamos medo dos Cinta Larga, por isso o nosso limite era só até ali. A gente conhece aquela região inteira, mas descendo o rio é nosso mesmo. Essa região toda é nossa. ●

Volta dos líderes Zoró para suas aldeias, após longa viagem a Brasília, para reivindicar a demarcação da terra Zoró



Gudylyp ensinando
as mulheres mais
jovens a fazer a trama
de rede de algodão.



Ājut Zoró,
nascida em
23/01/1939,
moradora da aldeia
Guwa Puxurej, T. I.
Zoró - Entrevistada/
narradora.



NARRATIVA DE ĀJUT ZORÓ



→ Alia puā tupī tumā ewe karabi ka, tuta té tumā
wyjej pi zap ka. Wyjej tete buja kena puā. Bywej ma
ena té zap ka tea.

Zap tere pāga tamā etegia, ana man ka de pajena
etigi kiā. Ate tamā zap tere pāga etigia. Man ga
tyryte de pajena pābi kiā. Ebu tumā ena ŷlŷgā tumā
pīka kīgarea. Ma ej mawulu tukuj kí tuweabi ka. Jité
bu tusa tupitjem ka Guwa Puxuxej ka puā. Am ana te



Esquerda para direita
Claudinei Zoró, Mara
Xipabe e Lígia Neiva,
atividades de gincana
cultural na aldeia
escola Zawã Karej
Pangyjej, T.I Zoró,
Rondolândia/MT.

mene Guwa Puxurej mā. Jalaj kaj
kĩ Suruĩ ej kaj kiã tumã tupia. Ete
u alap tigi Guwa Puxurej āga. Eka
ujajej mena ata. Epi bu tumalena
Balibe xi kata jā pepuabia. Ebu
tusena Canaã xi kaj Zatkut xia.
Ena tumapirikĩ te pe mā é ka. Ebu
tumalena tujbep kuj Bubyrej kuj
kiã. Suruĩ ej mena tujbewā tubĩ kala
tea. Am wene ātigi té tujbewā kiã.
Jité bu Ipewyrej sa Paguyněj sygy

*Alia puã tupĩ tumã ewe karabi ka, tuta té tumã
wyjej pi zap ka. Wyjej tete buja kena puã. Bywej
ma ena té zap ka tea.*

ji lti māba tajādé man sygya puã.
Wesut na tũj wāzej mā etigia. Am
tumã tapere mā ā.

Abunana bawaj ma etigia.
Amapij aki tama tukala ta té kia jā
a xiblylj ej jā. Āté Pāderewup ma
ji betara te um a ala kiã. Ebalej ma
makulu xi mi alũ pi xyt ra. Tudā
wet ta te bu tujena puã. Epi ũjup
Kujpiripkit ma a ala betara enatea.
Ji nam wej ma betara awe bat ta
tukakut tigia. Am tumã tumaga
byp tiglie ka, axit sura té mākā. Me
mi kiri xit pekata kia. Pāxira mi te
pamāka pābaliāla. Gyja pama zap
ka, am bu ali byp alap xit sena akali
puã.

Am wā. Am un āga uja j weta.
Ugajam ka de ma papa ej et awe
xuri kia. Byp na zali ma awia,
ũdudem kuru ijala. Am mā ēpama
tete buja ũgaj puāj. Tubip pi ejaj
mena uma ā. Ati ka tamena apa
Mādig pat kiã man ta. Ewip, tyry té
tamena āpā. Egea bu tajena puã
balej sa puã. ●

*Kawyt praticando infanticídio ao recém-nascido da Dibe Zoró,
por necessidade de proteção aos ataques, pois o choro das crian-
ças atraia o inimigo, sendo eles, os Suruĩ e os invasores brancos.*



Tradução

NARRATIVA
ÂJUT ZORÓ

Bereka Gavião, nascida em 02/06/1962, moradora da aldeia Castanheira, T. I. Igarapé Lourdes, município de Ji-Paraná/RO, casada com Gurá Zoró.

A gente ficava com medo, nós ficávamos em casa, as mulheres e as crianças, somente os homens iam para o embate.

Construíamos somente malocas nesse tempo, não é como essa casa que moramos hoje. Não vivíamos com medo, mas quando vinham nos atacar fugíamos do lugar, outros parentes vinham até nós como solidariedade. Na aldeia que a gente está morando aconteceu um ataque e nós fugimos dela. Essa aldeia, a Guwa Puxurej, já é antiga. A gente tinha medo dos brancos e dos Suruí, porque eles viviam aqui perto. Nasci perto deste lugar, os meus pais moravam lá, depois nós viemos atravessando o Rio Branco até o rio Canaã, ao qual chamamos de Zat Kut Xi.

Quando morávamos lá, fomos atacados várias vezes, ficamos com medo e saímos novamente, para Bubyrej.



Zap casa Zoró Aldeia
Escola Zawã Karej
Pangyjej.





Parte interna da casa tradicional (maloca) Zoró, Dederyp acompanhando os preparativos na cozinha, primeira parte da divisão imaginária, fica na entrada da casa, como se fosse o primeiro cômodo da moradia coletiva.

Os Suruí estavam nos perseguindo, querendo nos matar, vinham de bem longe atrás de nós. Onde fica Ipewyrej havia uma aldeia por perto que era chamada de Pāguynēj. Nesse lugar, o Iti sofreu um ataque dos Suruí, mas fugiu. Nesse tempo, nós mulheres sofriamos, pois não podíamos reagir como os homens.

Nessa época, enquanto fugíamos, as grávidas pariam os bebês no caminho e as que estavam preste a ganhar nenê sofriam dores do parto pelo percurso. O Pāderewup nasceu assim e foi lavado com água de bambu, e o Kujpirip kit também nasceu. Esses dois nasceram no caminho da fuga.

A gente andava sempre juntos e não parávamos de seguir o caminho quando ganhávamos nenê, a mulher continuava andando mesmo sangrando, porque não tinha como estancar o sangramento. Em casa, era mais tranquilo ganhar nenê, até porque o sangramento do parto estancava rapidinho.

Eu não lembro do meu pai, ele faleceu quando eu era criança, já estava andando. A minha mãe contava que meu pai a pegou, quando atacou outra etnia, Arara, e tomou minha mãe como esposa. O meu pai e o pai da Mādīg morreram juntos de doença, dizem que foi gripe. ●

Durante as fugas dos invasores e dos ataques dos Suruí, mulheres grávidas tinham filhos pelo caminho, e muitas morriam durante a fulga (relato de Anjut Zoró).





Rio Roosevelt,
T.I. Zoró,
Rondolândia/MT

Miguel Zan Zoró,
nascido em 22/06/1971,
fundador e liderança da
aldeia Paraíso da Serra,
conselheiro escolar,
atua como orientador
da cultura junto às
escolas Zoró.



NARRATIVA DE ZAN ZORÓ



→ Am bu tujena jalaj ikine na āka bala puā, enekuj
jalaj malena ākuj aj kini mātē tu kaja, enekuj mā
buligum tete jalaj āga lia mene pimā mābujaj kaja.

Enekuj tumena jā te Guwa Puxurej āga ekā, ji ka
zapuj mena, ebu jalaj malena ebi be ixu māga sem
sem wā té kareā, eka tumā bala jalaj te taja mene ikini
bāla tereā, mene kabu tu mākena Bubyrej kuj tudā
māgā, ena we mena awe xig kā.

*Am bu tujena jalaj ikine na
āka bala puā, enekuj jalaj
malena ākuj aj kini mātē tu
kaja , enekuj mā buligum
tete jalaj āga lia mene pimā
mābujaj kaja.*

Ami kī tajādē be ixu mākī man we ikini tumena balā, ebu alej mā jap wēkurē ādú māga āna te tasa pābere gia, te taj panūj zarej pere mi māj tea mene nā, ebu tamā mana um wā, enekuj bu zat jena aj bep ikine ka gat pé sarat māga pāja mā ī puā, manum tebu tamena ewekā, ebu pamena pāja ī tere pābare kaj kiā, āna te āpare et kinā mene kaja, āna te Suruī ījap kina, ana te Ikūlēj ījap kinā, āna te Wetjīgyrej ījap kina mene kaj pali pāja ī ā alej mena kāzera, ebu ta mena ena um wā, ebu alej mā jalaj tere mā lia ewekā.

Suruī ej kī Cinta Larga ej kī Piripkura ej kiā mājā, āwemi kī tea, ane mā ej āgana paj ta kī um té āna kiā, āwemi té pamena pāda aratigia.

Ena we mā etigia, etigide pāzena pābat wepi ka kiā, āté pāga ewemi té pāgaj ana kiā būzena pāgaj ena puā, ewe atini pāgena pāgaj pāgaja, am pajāba ena epi tea liā pāgena pāgajā, ebu Cinta Larga mā máka pābia āté Suruī mā āka ena te pābia, mene we pika bu pamenā, ena pamena pawe xura pāgaja. Āté pāga ewe mi té anā kiā liā pāgena pāgaja, wade pāza pāzut ka epi tea lia pāgena pāgaja, mene ka bu pāgena ena um wā lia tere pāgaj āna, ena pajā pi epi tea mēkā. Ji wemi té pamena alej sajej ta ki alej wāzej ta ki etigia.

Ena pamena pawe xut kā būzena puā, ena mene ka alej mena ā ej te sakena alej pere xipunā kinā māj kaj tere ebug pina karea, e ej abiri ki, bere xipej, zawijajej sādē ta tąg na māj, ta paset pali abí tete, am wene tapa set um abi kiā. Ena bu wemene etigia. Āte sa kena wema kī kinā man kaj tere karea, ena mene ka bu pāzena me kālīā de mesena lī kiā pāgaj puā zawijaj kālīā lia, bu pāgena pāgajenā.

Atea, ā batkap ké ka tere bu panujena epare mā kare puā, gum wā bu pajena ewe kaj puā (gum nome do vírus) ebu jalaj malena ākuj pāguj kiā, wade tāj Ikūlēj abí ā iā abi. Det tāj aī jā am ūga etigi

weta gulua terea, wade ebi tea, eka bu Badesagyrej sena pājāwena puā, eka bu tāj erena alej supup abina puā.

Ikūlēj abiā, ebi jalaj malena alej supup abia, Tādatwup bu ta jena awi kāzet puā, ebu mena taj kiniā, mēte taja walia mena awi kāzera wali ūjat ikiniā liā mene na mena awi kāzera, ebu mā māwe mi tere taj kinia. Āma Zareja lia bu alú mā pāgaja, jalaj bu mena liā alú mā. Ena mene na mena awí kāzera.

Ām wā Castanhal pepuabia.

Atea etigia, eka ewe mena etigia mene busa kena puā.

Epi tere bu ege erena apini alej kajena puā, tugam nīg pi terea, epi tere alej mena mawe ma tere kiā. Ena bu we malena karea, etigi de tugam kājga erena pājere um eka kājga sut kiā. Wade é pana man na tere epū jena, ebu epege tut tere ege malena alej abia, eka mene pana bu pāzena awip abi tara tea bywej mākā puā.

Asurī té bu tājena kare puā, ali wemena epi karea, ā tupinim kuj tere kareā. Ebu awe ū té kareā, ebu pamena ā kuj kī te pawet ta kī té kareā, Binim bu mena biniā, eka tere kareā. Ebu āna pāzali te pawet ta Castanhal malena amāgā, ebu ewe sena lī puā, jābi ma ej

sali té karea, Zap Ap wej kī Gatú ma papa ej kia māj salia, ebu āwe mitē ewe mena, be ixu kī mena pābe sala kia, ebu pamena pa uala ewekā. Pāba lia lap um eka, etere pamena. Ana kiri panuj bea mene ka. Āna kiri panūj tabí kiā mene ka. Pābere makala té balej erena bala te Castanhal ka mā ej abí kare puā, ebu tamā awepika um wā, ebu alej mā epi té ta bi kiā, rio Branco ka, mā ej abí kiā, ebu tamā awepika um wā, ebu alej mā ana mene kala bute ta senā, ane tāga awepika pāgaj kiā alej mena eweka, anā te wesena bute pāzā alej mena eweka apere wepeā.

Eka tere bu alej mā ana tepā ta kaja, etigi de alej et tabí jābi awulup ta kiā, etigi de jābi māj wulu Bubyrej ka kiā, ebu alej mena eka asali ta bia, taja li apitjē pābia kāzera, ebu tamena apitjē um wā, am tamā awepika alej kajā, meneka bu alej mā ana buga ta kaja.

Am bute ta sena pābia alej mā ewekā, ebu papa ej mā kena epi ewe kuru kate gyjyga Muiraquitā ka māj kaja, ebu ta malu alej kabi tere ewekā, am tamā tūgā alej kaj ena teā, ebu alej mā eweka jābukuj tere am tāgena mana pāgaja akaja, ebu alej mā mēte saka ta bin ga nalia akaj kia, me sut te saka ta bin

ga nalia pāderej mena akaj kia, ebu alej mā Castanhal ka kia, ena te eka māj mā alej pere igi gyja, ebu ta mākā atut māga tere ekā, ebu alej mā apitjê te tapia, ebu tamā tūgā um alej kaj ekā.

Ebu alej mā gulua tere apere wepea eweka, ana butepā ta kaja alej mā, ta bin ga bu pāga bu Mamwājut erena alej kaj eweka puā, un sut bu sakana mēpi puā bu émā. Ebu pere ma ā pāderej mena jā, ta bin ga palia akajā, ebu alej mā ibuga mawulu kī bakuwā mawulu kī xibuja igi kī mākāp igi kiā alej mā, ewa jala āgena liā mene ka tere alej mā kena bakuwā ta kī wetjiga ta kī mākāp ta kī ta wit nā, etere alej mākena ta bin gā.

Ebu alej mākā māgere ta bin ga, ebu alej malu butumā taj kinia liā bu elej mālúa, butumā jalaj bin ga bu alej mā. Epi weret wa puta aka ājawe kuja, ebu jābukuj tere tusupup ākena taj kini ewekā. Āguē bin ga tajādē māj tete mākena bala, ebu tumā í kata, ebu umā kā mājbuja ta tere í kata, alia man kuj tere tumā campo at ikinia, ali jalaj bula terena, paxu piri kia, ali zawijaj sali eka, āté taja zereg ta tukuj gat pimi man tarā, ābijkiniwam kiā man ta tukabia, werep wa puxig ta tukabiā. Ebu tumā tuwulu kia,

terena terea, pamā jalaj bin ga jā. Am tamā mana pāgajā, pāderej tere bu tamā tu mena ebi tu wuluā.

Etere ibale mā kirikí alej mā, alej wē mākiri kī pāderej mena eka, etigi te bu māwe tere malena ābi kiā, ebu wesut ké sena li puā.

Ebu ābi gala katé malena ewe mité sem sem pena kiā. Ebu ābi māj kena jalaj na puā. Pytyg tu kaj eka ebu tamena puwe ā te ki akaj eka kia, tag taga kiā akaja, ebu tumena Bubyrej pi tupitjê tapi ena tajādē akaj menekā. Ena jalaj teta ja um de paga eka kiā. Ebu tu mena tupitjê tapi xuluga man kuj ta pia, am wenē tūjāwe kuj kiā.

Ekuj tusali bu ābi māj kena Castanhal ikini kī puā, ebu Pewājurej kī Gatú ej kiā, māj mena Zakūji tara atā, māj buma kena taj kini tu pere miā, ali zap putu tere ā pābe puabia. Ali mawe mi tere pesali kiā, lpewyrej pi tere wasut xipu salia, ebu Pewājut mākena tukulā, ebu alú mā māwe mi tere bu pé āga āna kiā tu kaja, jiwea ā dipe kī dabe kurej kī ābijkiniwam kī dipe tąg kiā, māj ikini bu mēgā alú mā tukaja. Pāguemi māj malena alú mā tukajā.

Eweka pākā taj kini kiā bu tumā. Ebu pāderej supup mākēna taj kini awe bugua, ali Pixuí sali ali Tígip ali Sūj Gap sali Barobá sali Hugoa



pū Zebel wa pū Raimundo'a pū Apoena epi tama pema kit kiā mana. Enym wej mena FUNAI parej na ekā. Ena FUNAI mena a ī pāguja.

Ebu epi te ibale mākīā e ej matere ka kiā, pāgue mi māj matere ka ibala kiā. Ibalé mā etigi kī gulua, gujanej na mena mā etigia. Etigi té bu pāderej tere wulena puā. Sebirup kī Xinepuaba kī Suraba kī Barriga kī Ijyt kiā mājā. Enyn wej mālú etigia.

Ebu alej mā pajaj kue panā awulena pāgaja, ena pajaj kue āgā lia pāgaja, mējaka mana mana té epi pāgaja lia, alej mā ājārej kaja, Suraba mā ājārej kaja, am pāgana ewe kuj té anā lia mā alej kajā, gulua tere mā apia. Ebu alú mā ewe pana pāgaj ena pé āga lia, ena bu pāgena anā pādā mena pāgaja.

Epi Sebirup mā pāgala ījajāta mēja lia pāgaja, jalaj āga pāgala ma ā liā pāgaj, ebu mā ābu pābarej āga FUNAI na lia pāgaja, ābu

Criança Zoró observando com admiração o movimento da aldeia.

pābāxynēj āgā lia mena tukaja. Xinepuaba ej mena FUNAI kaj ājajī māj nā. Ebu Surabā mena ākuj bu pākā pa uala tukaja, mawe mi tere kiā, pajaj pare kuja mena tu kaja, ebu tumākena eweka. Ebu tumākena ekuj FUNAI ijala kiā, ebu alej mā í mawā ewe mi te e ej kaj kiā, am wenē í wade pajaj pat sa bea kiā, ebu alej mā alej palimādja eka kiā. Ena we mena karea.

Zebel mākena Papaju mābiria. Abu pāzupup sa wulena ena man ka puā, ana kiri tuwulu kiā, ebu tūguē sut ké sena kī puā.

Mūj kawu ka tuma ekuja. Ta igi tere ma ej sali tere tumakena, Pixuí ej sali ta kylym malītjē terea. Ebu Zebel mākena mābiria, ana um ēgala ta kaja, ewulu en ēgala kuja kaja. Ēgala mā ā jalaj āgā mākena kaja, ēgala sut ka ēga jinā mākena kaja. Ebu Pewājut tete jena āka amūj ga puā. Ebu gat pimi man tara Zebel mākena Papaju mābiria. Abu

pāzupup sa wulena ena man ka puā, ana kiri tuwulu kiā, ebu tūguē sut ké sena kī puā. Alu kala bu pākā kiā, bu tumena eweka. Tuwit kaja tuja buj Ikūlēj ka kia, etere tumena tuwulu Ixikura ādat tut ta tu wulua, am tamalu gulua karea, xi um wēj tete bu malena kala karea.

Gyja te mā ej mālena karea, am ma ej mā awulekalā, ebu tamā wulena gyja té karea. Ma mūj wulua té karea, ebu mā ej mākena ajbirixā té anū pajaj kaj karea. Etere tumā tumabugu kia, Bubyrej kuranā kiā, gat pimi man alap māga kī zap pāgā kiā ena tea, ena tumena eka tuta epia.

Āté māwe tereja kiā, ebu ābi māj panē mālena, men tujabuj gat pimi man alap māga kī werewa pema kia, āté Cinta Larga ja ābi kiā. Ebu mā alú kaja, ābu pābarej āgā, am pāga FUNAI kala, ā gala ma āj ta bu pāgā alu kaja, am bu pá ena pāgaj puā, etere alej mālena, am umalu bala tere karea, ebu alej mā gyja tere tāga paj tá, panemādú tāgā pawara mājā tāga gyjā alej mena. Ebu pāderej mena axim gyrala eweka.

Ebu Pamena ewe mi té taj ta kiā. Am pamá ali tere taj ta pādā āka. Paraiso da Serra kā. Cinta Larga mākena ā ej paset ta jalaj na pāguja, Ita Mantina pamá kaja.

Zawijaj na mene kala menā, etigi de jalaj ja tādāt nū kiā, ebu é mena eweka ena apere ta. Americo (Minotti) ména perema kia, é mena zawijaj ta wap na etigia. Ena we ména tumalu ākuja. Am tumalena tu pere ka bug terea, é bu mena eka bu pāga kā tu kaja. Ebu mā Papaju kaja, āmi té en ēgala ta lia alú kaja. Jā té lpewyrej āga. Ji nyn dé bu tukala mena alú kaj āweājā, ebu mena wekuj jea kaj eweka.

Etigi te bu am mēga jina we mia mene mā tukaja, ūgā butezaja mā eweka. Āté pāderej ja, Suruí ej kī, Wexigyrej kī, Ikūlēj kī, Cinta Larga ej kiā māj na tumā tuwebugu eka, ebu mā ana te mējena pāgala nuā tu kaja, etigi de jena pābere xika te alej et jina pāgala nuā lī kinā apereta kiā, ébu mā mēpat pereka bu tu mena Lampião kaja, é mena gyjyg gyjyga tu kaja, ebu ména ekaja, am tumena tu pereká, ēbat pereka butumena kaja. Ābi bu te wulena ēbia kaja. Am kut kut mena bere ka bumá kaja, taj bu malena tūjum xiká kaja. Eweka pāka alú igia buta mena eweka.

Taj butajena we māga mātē taj ta awulena, ana te we erena mene tigi puā, ebu jalaj erena Suruí aka jāka puā, ebu alú mena am pāga alej kaj pá epia tukaja, pami tete

bu pāga tukaja, etere jima lena be pekata Barreira māga terea, é tere tumā ana té pākā ekujā, ebu tumā padjiga paliri kī bu pāgā pamaka ekuja. Ena ji mena mādat mi tere wema kī ta igia.

Men Cinta Larga eja buj apat mapa lia lá.

Eweka bu tujena ena tukaj puā, été Água Boa āga ekā, eka tumena tupatpé mā līa. Ebu tumabuja mena wekujea um tukaja, ebu mā papa mā asup kaja, ana bu tēzena jinā am pāgana gyja pawe kaja, ā pazanu ej āga pāgaja mā kaja.

Am pāgana gyjā alej āga pāgaja, pāgala ma āj tabu pāganā alej malu pāgaja papa mena zawijaj kaja.

Ebu mena ana ējā eweka kiā, ena bu te pé sena alú mā ane tup jādē ena akaj mene kā. Etigi de taja paj paja Pāderewup kaj nalī kiā. Ebu un mena jina um wā ta kaja, ā pāderej ikini bu ne mēsa kiā ta kaja, en bāgena pawe xut kā tumena pādet kaja. Ānā té kiri pāderej wulu weparat jādē mene ka pābere āba kata kiā kaja. Ānā ējā bu pādet mena eweka.

Ebu papa erena ana kiri jina kiā kaj puā, jina tere māj kaj tere kirien tūgā kiā kaj puā, amā wepire ēgaja kaja. Āna té kiri pāderej sa weparat jādē meneka wekujea



Criança Zoró
brincando, T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.

ewekaj kiā, En bāgena pawexut ká butajena kaj puā.

Buta wulena āka wej kini tete puā, ebu alej kamam mena aweaka alú mātī puā. Ebu alú mena pāde té mi bu pāga we kaj pā anā tukaja, ebu tumā ta supup igi terea, etigi de alej wulu pāba kup nū tete anym wēj tere buga mene tigi kiā.

Etigi wulu kiā, Wiliam malena ekā. Ebu tumalena é pakup mágā, ātumalu ta igia kaja. Ebu tumā kaja, am tumena tumi ēgaja lia kaja, ebu é mena apakup wulu eweka.

Atea 1991 mi kiā, 1992 mi tu mena tu iā

Etere butu kene ekuj puā, ēbarej igi en tukala pia Papaju mena kaja, ēbarej igi en gala pia umalu ēgaja bumā kaja, ebu mā ate ūga ta igia lia mā kaja, etigi de takat jena zawijajej na tuj ta kiā, e ej mena tu pereāba kata ena eka kaja. Xingu ej kī epī ma ej, ebu tu mena ena kaj eka. Ebumā aset tīgī tere eweka sep ka. Āka en ēzet tīgīā liā tere balú kena kaj puā, ebu mā aset tīgī tere ekā. Maxiāzap ej bukena ena kaj puā.

Am tu mākena gat pimi man tara, gūj mimaj tara té bu tuma kena, epi bu tukena gat pimi man tara kare puā.

Ana buga bu pāzena pājere um ikini ka puā, ēgēwā ana bugā ana bute zap sanā abitarā, mene ikine ka. Ebu ta mena gūj kuj té tājam māga eweka.

Etigi de taja mewa tēza lia tere takaj kiā, buliwej kī arajej kiā māj kala tamā takaja, am boi we mā etigi ta kaja. Enekuj ta mena bulip wej kī arājēj kiā. Enekuj tamena buliwej kī arājej kiā māj kala tete takaja, ebu tawit mena aputu tē eweka, ebu ta mena ana tere buga eweka.

Ebu ta mena awit we malu ewekā, am te panuj pawit ta man wa tea lia tamena.

Butuma we māga mēka bia tetea, butumā we mā pini mēka kabia lia, butuma mēkala ma ā epitē jalaj pabe pia lia tea, ena ūga takaj gue ijala. Etigi de pāzana ekapi ka te epi té kiā, men jalaj jabuj wesura. Ebu pamena wema ā epitē kiā, wesut na man kuja bu pāzena puā, pawea bip kuja, bu tama tūg gā ūgaja ūgena mēkaja, wesut na man pi mēgana kala tana epi tea, etigide tāj tūg tūgā tukaj kiā. Pāgala tere bu tajena lī puā. Eté buzena bu pamā

kala ma ā, epitē tapabe pi kiā liā pāgaj jena puā.

Etigi de tāj kala ma ā nali kiā, ebu pamā epitē wej birāxa kiā, epi bu pāgana kala kanā, epite kiā. Meneka bu pāga abea, meneka mēj abea lia ūgena bywej kaj gue ijalā. Mēku sep tīgi mema kuba wekaja. Ena man pi te pāzana kala ka kinā mēj gala kaj mēguē ta lia bywej kaja. Ena bare āgena gyja mēsa paj ta lia, epite um tama buli pāgala ká lia takaj ena tea.

Atea, ana kiri panūj pābare nū pāzu kaj kiā, aweta jalaj āgena ena té naliā, am te pā āna kinā jalaj āgena naliā, alú pare bātaj jinā, alú bu teja bala āka ata kinā um jalaj āgena pāgaja, ebu alej āga elej pare te tanā kinā, alej kuj bute pawulena kina meneka ā ā puā wekuj tere mēgenā zareja pāderej ajādē meneka na liā. Ena bare āga wekaja, ebu alej āgena pāderej na

Byt buma apinia, ebu alej māj pawajit āgā tere akaja, enaepinī menā, am mā mā mā epiā. Weterena tere wemena.



Meninas Zoró,
T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.

um paj tá. Jika tere bu pājāwe sena puā, etigi de akabi ej tēsa kare kiā, busap sabé ej te āga, zapujej āga betiga igip āga takaj kia, ta pare mena meneka bu pāgena ana kiri jina tukaj kia jalaj kaja.

Ebu pāgena mawe mi tere wekaj pā takaj kiā, pāgu sep tigie miā, ana bare āga wekaja, etigi de un et u'ala eka tere kiā, Zap Wup ka mena u ala.

Alfredo Sep Kiat – We parat terena tuxu igie āgā, pali ena te pama kut kurej kī pama papa ej kiā māj erena pāgala ma ā mene tā meneka. Butama pāgala ma ā

pāgabia lia ūga gue ijala takaja. Pagala tere bu taja lia puā, bu tama kala pekata pāga bia lia. Ena mene ka ūga bat pé kī jap kiā man pere mi man we amā na lia takaja. Ena té ūga āté pāga batpej na lia takaj ena tea. Ate pāga pāgala ma ā liā takaja. Pāgu sep tīgē mi tete pāgena wej bēwā ana liā takaja. Papel mi tete pāgena we kaj pā ana takaja. Etigi de pāgala pekap et awé ijala pāgala katap tigi kia. Mene māgé kala bu pāgena. Ate pāga wema ā kara lia, etigi de gulua pābere ābakataj sa kiā, e ej āga we māga pāgabia lia. Ena

mene ka ūga ewe ijala mēkaja. We māga tere pāga kara lia, etigi de pābarej et awe abi kī awe pugu kiā men tere ebi kia.

Etere berut mena berea eka, ebu alú mā berea ekā alej bin gap wea. Etere bu gat pimi man sane apepu tī puā. Ebu alú mena ewea.

Música 1

Ten pepu tē pepu tē pi, kiā te papa. (2)

Ten bat tiga wup pepu tē pi, pepu tē piā.

Ten bat tiga wup pepu tē pi, pepu tē piā.

Música 2

Ana tepa nāi nāpu pāzawijaj sewyp kaj

Na liā būza puā ābuja, ābuja mā.

Ana te pa nālī nāpu pāzawijaj sewyp kaj

Nāliā būza puā ābuja, ābuja mā sep pala bu pāga bu pā liā,

Sep pala bu pāga, pu pā nālīā

Ena etigi mene āgena, ena tumā terena berea la kia, pāderej ikini pajādē mene matere ka.

Zebel saj mā lena ākuja, enekuj tumā Apoena pat ikini um wā Hugo pat ikini um ena tea.

Enekuj Zebel mena apat wet ta terea. Ebu xi saj mena byp mā um

epare ka kiā, byp māga mene kala mena tu ap ka kaja, wali zarej set mi māga lia menā. Ebu mena ate wāwā sā ekā. Ebu alej mā, āte āga kaja. Taj terea puā alej mā eweka, etigi de jena paset puj na kiā Papaju mene ma gulua terea.

Ebu mena eweka tēza ūbygy ma pini na liā kaja, te byp māgé pire sa ūzaj kaj ema wāwā mi ā kaja. Ebu ma alia lia kaj eweka, am byp mā te ūzaj āgena mena kaj eka, bu mā wekala ki kāzera mā kaja. Ebu alej mā māxu ma ā, xu xua bu alej mā eka.

Byt buma apinia, ebu alej mā ā pawajit āgā tere akaja, ena epinī menā, am mā mā mā epiā. Weterena tere wemena.

Weterena tere wāwā mena byp mā um sakali byp mā pini kaja. Am mā mā mā ā té epia.

Ena epinie mena. Man ka bu tamena pābyggya tere kaja, zarej sādē akaj mene mi terea.

Tūgā mena akaja bu we sena puā. Ebu ekuj Papaju sali tamā kena paset tā, ēbaxyn mā awia kaja. Ebu zat mena buap at ta pāgaj mene miā, buap at ta awag ta kaja. ●

Tradução

NARRATIVA DE ZAN ZORÓ

Alfredo Sep Kiat Zoró, nascido em 14/01/1985, jovem líder indígena, professor, coordenador pedagógico da escola Zoró, pesquisador da cultura, morador da aldeia Paraíso da Serra, junto com seu pai Miguel Zan Zoró, foi fundador da aldeia Paraíso da Serra, local hoje habitado por suas famílias, após a retomada do território – Intérprete.

Antigamente, eu ouvia dos meus avós que existia o branco muito longe de nós, mas não era visto aqui, eles vieram para cá para entrar em contato conosco.

Nós morávamos na aldeia Guwa Puxurej, lá era nossa moradia antiga. Em seguida, os brancos começaram a entrar onde morávamos, vieram fazer picada, foi nesse momento que vimos quem era o branco. Por isso, decidimos todos morar juntos na aldeia Bubyrej e lá permanecemos. Foi assim que tudo começou por aqui.

Eles faziam picada por aqui e nós víamos tais picadas, por isso foi feita



Menina moça
Zoró - T.I Zoró,
Rondolândia/MT.





Criança Zoró, T.I.
Zoró, Rondolândia/
MT.

uma flecha cruzada, para ver a reação deles e saber se outros índios estavam ali e não houve reação. Quando eram índios e viam a flecha cruzada, eles colocavam um cocar para mostrar ser mesmo um índio. Os não índios não entendiam que aquilo era um sinal e uma forma de nos comunicar com outros parentes. Conhecíamos a cultura dos outros povos: os seus artesanatos (sabíamos de quem era o artesanato pelas características), sabíamos como era a flecha dos Suruí, dos Gavião e dos Arara, reconhecíamos

todas as flechas dos povos, assim poderíamos ter a resposta ao sinal que fizemos, nada aconteceu com os sinais, assim, confirmou-se que era o branco que lá estava.

Naquela época, nós nos vingávamos, quando um Cinta Larga matava um dos nossos, os Suruí também se vingavam, por isso existiam tantos desentendimentos. Isso estragava as nossas relações, por isso temos medo e queremos evitar, para que não haja mais brigas. Tais coisas podem ocorrer novamente, talvez possamos estragar

as relações com os outros povos. Sempre damos aconselhamos, pois, havia relações matrimoniais entre parentes de etnias diferentes, com mulheres que eram levadas durante os desentendimentos.

Só matavam aqueles mais importantes: os líderes, para revidar roubos de mulheres e brigas, ou seja, não matavam as pessoas menos influentes, era assim que acontecia naquele tempo, por isso chamamos atenção das pessoas que desrespeitam os outros, pois a vingança vem para os caciques, os que estão à frente.

Os brancos sumiram por um bom tempo, mas muito depois que nasci, já estava grande, os brancos apareceram novamente. Andávamos para todos os lados, éramos nômades e já grande vi quando foi fundada a fazenda Castanhal. Nosso pessoal não sabia que aquela região estava sendo invadida pela Castanhal, mesmo tendo os pais do Zap'ap e do Gatu morando lá. Aconteceu a mesma coisa de antes, os brancos vinham abrindo picada, por isso fomos todos morar juntos na Bubyrej, aldeia Central, não havia mais saída para nós, aonde íamos os brancos apareciam fazendo picada. Não podíamos matá-los, já tínhamos matado alguns lá na Castanhal e eles não reagiram, por essa razão, ficamos com

medo de ser atacados por eles. Como, matamos alguns na região da fazenda Rio Branco que também não reagiram, ficamos desconfiados e admirados da atitude deles de não revidar.

Ao encontrar um branco durante as nossas expedições, nós o matávamos, em seguida, os guerreiros começaram a pensar no que fazer, já que os brancos não reagiam. Quando todos já estavam morando na Bubyrej, matávamos o branco para eles saírem da nossa terra, queríamos espantá-los, no entanto, eles permaneciam lá. Com isso, ficamos nos questionando, para entender o que os brancos queriam, e vimos que eles não queriam matar.

Depois disso, o meu pai foi à região da fazenda Murakitã, chamou o branco, eles responderam e nada fizeram; isso fez pensar que os brancos eram bons por não atacarem. Então, perguntaram quem se atreveria a fazer contato com os brancos. Quem teria tal coragem? Voltaram para a Castanhal e gritaram para ver se o branco respondia, foi quando eles vieram até a margem do rio Branco e responderam, sem reagir com tiros. Eles apareceram em suas canoas, onde estavam os guerreiros, com isso, todos os guerreiros fugiram com medo, ficaram desconfiados com a reação pacífica deles.

Andávamos para todos os lados, éramos nômades e já grande vi quando foi fundada a fazenda Castanhal. Nosso pessoal não sabia que aquela região estava sendo invadida pela Castanhal, mesmo tendo os pais do Zap'ap e do Gatu morando lá. Zan Zoró

O nosso povo pensou muito no que fazer com os brancos. Assim, Mam Wājut convenceu todos a fazerem contato. Mam Wājut disse ser a pessoa adequada para fazer contato com eles. Desta maneira, os demais decidiram ir junto, colheram comidas da roça: banana, mandioca e amendoim; e levaram para oferecer aos brancos na tentativa de fazer o contato.

Pela manhã bem cedo, saíram, depois voltaram para a aldeia contando que já haviam conseguido, mostraram as roupas e os objetos que receberam deles. Por isso, os demais ficaram curiosos e foram lá para ver. Aqueles que se dirigiram à frente eram os mais corajosos, atravessaram o rio Branco e foram para o lado da

fazenda Castanhal, eu fui à frente com meu avô Papaju. Logo que atravessamos, avistamos aquele campo aberto, a pista de pouso e muitos brancos andando, alegres e tirando fotos de nós, nos abraçaram, demonstrando alegria. O gerente da fazenda estava junto e trouxe roupas, que vieram em um avião, espelhos e outros objetos. Depois disso, voltamos alegres para aldeia, nem estávamos acreditando que o contato foi feito, assim concluíram que eles eram seres humanos.

A partir daí, começaram a fazer festas para comemorar o contato, no entanto, ficamos sabendo que os brancos estavam invadindo nossa terra, entrando pelo Rio Pacaranã e os problemas começaram novamente.

E logo vieram os brancos fazer demarcação da nossa terra e abrindo as picadas. Os brancos que estavam na região do Paraíso da Serra seguiram para a aldeia Bubyrej, aldeia Central, lá eles brigavam entre eles e, vendo isso, nós ficamos com medo e fugimos, ficamos escondidos no mato.

Quando estávamos em Pewājurej, Gatu e os que moravam na aldeia Zakūji foram à fazenda Castanhal para entender como estava a situação. Logo, viram a casa construída no lado de cá do rio, próximo à aldeia Pawanewā, também viram muitas



Miguel Zan Zoró,
fazendo flecha,
T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.



Angélica nos braços do grande líder Paiô. Ano estimado: 1980. Foto: Lourdinha / arquivo pessoal.

coisas, desde a aldeia Ipe Wyrej até chegar à beira do rio: eram objetos expostos em varais para nos atrair. Pewājut veio avisar o que viu, disse que estava acontecendo algo, mostrou os espelhos e facões que haviam pegado, para que acreditássemos no que ele estava falando, disse que viu gente falando a mesma língua que nós (eram os Cinta Larga e Gavião compondo a equipe da FUNAI).

Todos quiseram ver o que havia por lá e seguiram, encontraram Pixuí, Tigip, Suj Gap, Baruba, Hugo, Zebel,

Raimundo, Apoena e outros peões deles, esses eram os funcionários da FUNAI, foi assim que a FUNAI começou no meio de nós.

Nosso povo começou novamente a fazer festas, todos estavam alegres, comemorando a existência de outras pessoas que falavam a nossa língua; lá estavam também os mais velhos: Sebirup, Xinepuabã, Surabã, Barriga e Ija; foram esses que estavam no primeiro contato.

Esse pessoal começou a falar sobre a palavra de Deus para os conhecidos

como os mais bravos, diziam que não podiam matar e bagunçar. Surabã aconselhava a todos, pois estava temeroso.

Depois disso, Sebirup dizia que precisávamos cuidar da nossa terra, avisava que os brancos queriam tomá-la e nos apresentou a FUNAI, dizendo que ela estaria nos protegendo. Xinepuaba já conhecia a FUNAI, e nos chamou para morar com eles, para louvarem a Deus na aldeia deles. Por isso, fomos para a sua aldeia, abandonando a FUNAI. Na nossa chegada, fizemos festas, nem lembramos que os outros eram evangélicos, demos macaloba a eles durante a festa e todos ficaram bêbados.

Ficamos um ano lá.

Pixuí já estava com os outros expulsando os brancos.

Zebel foi buscar Papajú, dizendo que Papajú não podia abandonar a sua terra, falando: “Volta pra sua terra, os brancos estão tomando-a de vocês, vocês vão perdê-la.”

Quando o povo estava lá na terra dos Gavião, somente Pewājut ficava na terra Zoró. Depois, o Zebel chegou lá de avião e trouxe o Papajú, não cabia muita gente, pois o avião era pequeno. Com a saída de Papajú, todos desanimaram em permanecer lá, decidimos segui-lo, deixamos as plantações nos Gavião

e seguimos de volta para nossa terra, descendo a cabeceira do rio Ixi Kura.

Lentamente, os outros voltaram, uns resistiram e ficaram por lá, devagar iam mudando de ideia, alguns retornaram para os Gavião, para fazer confissão de seus pecados. Com o tempo, voltamos a morar na Bubyrej, renovamos a aldeia, fazendo pista de pouso e construindo casas.

Logo que reabrimos a Bubyrej, veio a notícia que os invasores haviam entrado em nossa terra pelo Pacaranã. Os Cinta Larga haviam convencido muitos de nós a ficar com os invasores e expulsar a FUNAI, dizendo que não precisávamos da FUNAI, quando vários foram para a região do Paraíso da Serra morar com os brancos. Esses que passaram a morar com os brancos, foram até a Bubyrej para tentar convencer sobre a bondade dos

...Pixuí, Tigip, Suj Gap, Baruba, Hugo, Zebel, Raimundo, Apoena e outros peões deles, esses eram os funcionários da FUNAI, foi assim que a FUNAI começou no meio de nós. Zan Zoró



Jovem indigenista ZeBel, ao lado de Apoena Meirelles, estabeleceu os primeiros contatos da FUNAI com os Zoró.

brancos, falaram que davam remédio, alimentação, carne de vaca; esse foi o motivo que muitos resolveram se juntar a eles.

Ficamos pouco tempo morando com os brancos, no Paraíso da Serra. Foi o Ita Matina Cinta Larga quem nos convenceu a ficar com os brancos, ele queria ser candidato dos lados dos brancos, falava que seria o chefe. Américo (Minote) era o chefe grande, o mais poderoso daquela época. Nosso pessoal não foi ficar com os invasores por vontade própria, foram iludidos. Ita falava para o Papajú não ficar com terra grande, orientou que Papajú fosse com seu povo para o lado da Ipe Wyrej e deixasse os brancos permanecerem na terra, e justificava isso dizendo que a terra dos Cinta Larga também era pequena. Ele mentia e Papajú acreditava.

Assim, informaram que tudo aquilo era mentira, que não podíamos ficar com os brancos. Vieram os Suruí, os Arara, os Gavião e outros Cinta Larga para nos convencer do erro que estávamos cometendo; depois os Zoró se juntaram, e questionamos os Cinta Larga, para entender os motivos que os levaram a darem a própria terra aos brancos. Os Zoró responderam ao Lampião, liderança Cinta Larga, que foram os parentes dele, os Cinta

Larga, que estavam convencendo-os a abdicar da terra para os invasores, e queriam saber de onde vinha tal Cinta Larga que os enganara até então.

Então, os Cinta Larga expulsaram os seus parentes da nossa terra, aqueles que tentavam nos enganar.

Foi o Pãderewup que incentivou o pessoal a retirar os invasores, pois eles já haviam matado um parente Suruí que ajudava a defender a terra. Pãderewup convenceu os Zoró a ir ao enfrentamento, não queria mais chamar parentes de outras etnias, ficou com vergonha, porque parente Suruí morreu no combate com os brancos, isso o deixou mais decidido a retirar os brancos, desse modo, fizeram uma barreira na entrada da terra pelo Pacaranã. Eu queria estar

Logo que reabrimos a Bubyrej, veio a notícia que os invasores haviam entrado em nossa terra pelo Pacaranã. Os Cinta Larga haviam convencido muitos de nós a ficar com os invasores e expulsar a FUNAI.” Zan Zoró

com Pãderewup, mas não tinha como, nós vendemos borracha (látex), para conseguir dinheiro e ir para Barreira.

... mesmo assim eles ameaçavam o Pãderewup, entendiam que ele estava liderando a retirada dos invasores, falaram até em matar o Pãderewup, eu gritei para que parassem com aquilo, que quem estava ali defendendo a terra estava do nosso lado, até que Papajú acreditou.

Foi na Água Boa que enfrentamos o Papajú. Nosso avô não acreditava na gente, Xibi perguntava ao pai o que ele estava fazendo e dizia estarem correndo perigo de perder a terra e seríamos mortos por eles.

Só assim ele compreendeu e passou a acreditar em nós, mesmo assim eles ameaçavam o Pãderewup, entendiam que ele estava liderando a retirada dos invasores, falaram até em matar o

Pãderewup, eu gritei para que parassem com aquilo, que quem estava ali defendendo a terra estava do nosso lado, até que Papajú acreditou. Xibi entrou no meio e impediu Papajú de atirar, dizia ter muita gente ali e que se ele atirasse poderia acontecer algo sério.

Os outros parentes que estavam juntos vieram nos apoiar e mostrar aos brancos que éramos muitos, e podíamos guerrear sozinhos, estavam revoltados pela morte do parente. Pãderewup estava com vergonha e bravo pelo que aconteceu com o parente que veio ajudar.

A FUNAI já estava aqui, o Wiliam estava na barreira cuidando para que os brancos não voltassem. Com a chegada da FUNAI, aqueles que se juntaram aos brancos foram se desculpar, dizendo ter feito aquilo por acreditar neles (nos brancos).

Nós fomos conversar com o governo, foi entre 1991 e 1992, Papajú falou para que tirassem o seu povo da terra; então, o presidente Collor prometeu retirar os invasores. Estávamos em várias lideranças de muitas etnias, povos do Xingu e de outros lugares também foram pedir a retirada de invasores das suas terras. Papajú e Măxiăzap entregaram o papel para o presidente assinar, comprometendo em demarcar a nossa terra.

Fomos de carro e voltamos de avião.

Ficamos admirados, vendo os prédios, os carros, uma casa em cima da outra, deu até arrepios de imaginar aquilo tudo. Por isso, nós ficamos só no primeiro andar, ninguém ousava subir as escadas para o andar seguinte.

Eles nos perguntaram o que comíamos e pedimos para nos servir galinha, e peixe (não conhecíamos carne de boi), foi o que comemos. Eles serviram um grande banquete, ficamos novamente admirados com os brancos.

Lembro-me de ter levado comida para o congresso e não precisávamos comer, pois havia muita comida lá.

Música 1

*Você Viu Voando Papai
Você viu voando? uma tigela
voadora.*

*Você viu voando? uma tigela
voadora.*

Música 2

*O que devemos fazer com esse
nosso líder peludo (Zebel)*

*O que devemos fazer com esse
nosso líder peludo, meu irmão.*

*O que devemos fazer com esse
nosso líder peludo.*

Nos podíamos raspar o pelo dele.

Nos podíamos raspar o pelo deles

A mulher do Zebel veio com ele naquele tempo, ele foi o único que andou com a mulher dele. Aqui dentro, ninguém viu a mulher do Apoena e nem a mulher do Hugo.

O problema da mulher do Zebel era a gravidez. Ela tentava engravidar, mas não conseguia, por isso ele foi atrás do pajé que era o Papaju. Esse pajé era muito falado, porque tinha muita fama, por isso o indicaram.

Zebel perguntou para Papaju se tinha como fazer alguma coisa para a sua mulher engravidar, o pajé respondeu positivamente. E logo, em seguida, pegou o cigarro que usava para pajelança e fez o ritual soprando a fumaça na barriga da mulher, fazendo imposição de mãos na barriga. Depois de um tempo, ela engravidou. Depois que o bebê nasceu, Zebel apresentou ao Papajú dizendo que era a filha deles.

Foi assim que ela veio ao mundo. A mulher do Zebel não teve mais filhos.

Falam que ele se suicidou. Naquele dia, o Papajú estava na cidade, foram dar a notícia para ele que o amigo tinha morrido.

Papajú correu lá para ver o amigo dele que estava morto e chorou muito, abraçando o corpo. ●

Zé Bel
cumprimentando
o grande líder e
guerreiro Paiô Zoró.
O início de uma linda
e profunda amizade.



**Francisco Sãbigip
Zoró (Caneco)**
– nascido em
30/05/1963, líder
e morador da
aldeia Duabyrej,
T.I. Zoró.

•••••

NARRATIVA DE SÃBIGIP ZORÓ

•••••

→ Bala bu újaj jena pābat mapē tāgá ama ě tigi
pāgaja lia jalaj kaj pāgajena puā. Ena tama awene
Wetjygyrej kaya lia jimā tukaj nabua. Ebu pamā weaj
kini dipe abā māga āga pama ā liā tama pāgaj nabua.
Pamakubā lia menekaj tamena pāgaj pama ā liā
pāgajena. Ebu tama pābat sat makí zeg pit ka mene
kini bu tūj kena puā, tūj mā dabekut abā ikini. Ebu
tumā ma ā pygyp tuma ma ā. Ebu tumā tábí kala ena

tajena pama kubé kalé ka te tabie kala kia. Tajbirexé kala, am tumá pamakubé kala te tazanā tumá takaja mene na kiā. Zakūjij ka tamā dipe sat māki tukaja.

Ebu tumakena māgere gakura man kuj bu tuma zegpe āzyp ikini ali dabekut sat zegpit nebi ka. Ebu zanu māka dabekut ma ā bala alú ma uma palia la karea. Pama kyt ejalia en āga eja uka tajena meneka alu ma ūgaja. Ebu alú ma aka dabekut ma ā wasuryt kapam tut ta alú mākā ma ā. Ebu alu ma apaliala pytyg zap ka, paweabi pāga tumā. Epi bu tumaka tujaj kaj ena, āpaga paweabia, ikaralia bu ji mā tukaja pali ana mene te taja karea. Ebu ji mā amā Wāwā pi we ma ā karea. Am wa wāwā ma ūgaja buja puā, pama kuba balej āgena ma wāwā ke pana tukaja. Alej te buma lia tukaja, Ikūlēj panā pāgaja am wenē jalaj panā bala pāgaj kare kiā. Ikūlēj āgana pamakubā lia bu mā tukaja. Enekuj menā Apoena set mi pamakubā ākuja té é panā, ākujatē panā pāgaja.

Ebu mā tukaj mēja ka pú wa tea lia bakuwa wa tete bu mēga lia má tukaja, etet demesa arroz māpē tāsādē mēkaj man wāli kiā, pāzut ka tīgālia tama, etet de mesa açúcar wali kiā, man mā ī bu mēga

ixúwā kā lia buma. Ena tújaj mena tumakubā pawanē āba kā jalaj kaj.

Enekuj Papajú mā újaj makubā, ena újaj na té bu Papajú jena. Ebu mā újaj makubā apere mi terea, enekuj újaj mena wāwā tere na man ga bu xipat tere mena bere pana kajena Papajú pat tere mena ena te bere pana kaja.

Enekuj we mena ena etigia ma mā aparat kaj terea tá mena, ena bu wāwāj pare mena, am wene mūj tá té kiā ma mā bebej ikini ma mā gujanēj ikini, ena bu wāwāj mena atenā. Zagapuj ikini tere ma mena, meneka bu mena bere panā kajena am tāga mana jina mekaja lia tama pāgaja lia, enekuj tāgena pamakubā lia.

Ebu pajena pābi gulua tere jala kajena aratigi puā, etigi te bu ewe malena men alej jabuj tábī, ana mene ka te tajena tábī ēgabia? Taja li ajbirixa lia kāzet tamena takajena. Ji jalaj kaj ta mapala kia, mējbirixā mējā, āté pāga gawej tiri jali apitjeā bu pāzena gawej tiri puā. Ebu gap wej āga akun bá terea, am tāga apitjē tenā, menemi pali tajbirāxā tamena ta kajena.

Xiwējbirigi um bu pajena jala puā. Jala ka āgā lia tere pamena etigi ji wawu kālī akawa mene ka tea é jala ka āga kiā liā sereg ka tere pama



Jovem - Marcelo
Ning bep Zoró, aldeia
Anguj Tapua, T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.

sereg kaj etigi aratigia.

Wāwup wa, ujaj, Kujpirip kit ma papa Madylyg ijaj. Papajú mena pāderej ma kubat tere nena. Ebu pāderej mena kala ewekéna, am wene ajyt pāzadē pāgala menemi té kiā gulua tere pāga Betabi kaj ajyt naliā, enekuj pāgena am pa mena jina liā mene tere āgena pāgaj ajyt rena, ate tūj āgena kare, jina de pajena Papajú kajena kiā, anā mene maga te pá ajyt kiā liā, anā mene bin ga tēpā pābare na ajyt kiā, jawā tīgī pāga ajyt palala bu pa mena am wene ma puxup ra te kiā, am pāgena pāgala ajyt ra alú ea tere bu pa mena wāwā kajena, wekujea tere kaj, enekuj pamena gulua tere wāwā kaj wemi tere te alú sena lī kina tere pamena kaj

etigia, am wene pere sut ka té kiā, anā te pajena am wā pajādē kaj mene ka?

Pādājā pamá tūg bu pamá, ana mene ka bu pamá wāwā kaj?

Baj kyt mena ekuj ēga mene ka alú kaja bu xima gaj mena, ena budea bu tamena, ebu tama xixu ma ā wāwā pi kī, pygyp bali tjem bu byp mā apalitjē, ena mene ka pa mena ena, mene ka pa mena gulua tere aja wāwā kaj, ajá péka ena mējā lia jādē pāgaj mene ka. ajyt ra tepá aja pāgaja?

Am wā pābajkyt pāga ebu pāgena ji até sá pamakubā ate saka pama kuba, āté saka pama kubat na kina man saga kala terena, man kaj bu pamena caciqui lideranca etigie ena wawā saberat



Crianças Zoró,
T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.

kaj pama wāwā saberat wa ena tea, ji té saberat āga zanu ej na kí jina pamena pamakubala kí na, āté pāka ajyt ebu pāga wāwā saberat ej na ki ajyt kia, jina pamena pāgỹj kuj tere pādat kit wane pajādé mene ka wāwā na terea maxu kum wa ena tea, maxu wa ena tea, am tama ēbere maxu wa perum wā té pāgaj etigi ena, wāwā na ejādé mene ka tere ēgena maxu wa karalia bu tamā pāgaja, ajyt pāga jala ma maxu wa we maba pāgena maxu wa wāwā tete āgena maxu wa mene ma pāgaja lia .

Am wā ena um tama ena tea am tama wāwā na asali wāzet kaj, enekuj tá mena gat pi kuj kāzet akena maxu kum wa mene pi na, mēte sakena betara ēgābina?

Geru tia wāzet rit kaj tá mena

geru ti āga pāzut kat nalia tá mena gat pi kuj pāgaba lia mene ka bu pāga sakut igia lia tamena é geru ti akut igia apere da at tá āgena ūzú mējā pāgaja lia tá mena, am ena man āga wāwā na liā ala jādé man āgena wāwā na um wa liā mene mi te bu pāgena ajyt eja li wāwā na liā mene mi te bu aratigi māj mena wujit kaj ejaka wāzet sú te karalia, eja li ējere pini kará lia, ātun ujbirixá mene ādyt tere bēga pāzú karalia bu tama tukaj, ate kiri eja ema gaj wit aka kiā tama wujit kaj etigi. Tepā ajyt aja pāgaja?

Am wa, am pāga ajyt eja ka pāzú karalia pāzadé pāgaj mene ka.

Am pama wāwā na eweka wāwā saberet na tete am wene we tere nena, ate bu wāwā tere mena Wāwup, ujaj, Papajú mena tama

kubat tere nena, ewa tanam kuj tere bu ēgena pāzu makuba karalia man na bu Papajú mena pāgaja.

Am wa am ma āga weta epia, am tere wāwā āga epia akun ba tere we mena epia.

Atea ewemi té bu etigi mene jena etere eja ka pāzú te karea lia mene mena pāgaj pama kuba epi pawe sum wā, etere pamena pābí pajādé pe kaj mene ka pādīgiā dukap pira pāgaj, ebu pamā wekuja tere ewekaj jena, gyja en ēdalia tama pāgaj jena, eja ka pāzu saj kaj pá tea lia tama pāgaj etigia, ajā tuma ūjaj ej kaja, am pama pyrywa té pāzaj ma ā karea pābarej supup kaj pa mena ena bala karea, pāsaj ma ā we ābaka etigia, am wenē mapalia la kiā tama tukaja.

Atea awe surī we āga jina awe surī tere we mena am we āga ajyra. Ebu pamena aratigi é tigi tere we mena awe suriā, am pamena anā té pābygy nū karea, te ēza enalia tere kare ga māga pāgalia xima papa kaj, ebu mākā ga maga wit aka pāka karea má kaj te wāzerit et kaj pa karea?

Am wa gakura bu wujit mākā xima papa tá kare, ebu ma xiwip aka ekuj, ebu má basape tá awulu, am taj mawulu apupit tá, wāzet ma

papa bu mawulu xi pupit tá, pali ga māga buma kaj, ja buma kaj, am gyp té karea, ebu ma xiwit kaja epi kigarea, epi ma zap ma ā matē kaj, tesā apajkyt ra lia mene ikinie kala mena kaj, ebu má am wa liā kaj nali, ūgā bāga ajyt ra am ēga xita lia bumā kaj eweka naliā, ate mājā kiā ej kini malia zerat ra bumā kaj kī nalia, ute papa, pali karalia, pāgere pāga karalia tama eka akajena am wē pali karalia té kiā ēbaryt tea lia, pali pāgā karea, ajyt pāga uj kini kará lia tama akaj, māgere apaga tigi alu jali wajit tá mene na, mena ena kaj karea, ebu má pere ādyt eka xiwit aka xi sap ma ā, sap puj ma ā ga māga, ga kaja, eweka buta ma nū awajit kaj karea.

Ābuja buta tamāka asanu kaj, pawajit nū ūgena alú kaja lia, tea lia bu ema kaj, tea lu et pawa ka, atea buma, pawa ka alú ma ātigia te maj aka alú ma, wawu aka alú ma wāzuj aka alú ma, ga māga alú má, zap māga alú má. Eweka bēga nu alú kaja xima papa xixit ma kaja. Etene alú sa ewit aka kiā mene ka bu alú āga wulu wit aka karea bu ema kaj kiā. Ebu ema pirigi kiā ena bu pa mena pābaga etigena. Enekuj bywej ma papa ej āgena ajyt we maba tama tu um wā. ●

Tradução

NARRATIVA SĀBIGIP ZORÓ

Yhago Sābi Puga da S. Zoró, filho mais novo do Pāderewup Zoró, nascido em 02/07/1993, morador da aldeia Āguj Tapua, professor, coordenador pedagógico da E.E.I. Zawa Karej Pāgyjej – Intérprete.

Antigamente, no início, o meu pai falava que os brancos davam coisas para poder fazer o contato conosco. Ele falou que deve ter sido dessa maneira que o branco fez contato com o povo Arara, colocando facão no tapiri, como forma de os atrair.

Aconteceu o mesmo com gente: pegamos facões pendurados por eles em um tapiri. Naquele tempo, não tínhamos ideia de que eles estavam querendo fazer contato, ficamos irritados e queríamos atacá-los. Isso aconteceu no Zakūjj.

Um dia, pela manhã, quando fomos caçar, vimos facões pendurados em um tapiri e o meu irmão foi pegá-los, mas ele me orientou para que eu fugisse antes e, por segurança, eu avisasse os



Meninas Zoró,
T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.



outros, caso o branco atacasse. Ele foi escondido e devagar pegar os facões. Depois, ele correu para casa e falou que estávamos sendo atacados por inimigos, avisamos nosso pai o que estava acontecendo. Nosso pai foi consultar o pajé para saber o que estava acontecendo e ele disse que queriam apenas fazer contato; também falou que era o povo Gavião, e não o branco. Ele achava que era os Gavião, mas na verdade era Apoena, o sertanista. O pajé orientou não comer nada da comida do branco, comer apenas bananas e mais nada, nem arroz e nem açúcar que eles oferecerem. Dizia: “Joguem fora”. Assim, o meu pai nos contava e nos aconselhava antes do contato com os brancos.

O Papajú, meu tio, ensinou o meu pai a ser pajé.

Depois disso, o meu pai se tornou um pajé como ele, mas cada pajé ensinava de maneira diferente a forma de ver os espíritos da água (Gujanej), do porco (Bebej) e Zagapuj.

Na visão dos pajés daquela época, o branco estava querendo fazer contato conosco, sentíamos muito medo do branco, nós os atacávamos para que eles sentissem medo de nós. Era como acontecia com as abelhas, isto é, colocamos fogo para as abelhas fugirem e não voltarem mais. Imaginávamos que os brancos não iriam voltar mais, feito as abelhas. O medo levou até mesmo a conhecer o cheiro do branco, a sua camisa tinha o cheiro de osso de jacaré queimado.

Papajú ensinava Wawup, o meu pai, o pai do Kujpirikit e o pai da Madylyg a serem pajé, por isso o pessoal

respeitava muito Papajú. Não é como fazemos hoje com as lideranças atuais. Hoje, como naquele tempo, temos que respeitar Betabi que é líder religioso/pastor. Naquela época, quando Papajú falava para fazer as coisas, todos obedeciam. Se ele pedia para pintar o banco do pajé, todos obedeciam. Se não obedecesse ao pajé, a pessoa era castigada com doenças que só o próprio pajé podia curar, contam que ficávamos alucinados, porque o nosso espírito estava em uma sentença. O

filho que estava alucinado, logo era orientado pelo pajé que obedecesse às regras de convivência com as pessoas. Antigamente, somente o pajé tinha o costume de fumar, os outros somente com a permissão dele, quando estivessem na idade certa, durante a formação para pajé, então, recebia liberação para fumar.

No decorrer de sua formação para pajé, a pessoa não podia ter relação sexual com a sua mulher. Nesse período, o espírito que em sua

Meninas Zoró,
T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.



trajetória fosse tentado por mulheres e conseguisse sair ileso era aprovado em uma das importantes provas para se tornar pajê. Se caísse na tentação, não podia ser pajê de verdade. Os pajês de verdade daquela época foram Wawup e Papajú, eram considerados os mais sábios daquele tempo.

Nenhum de nós adquirimos conhecimentos como Papajú.

Era como acontecia com as abelhas, isto é, colocamos fogo para as abelhas fugirem e não voltarem mais. Imaginávamos que os brancos não iriam voltar mais, feito as abelhas". Sãbikiyp Zoró

Naquele tempo, a gente pintava o corpo com urucum, quando tínhamos medo de alguma coisa. Hoje, orientamos aos nossos filhos para não ter relação com mulher enquanto novo. Tudo que era orientado a fazer tínhamos que cumprir. Éramos ensinados a não relacionarmos com a esposa ou marido do outro e que não nos casássemos muito novos, a ideia era casar quando tivesse experiência de vida

ou esperava-se uma mulher indicada pelo pai.

Os errados somos nós, os mais velhos, que deixam o filho se casar fora da idade ideal. Antes, os nossos filhos não se casavam de qualquer jeito, eles pediam ao pai a permissão. O pai da moça fazia perguntas ao seu futuro genro: se ele era trabalhador, se caçava, pescava, fazia roça e outras coisas. Além disso, o futuro sogro chamava a pessoa que queria se casar com a filha para ir caçar, para ver se o rapaz tinha capacidade de cuidar da filha e só assim poder se casar; bem como chamava o futuro genro para ajudá-lo na construção da casa, para testá-lo e ver se era preguiçoso. Se o rapaz negasse, não se casaria. O sogro também observava o comportamento do rapaz no convívio com a comunidade e o respeito da comunidade para com ele. Se as atitudes do rapaz agradassem ao sogro, podia desposar a moça, mas, antes de tudo, o sogro devia pedir autorização para os membros da família, como o tio que o aconselhava a ser um bom sogro. Mais do que isso: o genro deveria caçar os animais e dividir a caça para todos os familiares do sogro. Assim, eram os casamentos antigamente. Atualmente, os pais não agem dessa maneira com os filhos, acho que estão errados. ●

Pintura corporal
Zoró – lado esquerdo
pintura do jabuti
, direita guelra do
peixe. T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.

Muitas mãos Zoró
preparando o urucum
para pintura do rosto
e do corpo, T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.



Sagapuga,
nascido em
26/08/1941.



NARRATIVA DE SAGAPUGA E MABEYT ZORÓ



→ Pāguj té tamalena ākujā, am jala mā āka karea,
am tere pādere mā āka lia, tuma gakurap we bu āwe
erena puā, Am be mā ami ena te karea.

Cinta Larga eja, Cinta Larga ej mena jā pepu abia,
Ikabe Tỹg pepu abia. Enekuj bu pājawe sena ābi puā,
āka bu Guwa Puxurej sena puā, eka zapuj menā. Ibug

Ājurej āga mawe na ena tea. Zarup Wej ena tea, Cinta Larga ej set bu Zarup weja mene erena puā, am ewe ma pāzapuj sera lia.

Ebu ami pāzapujej menā, xukuja. Ābi tetea.

Am jā pepuabi pājere āga. Āka tete bu aratigi māj jena puā, āka pamena pāberesā.

Ebu pama kena jākuj epi kiā. Ebu pamā ākuj pawulu kiā, man kuj bu pamena jalaj ikiniā. Pajbiri jalap kuja.

Ebu Suruí ej malena ākuj ena tea, ākuj té e ej malena ena tea, jā kuj

jalaj ikinia. Bubyrej kabu tujena tuta puā, Pāguynēj ka ena tea.

Ēpi tumā kena jā kuj kia. Tujbiri jala kí tea, Palag bu pamena ākala ka pa ī jalaj ikinie ka.

Kasalapwej ka elej jāde awea bi mene ka bu pawulena ākuj puā.

Ta sulia tut ta tea, pābarábi byp tut tá puā, pawit at ta, āguj ka bu pajakena byp tut ta, adu at ta pāzali teá. Ebu wyj mākena āpipi ka ma tut ta. Pawit abi tará.

Mēg káp abi tará. Ebu pa mākena pawit kajap ta xibuja kālī ta mēg ta mūjā ta ena tea. (Mabe yt)

Ga māga butujena kare puā, tu baga karea, ebu tumā eka tuta karea, ebu tumā tu wit kaja eka karea. Ebu pú má apinia, etigi té bu tumena tupitje kiā. Ebu tumā mēg kap pala kia, tupí tjē ābaka. Tu wit kajap ma ā, ebu tu mākena tuwit māka bala kareā.

Tuweabí ka tumena tupitjē ena tea, ena tuwit ta de tujaká kiā. Am pamáká pawit ta paweabip tigia, paj birixa bu pamena pawit ma ā, pāba kajap ma'ā, pāba kajap ma ā pābí tará.

Ena pamena pāda aratigiena, pajbirixa pamena pa wit kajap ma ā pābí tará. Ena pamena

Pāda ākala ká.

Āté Pacarana āga ji mi pamā

Wesut na tujabuja, wesure tara tumá tuta Barreira ka, jalaj Sali ābījā té karea. Ena mena ka ũga akala ijájata bywej jabā lia bywej kaja.

tere bu e ej pare āgena na lia. Ebu alej malena pāguj pāgala kuja.

Jā pepuabia puā, jā te fazenda āga bea lap ka. Ebu tumalena Barāduxiarej abia, Gat kāgynwēj abi tumā wulena, ākuj kia.

Ekuj ma ej má ata ena tea, ebu tumena pali paj birixā kiā man kuj



Sagapuga, nascido em 26/08/1941, e **Mabeyt Zoró**, nascida em 10/01/1945, moradores da aldeia Webajkarej, T. I. Zoró.

kéna patag ga Āguj Tapua kuja, sāba tyrya. Xukuj Ikūlēj kuj patag ga terea, ekuj tumena tutena kia, ji kuj zapujej āga kia, ji té Āguj Tapua āga etigia.

Jā parabi Badesagyrej kuja. Xigījāpep wej āga ekuja. Gulua pāzap puj āga ekuja.

Epi bu pawulena ākuj pabaga puā. Āka tere pabaga, jalaj bin ga tujādē meneka.

Un mena jalaj bin gená, āte ũga jalaj bin gat nená. Un mena jalaj ikini mātē pāgaja.

Bu pāzanu má awia, ma ej má apá baxynej nā. Enekuj Capitão tete āga baxyn nā, jinyim wēj na tumena jalaj bin ga ākena, jā ka

butu jena Castanhal ka puā, epi bu tumalena ākujena.

Tubaga, Jalaj malitjē tujādē meneká. Jalaj igi tujādē meneka kiā, bulug bu uma lena āka kiā, un dé kiā, un tere malena āka Baga.

FUNAI má tuj kini bala karea, ta bin ga tujabuj tere ta malena ābi karea.

Am pemá āka karea mene nā kiā, jalaj bin ga tujādē man pi tere karea, butu mā ta bin ga āka, am tumá mana takaja ta māká teteá, ebu pāzanu ej malena ta māká pāguja, Cinta Larga eja. Ebu ta māké séna puā. Ebu tumaká tapekata Barreira ká. Xarap xarap bu alej má aká. Bulug bupa wulena

āka tere epina puā, am ali té kare kiā. Awané ta sali te karea.

Papaju mena pali jalaj igia pāderej kaja. Ebu tuma lena ta igi eweka ākuja. Jāka tumena tādakatp piri karea. Campo ka tag taga ta kaj kia. Ebu tu manká Bubyrej kuj tādakatp tā.

Am tumā ma aka tapia. Ena tumā etigi tutā. Am wene gyja mene kaj pa kiā. Gyja man pi te pāzana pājawe ká kia pāgena kāzera.

Wesut na tujabuja, wesure tara tumā tuta Barreira ka, jalaj salí ābījā té karea. Ena mena ka ūga akala ījājata bywej jabā lia bywej kaja. Bywej kala tete ma anā. Am ūga we ijajata epia. Etigi dezana ūgā li kiā, we ijala takaja li kiā.

Papaju mena jalaj ta bala, jāté

Paraiso da Serra āga eka, eka mena taj ta bala. Ita ma lena eka bu pāga jalaj tā tukaja. Ebu tu mena ena mene ka FUNAI igia, am FUNAI āga gyja paj tā mene ká. Ebu tuma FUNAI mākā. Epi tere bu tumena jalaj mākā kareā.

Tamakā bu pāgā bu Papaju mā tukaj kiā. Ena témā takaj mene atini ena teā. Am mā ta maké kala. Ebu Cinta Larga ej malena tama té tukuja. Ebu Cinta Larga ej ma ākā te kia. Suruí aka jalaj mena ena tea. Ebu ta mena Roberto Carlos aka ena te na liā, ebu Roberto Carlos mena jalaj abí awe pika. Ebu ta ige mena, pabí bu tāga jina mene ká. Ebu tumā pābekataj maluā. Eté alej igie menā. Am ali kiā.

Ebu alej mā tasap tiria, Pāderewup mena tasap tiriā. Pāzap ajap tiriā. Ena Pāderewup mā takaj ākā.

Pāderej ta mene sura um wāliā mā ūgaja, gyja tete eja ēdā lia, am pāderej ta mene sura likiā mā ūgaja. Ena mene ka ēga pādere seg pika um ēdā lia ma ūgaja, pāderej ta mene sura ejā pia meneka mā ūgaja, ewirena eja lia mā ūgaja, ejaka ewit atini tea lia mā ena te ūgaja, pāderej kala bēgā lia mā ūgaja, werewa bu pādet sena ena um wā liā pāgaj puā.



Borboletas às margens do rio Branco, T.I. Zoró, Rondolândia/MT.



Mene ta bu pāgena pādet kaj ena tea, ena te aluja ūgaj kinā mene tá. Mene panā bu pāga pama pij kaj epia. Ena um wā lia pama pij kaja, emen wirena ejalia, emen perun kaj um ēbasalália, bu pāzena pābaga kaj puā, initere ka pamena etigia, meneka bu pādet mena emen ini pege ejā lia pāgaja. Emapit ini pegea mā ena té ūgaja. Ena pādet mena pāgaja. (Mabeyt)

Am nētasa tamatú nuā, am tāga ena um wā ama pij kaja, am

pāgena pāgu um ta byp kajā.

Aku um ta de pādet sena pāgaj kiā, jina um wā lia bu pāderej āgena pāgaja, mene ta tere bu pāgena ajā pādet kaja.

Ena mējā lia buzena mā pij kaj puā, palikara lia mēj pāderej kaja ūga alej kajā.

Am wené dulumí mēta kiā ūga tamatulu kia, amā jina mana liā ta kaja, meneka bu tāga amā dat ta pāderej wule ká. (Mābeyt).

Mulheres transportando lenha em seus cestos cargueiro, (paneiro) da roça par suas casas. T.I. Zoró, Rondolândia/MT.

Tradução

NARRATIVA SAGAPUGA E MABEYT ZORÓ

Ricardo Turu Zoró, nascido em 13/12/1981, morador e agente de saúde da aldeia Webajkarej – Intérprete.

Antigamente, não havia branco por aqui.

Este era o local onde nós caçávamos. Antes, não havia ninguém e nem estrada aqui.

Os brancos vieram até nós.

Os Cinta Larga moravam do outro lado do rio Pacaranã e o nosso povo morava do lado, onde está a aldeia GuwaPuxurej que já era uma aldeia tradicional, assim como Albug Âjurej.

A Zarup Wej também é uma aldeia tradicional, mas o nome é em língua do Cinta Larga.

Tínhamos muitas aldeias tradicionais neste lado, ninguém conhecia o outro lado do rio Pacaranã.

O nosso povo vinha do outro lado do Rio Branco; cresceu neste lugar



Cestos cargueiros (paneiro) confeccionados por mulheres Zoró, para transporte de produtos da roça, objetos de usos etc. T.I. Zoró, Rondolândia/MT.



Adorno dorsal
feito em penas de
gavião real, para uso
masculino, em festas
e rituais, T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.

de maneira nômade e errante. Fomos embora e depois, quando voltamos, encontramos os brancos e resolvemos morar nesta região.

O povo Suruí também veio para esta região, mas eles vieram de outro lugar, de bem longe daqui.

As mulheres carregavam as crianças nos ombros, em cima dos produtos que traziam da roça e na tipoia.

Os homens também carregavam sobre os ombros cestos com alimentos da roça e, muitas vezes, crianças sobre os produtos.

Fundávamos primeiramente a aldeia, preparávamos a roça e ficávamos um tempo naquele lugar.

Quando mudávamos de lugar, fazíamos a colheita dos produtos da roça,

como o milho, e o levávamos para o lugar onde iríamos fundar a aldeia.

Meu irmão, meu amigo e eu viemos abrir uma aldeia aqui, depois que os brancos foram expulsos. Eu mesmo quem contatei os não índios, o meu irmão e o meu amigo já morreram. De vivo, eu e Kapitão, meu amigo que restamos.

Fizemos contato na fazenda Castanhal e, depois, viemos morar aqui, eu fundei esta aldeia.

Fugíamos, quando a aldeia era atacada, não levávamos os produtos da roça, que eram buscados em outro momento com muito cuidado e medo.

Onde está o rio Pacaranã, a gente andava por lá, até a chegada da aldeia Āguj Tapua, pela região do Ikülēj. Naquela região, há muitas aldeias tradicionais e morávamos na Badesagyrej e na Xijāpepwej.

A FUNAI já estava próxima, depois que fizemos contato, os brancos vieram para este lado que é a região do Pacaranã, não havia nada neste lugar, já havíamos contatado os brancos aqui, não guerreamos com eles, apenas os mandamos embora, com a ajuda dos parentes Cinta-Larga.

Fomos à Barreira fechar a entrada deles e viemos embora, porque assassinaram alguns dos nossos parentes.

Quando encontramos os brancos em nossa terra novamente, batemos muito neles e os levamos para aldeia Bubyrej, todos nus, mas não os matamos. Não havia paz. Hoje, pode parecer fácil, mas não era! Morávamos na Barreira com muito medo, foi muito sofrido, por isso digo aos jovens que cuidem da terra. Não é mais minha terra, por isso não posso mais protegê-la, já estou partindo e deixo-a nas mãos de vocês.

Papajú morava com os brancos no Paraíso da Serra, ele veio chamar todos nós para morarmos com os brancos, por esse motivo mandamos a FUNAI embora. Papajú dizia que a FUNAI não cuidava bem de nós e, inicialmente, não queria tirar os invasores, porém mais tarde decidiu tirar os brancos com a ajuda dos Cinta Larga, logo após, quando mataram um Suruí e quase matou Roberto Carlos que se defendeu matando invasores.

Decidimos expulsá-los, porque queriam nos massacrar, chamamos os exércitos e logo os brancos foram retirados.

Pāderewup queimou as casas deles, porque aquelas casas deveriam ser nossas.

Os conselhos que os nossos pais davam era para não arrumar confusão, para não estragar a vida dos outros,

davam conselhos para cozinhar e não ter ciúmes da comida de outras pessoas, pediam que amássemos mais. Eles nos aconselhavam sobre as todas as coisas.

Lembramos sempre os pais educando as suas filhas: “Cozinha para seu marido e não fique brava com ele”. Antes, dormiam em redes tradicionais, tecidas em fio de algodão, e éramos aconselhadas a confeccioná-las para os maridos e filhos. Penso que hoje em dia os filhos não recebem conselhos, nós não podemos nos calar diante dos nossos filhos. Lembrem-se dos conselhos dos velhos!

Digo às minhas filhas que recebam os visitantes com muita alegria e que também se apresentem às pessoas, que não se escondam. Por isso, elas são boas pessoas.

Antigamente, morávamos na Maloca e era ótimo: perto uns dos outros e não nos dávamos mal com ninguém. Hoje, não é mais assim, pois cada um permanece na sua casa. Devemos amar os outros, pois quando alguém é ruim e não nos agrada, tampouco o respeitamos, mas quando a pessoa é boa, ela tem o nosso respeito; falamos bem dela, dizemos que ela recebe bem e a tratamos como se fosse um líder.

É o meu legado a vocês. ●



Rio Roosevelt ,
T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.

Pepuj Zoró, nascido
em 02/02/1940.



NARRATIVA DE PEPUJ E XIBUWER ZORÓ



→ Ebu jalaj māka awane da man ka Bubyrej ka, man
ka bu alej malena awane tukaj gala āgyt wataga tea,
ebu gat pi mi man malu ena te ĩgira ka āguju. Ena jalaj
makena awane tukaj, ebu mā saga bu te un sa ũguj tā
wuludé mene ka binā, jali apaliala mene ka kāzera, ena



Pepuj Zoró, nascido em 02/02/1940, e **Xibuwer Zoró**, nascida em 15/04/1942, casal moradores e fundadores da aldeia Ikarej, T.I. Zoró.

mena jala ikini ka, ūjat de jala jena kiā, uka te sakena liā mena saga bu tēza mā, man ga saga dun kiā, ujajej tete buma tamapa, am un ma manā.

Ena jalaj makena awane tu kaj aj kini mateā tūjat rej na de jalaj jena kiā. Ebu tuma ana tepa takaja tupere wulua, alej bin ga bu pāga tumā, mene mite bu jalaj ma tukaj, am tama mana mene kala tukaja. Ebu tumā alej bin ga bu pāga tu webugu tukaja, pali tā bin ga tuma tusupup mi tukaja, am maté ma am pāga tā bin ga tupia, tusupup tere buma wekala, ena tu mena jalaj bin ge tigi tukajena tusupup mi terea.

Ebu ma ujaj kaj papa jala pere parat āga ma akupaku jāde bala ūgaj mene ka, pali bin ga ma, pali bat ijaj bin gā, ja buma ūgaja, ūgaj bu mesa awi alú jaba ūgaj puā

bumā, ena mene ka ūkā ūké tigi kaja ma ūgaj bala wāde gupaku kaj mene ka.

Ena tumena tuma dat tena jalaj kajena, mene mi te jalaj ma ama dat tena tukaja, am jalaj tet ma tubi kala ena tea, bulua tu mena tu supup mi te tu kajena, am jalaj ma alej abi bute pāza tukajena, pābareja jā buta ma tukaja. Ebu tuma tuma dat tē tere takaja, tu supup mi tere tumā kena tu kupakú kaj magerea papai jā tuma kaja, canoa tā ewulu tu kabia, tuj kini ewulua tuma kaja mene mi tere bu alej malua am alej ma apí te tukaja, ebu íwāp malu tu kabi terea, man ga tuwag tē de tujkiā, ebu íwāp ijaj ej ma trēs ej na pāderej na atena, enekuj tawe pikat tere mena, tu bin gaj na tere ma ej mena ebu ma ma íwap kate ādú tā. Ebu tumā tādāt kap igi tā sereg piria am alej ma ma sereg tā te asereg na, ebu alej ma apí tukaj amapapawala tukaj apia, ebu alej ma asupup ādat kap igi tukaj ebu ujaj ma api na kaj ena te, ā ūzaj āga, ā ūzaj ādat kap āga tuma tupina takaja. Epi bu tuma ka tā sap kuj taj tā í kata tā kerep kuja. Ebu ūjaj ma gatpimiman āga ni tere balap ka terea, tu jāwe ikini té, peret wa alu ma ekuj te ala kia. Ena tu mena bala karea tuxu piri tu katyp āzap tā ena mējā liā tāma tukaja.

Saga te takena nalia tuma takaja, ebu alej ma zereg makí eka tukaj, putā de tujena kiā, eka tu sereg ma awe bugu kí tukaja, epi tumā tuka té tūjāwe kuj Bubyrej kuj kí garea, ebu tumaka tuj birixa ekuj té māgereea, ā kala te pāza man ma ā tuma kena epia,

Tūjat um eka, pawí te pāza miā tumena açúcar kaj kí arroz kaj kiā ebu tumena mā tere kāzet na arroz kaja, pawej pagá te taja tumena kaja.

Am wa tumi te tumena, pābi bu pāzena ma tere wit kaj ena puā, tepa pawit um wa bu tujena puā, am tuma pāzut kap āga eka lia mene pia, ebu tumena pādere kabea te taja bolacha akiā ej kaja pādere kabea māga te tajena tumi tea, epi bu tama tuma café paliri byt bu tuma xiwa ebu tuma ximalitjē xiwap pi tajarum na, am tumā wa pāzut kap xi te taja tumena.

Tu pagej tere ma etigia, bí ma takaja māpit ma ā te tasalia mena, xita te tasakena lia ma ā ēga tapia ma alú kaja.

Ebu tu bin gat māka tujta tere tujāwe kuja, Aki ā pāga um kaja ma tukaja, ebu tena tu bin gena puā, e weajaj āgena epi Caroço kiā man na, ebu mena vela xibu māki tukaj tupat xibuna, ebu tuma tuwag tē kawa te pāza meneka, ka mawā te

tajena pāzut ka meneka. Enekuj tuma taj kini pa te epi am wenē mana mene na tā taj kiā, epi bu FUNAI erena awanē tu kaj.

Tūj dé mena be māga, etere be āga emi tere ajyra.

Am tama ali te taj tā mene kala, am tama ali te jim wā takaja, sa birikyp kaj tama gulua terea, tā kala tere wāzej mena ena tea, axim wēj na tere tā mena tajta, ebu tā mena tā kalane na Aki alú paryt āga berea, ēberea te tama tā kaja, Puguwap wajit kaj tama gulua terea,

Alej tā tere tā mena, am wāzej ma api te tā kaja axim wej na tere tā mena taj tā.

Ena tumena tuma dat tena jalaj kajena, mene mi te jalaj ma ama dat tena tukaja, am jalaj tet ma tubi kala ena tea, bulua tu mena tu supup mi te tu kajena, am jalaj ma alej abi bute pāza tukajena, pābareja jā buta ma tukaja.

Am tama byp māga etigi alej kaj alej kaj pap kuja. FUNAI bu tena pama dat tigi terena, Apoena pama kaj, pytyg bu tama awanea pāderej bin ga tuma meneka tamalena fazenda Castanhal kuj pabin ga, ebu patini sena takaj jena, tajta um wā tama tukaja, ebu tujta māj ma me parej de taj kia takaja.

Am wā, Porto Velho kuj mājna tā mena, am tamena Castanhal ka māj na, pali tā bin ga bu tā malena tā kaja

Am wa, zap xurej te ma etigi karea. Apasala kí FUNAI ma tukaja, tajta um wā, mēbi tāga jina, un bu pabin gat ma ma tukaj eka, menemi te bu tuj ma ewemi té tupasala ki tukaj, mene mi te jalaj ma apasala Apoena kaj. Epi tere tu mena tuma dat tea, tu wet ta tere tumā epi mākuj makuja gujiman tara tere ena tea,

We parat na ma gabia, ā bu mēga gyja meta lia tama tu kaja.

Am tā ma mana tā pali na ma, pā bulu ea tere tā ma ūgaja,

Am tuma mana epia taj kini pa te tuma epia, Olavo kí Gustavo kiā māj bu jena tu pereajaj ej nā tuj tini kí takajena puā. Epi tere tumalena ākuj jalaj malitjeā, jika te bu ma ej jena ata, ebu ūjaj mena tā tini tukaj

tā malitjē tūga mene ka, am wa lia buji ma, ma açúcar ijaj ej butena puā mene tejā bu mēga, meneka aja detāj, etigi de pābekataj sana tujta tere kiā tama eweka, eweka pābe kataj malena tā igia Cinta Larga ej kí Suruí ej epi ma ej kiā māj pereka tamalena tā igia, ebu tumalu tumaga tere āka pāgala ma ā tajapia meneka, ākuj de tujena tuta tu kala atinie ka te butu malena ābia.

Ebi te mene kala tuma naliā ebu tama am mēka ekuja āka te bumesa tujta puā tama tukaja. Meneka bu tumena tumaga te ābia. Ma ej bu teka nalia tūguē má epia.

Epareka un āgena te kala ma e sa epi tukaja alu kaja?

Parat abea pāga. Ebi bu pābat kala sena puā. Pābat kala abi de pāzana kia.

Ā bi tea Bubuxagājyn na man ka. Ebu Xibuwet alú má ābi te a ala enatea.

Ebu un āga un bagej kaj ena ekuj pajawe āga lia takaja. Ekuj mekala āgá takaj, ekuj bu pāda mene āga takajena. Ebu un āgena ana dēza mēj tali kiā takajena. Ebu megena ana zali we ma ā takajena. Me jali pajawe ĩjajata ekuj meta takejena. Un sakaba ma et ra lia takajena.



Am wene āka té mējalia takaj kiā. Ekuj mēka pajawe māga bu un āgena takajena. Pe māga dēza anā kiā un āgena takaja, un āga ka ma et aku pakua, un āga tā kaj nabua. Ena un āga barej kaj nabua.

Eweka un de āga we pana kia. Ena tūga tu pagej kaj nabua wāzej kaj kia gyja mēj me ma pij tá. Taja jata mēj gyjá mēpasala kí um mekaja, gyja bu mēga mētā, we parat de anā té mene et kiā, me kala kí bu mēgā tūga takaj nabua.

Am wene jinaté mēj mēpasala ki ma ej kaja lia mene na takajena kiā. Gyja mēj pāderej tā pāzu terej na mēj mētā tūgena takajena.

Am te etigi mēga kala ma ā liā mene sa un āgena?

Ebi bu tu jawe tere jena puā. Ete ne wesa karali kia. Ewekaj mena lia pajawe kuj pāgaba un āgena. Ewe pana tete mena alu kajalia. ●

Dibé e Xibuwer
fazendo painelas
de barro, T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.

Tradução

NARRATIVA PEPUJ E XIBUWERT ZORÓ

Ricardo Turu Zoró, nascido em 13/12/1981, morador e agente de saúde da aldeia Webajkarej – Intérprete.

Eu morava na aldeia Bubyrej, quando vi o branco pela primeira vez, vieram de avião e pousaram na ilha, de lá, eles foram para aldeia Bubyrej, fiquei com medo, porque pensei que os matariam se viessem para cá. No momento de medo, eu pensei em fazer isso com o branco, ainda mais por serem desconhecidos.

Eu mesmo não tinha intenção de atacar o branco, só os nossos pais e os outros atacaram-nos. Quando vimos o branco pela primeira vez, a gente pensou: “O que nós vamos fazer com eles!”; e reunimos todas as pessoas da aldeia e decidimos fazer contato com eles, acho que o branco queria fazer o contato também. Ninguém de nós pensou ao



Maxianzap e Pepuj, ensinando sobre as flautas gujanej.



Zap tig – Ancião
Zoró, Aldeia
Dudjurej, T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.

contrário, todos estavam dispostos a estabelecer esse contato.

Quando o branco falou comigo pela primeira vez, logo percebi que ele era gente boa. Então, fui falar com o meu pai sobre isso e disse que o branco era dono das coisas e nós devíamos ter o contato. Meu pai aceitou e logo disse: “Vocês querem que eu morra um dia, por isso vou arriscar minha vida para fazer esse contato com o branco.”.

Finalmente, fizemos contato um com o outro e ninguém teve mais conflito, já que fizemos as pazes. A partir disso, os brancos se tornaram nossos irmãos. Pela manhã, fomos ao encontro deles e todos tiveram coragem de conversar, quando nos aproximamos do rio Branco, gritávamos: “papai

canoa, canoa papai”; isso para que eles viessem ao nosso encontro, trazendo a canoa. Ao ouvir, imediatamente, sem medo, eles vieram em nossa direção com a canoa deles e nós não tivemos medo.

Naquele tempo, moravam três pessoas às margens do rio, um ficava fazendo a segurança, enquanto os outros se aproximavam para fazer o contato. Assim que chegaram de barco (os brancos), tiramos todas roupas deles, os deixamos nus, com isso, ficaram com muito medo de nós, até tremeram. O meu pai teve medo também, mostrou a sua esposa pelada para o branco e os outros fizeram mesma coisa. Depois disso, fomos até ao barraco (casa) deles atravessando o rio, foi lá que o meu pai viu o avião pela primeira vez, entrou nele e foi dar uma volta, lá de cima avistou a nossa aldeia, em seguida, voltou. No final, tiramos foto com todo mundo.

Quando meu pai estava no avião, ficamos preocupados com ele, pois pensávamos que eles foram matá-lo. Nesse dia, o branco vestiu a gente com roupas, não tínhamos nada de roupa e eles nos deram muitas, para levarmos a nossa aldeia de origem, a Bubyrej. No dia seguinte, voltamos novamente para pegar as coisas que precisávamos.

Naquela época, nós não conhecíamos a comida do branco, pensávamos que morreríamos, se comêssemos o açúcar e o arroz que eles nos davam, achávamos que o arroz era filhote de formigueiro, aquele branco parecido com grão de arroz.

A gente tinha costume mesmo de desconfiar, medo de experimentar a comida do desconhecido como, por exemplo, a bolacha, pois pensávamos que era feita da carne do ser humano, por esse motivo nem queríamos experimentar. Naquela época, também deram copo com café, mas jogamos fora.

Eu era casado naquele tempo do contato, já tinha até filhos. Lembro que quando o branco pegava o meu filho, ficava com medo de ele o levar embora.

Os dois brancos que fizeram contato foram para aldeia conosco, um se chamava “Roque” e o outro “Caroço”. Assim que chegamos na aldeia já havia escurecido, quando eles acenderam as velas, afastamos, pois pensávamos que íamos morrer, respirando aquele cheiro ruim, achávamos que aquilo causaria a nossa morte.

Sempre íamos visitar os brancos no barraco deles, depois disso, tivemos contato com a FUNAI.

Nós fizemos picada para poder ir até a fazenda, hoje a picada passou a ser carreador.

As mulheres tinham desejo de namorar com o branco, elas já chamavam o branco de namorado. A Sabirikyp era mulher atraente para eles. O branco gostava mais da filha do Puguwap. As mulheres da aldeia achavam o Roque bonito, até fizeram música romântica falando dele, naquela época, nenhuma delas engravidaram, apenas namoravam.

Foi através do Roque e do Caroço que a FUNAI ouviu falar do povo Zoró, logo que Apoena, o sertanista da FUNAI, soube, veio até a fazenda Castanhal nos encontrar, foi ele quem teve o contato com a gente. A partir disso, a FUNAI firmou o contato e orientou a abandonar os brancos; da mesma forma, os brancos falaram da FUNAI, dizendo que nós pertencíamos a eles. A FUNAI então nos alertou dos riscos que corríamos, que os brancos podiam nos matar, caso permanecêssemos com eles, disse também que a FUNAI tinha a responsabilidade de protegê-los. Depois disso, fomos nos acostumando com os brancos, até andávamos nos carros deles.

Fazer o contato para mim foi bom, falaram que nós íamos viver bem, daquele momento em diante. Eu vi que eles eram como nós, me tratavam como parente.



Pintura corporal Zoró, movimento da cobra, expressado na parede da aldeia escola Zawã Karej Pangyjej, T.I. Zoró, Rondolândia/MT.

Com os acontecimentos, nós íamos à cidade sempre que tínhamos vontade. Um tal de Gustavo e o Olavo nos ajudavam muito naquele tempo. Depois disso, viemos para região do Pacaranã tirar os brancos que estavam ocupando essa região. O meu pai não aceitava tirá-los da nossa área, pelos alimentos que eles nos davam, já outros não concordavam, pois entendiam que tínhamos que proteger a nossa terra, até que soubemos que conseguiram o exército para ajudar a expulsar os brancos que tinham invadido o nosso território. Os povos Gavião e Suruí ajudaram na retirada dos brancos. Após a saída deles, passamos a ocupar os locais que eles abriram, temendo que voltassem.

Pensamos a retomada de várias formas. Quando decidimos tomar o lado de cá (lado do Pacaranã), era o momento de proteger este lado, que já havia sido invadido pelos brancos. Por isso permanecemos aqui e achamos que os outros deveriam ocupar o outro lado (margens do rio Branco, região ocupada por fazenda, território tradicional que ficou fora da demarcação da terra Zoró). Será que ainda tem essa possibilidade?

Eu nasci do lado de cá. No local chamado Bubuxagājyn, na aldeia Bagasukyrej, minha esposa nasceu desse lado também.

Na minha aldeia, conto para os meus filhos que o nosso território abrangia o outro lado da Castanhal, falo para eles

que lá é lugar bom para morar, não viverei para sempre, por isso digo para eles: “Um de vocês pense em morar onde era nosso território, que pertencia à nossa gente.”.

Deixa agora eu mandar uma mensagem para as mulheres das futuras gerações: Cuidem bem dos seus filhos, não fiquem com raiva dos outros, vivem bem de forma correta, não maltrate as pessoas, não é bom ficar com raiva do próximo. Sejam pessoas corretas e verdadeiras, só assim vocês viverão bem”. Assim, deixamos a nossa mensagem para as futuras gerações.

Para as futuras gerações, também lutamos pelas demarcações das terras, a fim de resgatar os nossos direitos, sempre pergunto: “Lígia posso te perguntar uma coisa? Tem previsão sobre a retomada da terra que ficou fora de demarcação?”.

Lígia responde que sim, afirmou a existência de um documento na FUNAI em Brasília, enviado pelos os Zoró, requerendo a revisão da demarcação, apontando a região que ficou fora da demarcação, por meio de mapas desenhados pelas lideranças tradicionais, indicando as aldeias daquela região em que moravam com os seus ancestrais, disse ser do conhecimento da FUNAI que os Zoró querem a terra de volta, mas, nesse

momento, considera ser desafiador, por depender do Governo Federal, junto com a FUNAI, a iniciativa e a permissão para criar um GT – Grupo de Trabalho, para iniciar os estudos e o processo de revisão de demarcação, que, segundo ela, somente as provas coletadas e apresentadas, junto ao documento que estão na FUNAI em

Finalmente fizemos contato um com o outro, e ninguém teve mais conflito, já que fizemos as pazes. A partir disso, os brancos se tornaram nossos irmãos.

Brasília, não são suficientes. Assim, finalizou informando que existem muitas terras indígenas aguardando por demarcação e que reconhece a importância da retomada do território, ainda mais pelo motivo do crescimento da população entre os Zoró. ●

Paisagem às margens
do rio Branco , aldeia
Pawanewa, T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.



Xibi Zoró,
nascido em 20/06/1946,
fundador e morador da
aldeia Ipewyrej, T.I. Zoró,
um dos mais importantes
guardiões dos conhecimen-
tos e da cultura Zoró.



NARRATIVA DE XIBI ZORÓ



→ E ji tujajej té kia puã. Etere e Puguwap wa man
ma ena tukaj, jalã pãga jala kaja lia ma tukaja. Mene
kaj bu tujajej ma tukaj jalaj té pama liã tukaja, ma
ej jalaj má liã jij ma tukaja. Etere taset ägena. Etere
balej set sena puã jalaj, zereg kirej. Enym wěj set mājã
tamena takaja.

Am gyja jala äga pãgaja lia tamã tukaj nalia. Páka
jalaj äga lia tamã tukaja. Epareka tamã pãbat tá jala

Ujat nāté Xipitut ma. mābuja nabuja puā. Bubyrej ka te Xipitut ma ata etigia Xibiti kia mana. Kat na tere pādere ma eka zap puj ka.

galia tukaj nabu. Pú ijaj jala malia tukaja. Dipe kī dabe, werewa pe supup... Ena jala āga pābarebi tā

lia, meneka tumena taj kini pala kī na dipe kala kī dabe kala kiā.

Am mā mana tukaj tukabia. Xikujbe sewap jala mā lia tamā tukaja, tapali na tea lia. Ena tama tukaja. Epi pawate tea lia tamā. Serega bu malia jij ma tukaja. Am mā sut na gabia tapali na tea. Ta sewap na tete bujena gabi puā. Ena tete we ma gabia.

Ena man pi bu pagena pajkini pua. E pali zana kiā ji ma ūgaja. Ja ma alú kaja. Ebu tukena tujābi mi té í katena puā Sulug ekuj tere. Ali eka sakalia. Anā tepā kaja tumā jā



Narrador Xibi Zoró pintando seu neto.

pepua bi sakalia. Ebu tumā malu bu pāga pāguja. Alú bin ga bu pāgā mā alú kaja. Já bu ji mā ūgaja. Eberea bu ji ma, ēbere pabiri mateā ji ma ūgaja. Atea lia mā ji kaja. E ebu ma gyjyga kaja. Ebu malena, etere tumena ewe magena. Etere tā malena tukabia. Xarap tama awenea. Etigi te bu jimena api wulu takaja. Ebu mā saga tēza kī bā. Maba te ji mā. Ebu tumā tupitjē te karea. Epi bu tumakena tā bin gena. Am āga mana pagaja tumena jij kaja. Māj ikini tere tūka kīgarea tuma jij kajena. Ebu tuma kena xita te kia. Ejaka mana té takaj kī garalia mā ji kaja. Já ji ma ūguja. Ebu tuma gyjyga takaj kiā. Ebu tamalu kiā tiriri bu tamalu kiā, eka tere tamā tubin ga kiā, ena busyrej na te tama kena kiā. Ebu jalaj ma takat na tupia.

A sap kuj tamakā tujta tu bin gap pia. E pabi te tasena bu tukejena puā. Ebu tamakena í ka tā tajta. Ekuj bu tajena tupat paliri zereg kī werewa man te pu na awyly pyg tea. Ebu tuma sereg paliri tukaja.

Ana te bu te taja te tuma kaja. Pawa tetea té bu tuma kaja. Am tumā pugaga ea takaja, tajkini tetea.

Tawit tea bolacha paliri tama tukaja. Tupi te tuma tawit wa. Pazut kate tasā bu tujena takaj



kare puā. Bala tete tā bin gap kuru ka. Am tumā ena epi takaja pawit ea tea. Bolacha kī açúcar kia mana. Kakyry na tere ma gabia am ma sut ea te kaj nabua. Xibujkum kakyry kī ma epi majūwā akỹj tiri bu tasa xigia manka xibujkum pin puā. Ena man kakyry mā gabia.

Ena māj bu tejena pāgaja tuma. Am tumā mana mene kala takaj epia. E āka ka tajam ka tumena we māga bajkyp na. Werewa de panūj tā bin ga kiā ji ka māj kaj kī lkabepewa ijajej kaj kiā tete bu tujena we māga puā. Ebu tumalena tupere wepea epi kiā e ej bin gap pia. Jalaj bin ga tumā tuma jij kaj kiā.

O carinho e cuidado do velho Guerreiro Paiô Zoró por Angélica, filha de Zé Bel e Lourdinha. E filha da tribo também. Ano estimado: 1982. Foto: Lourdinha / arquivo pessoal.

Man pi tumena tupere wepea ena bu pāga ā ej kaja, ajā alej āga pabia lia tumena ji ej kaj meneka pabiri mātē bu pāgena ji pat kena tumena. Am mana jala āga pāgaja tuma alej kaja. Eweka bu pāga alej bin ga pābarej na tuma takaja. Ebu tumena ji ej bin ga kiā epi kiā. Pali ji ej bin ga tumā jij kaj jena e Xupea māj kaj kiā. Ebu jena bulua um pāgaj puā. Ena bu pāga ekaja tuma jij kaja etere xisanu kaj tē, etere Pepuj alú ijaj kaj kiā e ej kaj má am

Pintura costas, menina Zoró, T.I. Zoró, Rondolândia/MT.



jala āga mana pāgaja nabua papā ji kaja. Eweka pāga ji ej alú bin ga ji ma ūgaja. Ebu tujena jiwe makina nabuā. Ebu má karalia ūgaja, má bakuwā āgena awú karea ma ūgaja. Jite pāga eka tea jite bēza eka puā. Jipi tumakena eta nabua. Ena tūga tuma alej kaj kína. Ebu e ej mena pabiri māte balej sena lī puā tukaja. Bu tujabuj pu pagā kia dabekut pāga kí e ej pi kiā. Ebu alej mena é ikini péna tukajena ena bu te pāza tukajena.

Ebu tuwulena ena bu pāga alej kaja. Ebu tuwulena epi ena alej kabi lpewyrej pi Bubyrej ka alej salia. Ā tumā tumā alej kaja. Ebu tumā takat na liā kat tere tusupup. Weret pādere ma epia. Ena tumā ewe magena.

Muiraquitā pama we kaja. Zajaj na tere ma etigia. Wāzerit na tere en bat ma etigia. Epi Zā alú janate karea. Am en sali kare kiā, am Taxig alú sali kare kiā Ninia lu sali um enatea. Busyrej sali tete karea.

Jipi tea lpewyrej pi tea, tuma kena tā bin gena. Mūj de gera mūj de gera té tuma kena kiā. Tuket pup mi te tajkini kia. Tuwet kuj té tumena tajkini pali kiā, ena ākuj pāzakaba man kuj té tumena tajkini pali kia. Pytyg ekuj takaj. Bala ma ej makena tajkini karea. Am pamena

pamaga etigi. Ā kuj paká ba te pamena ípi kuj í ādat kuj kiā tea.

Ujaja puā āte ūga xisanu naté. Uma kuba bu jena etigi zawijaj na puā. Etete mena zawijaj na etigi eka. Puguwap ma eka ata enatea, man ka te mena ata. Ujaj kajam ma ata eka enatea ma papa sanuā. Jinam wej mena eka ata etigia. Busyt a ma zap tere ma etigi eka. Ujat nātē Xipitut ma. mābuj na buja puā. Bubyrej ka te Xipitut ma ata etigia Xibiti kia mana. Kat na tere pādere ma eka zap puj ka.

Abyt neka jij ma ma a ma ā.

Ātigi bu ma ej ja kí puā Pusawyp ma ajaj Batpip ki xisanu Kanzap kí Xupirup ijaj ma apara ka tere tasygya tea anuj pat a ka tere e ej mena. Jinyw wēj mena ā pabepubia. Ā te pāga ātigi bu we sena puā zapuj jej sena kí puā. Gujwenam wej kí Zap kalalā ej Íkāgawā ej kiā majā. Jāwe Ikagawā ej ma ujaj zapuja.

Weret te tuma jāpepubia. Tusupup tea makuja te tumena. Ekuj ki ā kuj kiā té tumena.

Tūj ma jitigia Barāduxiādarej ka. Jite bu Castanhal sa etigi puā.

Am ma ej ma Santa Maria tigi ata. Pali we māga tete kia, Suruí ej bu já kena tubiri ki eka tujaba tu māga puā. Suruí ej tete bujena



etigi pua epi Ikūlēj mena āpe puabia. Enekuj Ikūlēj mena ajyt asādē ata man ka tea. Epi te tama wulena tubia, am tuma taj kinia dulu mi tete tama wulena tubia. Jā pepuabi tete tā mena tubia, am tama ā pepuabi tubiri kiā. Ji ej tete mena tubia. Três já tete ji ej malu tubia. Suruí ej buma tubi kat ra í kata tama wulena tubiri kia, ebu Ikūlēj má wulena jābia jākuj tujaba tuta ali kiā, ebu tumalu ākuj te kia. Zap tere kat ma Barāduxiādat ka kat ma pādere na eka. Eka bu avião jena abalena tukaj bala etigi, am ma tu jat na etigiā. ●

Arco e flechas Zoró trançados confeccionados com pelo de porco do mato, fio de algodão pintado com urucum, e o miolo central (dorso) da pena, arco em madeira da pupunha e linha de algodão. T.I. Zoró, Rondolândia/MT.

Tradução

NARRATIVA XIBI ZORÓ

*Marcelo Ipé Zoró, 22/04/1975,
morador e agente de saúde da
aldeia Ipewyrej – Intérprete.*

Os nossos pais falavam que, além de nós, existiam outras pessoas que chamamos de “jala” ou “zereg kirej”. O Puguwap disse que chamamos os brancos da mesma maneira, porque os brancos eram parecidos com eles.

Diziam que os brancos não gostavam da gente e, por isso, nos matavam. No entanto, eles eram donos de coisas que queríamos, como: facão, machado, entre outras coisas. Por esse motivo, íamos atrás deles para tomar as ferramentas.

Não senti medo, porque os nossos pais já falaram deles, que os brancos eram barbudos, não faziam mal a ninguém e eram iguais a nós, a diferença é que eles usavam roupas.

Um dia, estávamos em nossa aldeia e Puguwap disse para mim: “Vamos ver os brancos!” E fomos. Atravessamos o rio Branco e eles estavam lá. Quando os vimos pensamos: o que nós vamos





Angélica nos braços de indígena Zoró. Ano estimado: 1980
Foto: Lourdinha/arquivo pessoal.

fazer com eles? Pensamos em chamá-los da outra margem e o meu parceiro fazer uma tocaia, mas ele ficou com medo de matar a gente. Então, gritei para chamar a atenção deles e assim vieram ao nosso encontro. Meu parceiro ficou com medo e, por isso, ele tentou flechar um deles, mas não acertou. Tivemos que fugir e no outro dia voltamos para encontrá-los novamente. Falei para o pessoal que eles não faziam mal a ninguém e que, por isso íamos voltar lá de novo, ao encontro deles. Dessa vez, foram a minha esposa e o Zatsyn. Falei para

meu parceiro: “Dessa vez não atire flechas neles!”. Gritamos como havíamos feito na primeira vez e eles vieram de novo ao nosso encontro. Os brancos eram muito mais numerosos que nós.

Eles nos levaram para a casa deles do outro lado (margem esquerda do rio Branco). Eles distribuíram roupas e cachorros recém-nascidos.

Logo, eu percebi que os brancos eram como a gente mesmo.

Qualquer comida deles eu comia, primeiro tínhamos medo das comidas serem venenosas, mas depois fomos nos acostumando, o que eu mais gostava era bolacha, açúcar e farofa.

Deixamos de tocaiar os brancos e decidimos fazer contato com eles, nós não iríamos fazer mais nada contra eles.

Fizemos o primeiro contato na fazenda Muiraquitã e a última vez que fomos atrás deles foi na fazenda Castanhal. Lá, pensamos que os brancos daquela fazenda iriam nos matar. Dissemos para outros parentes que os brancos não faziam mal a nós e isso os encorajou a fazer o contato com os outros brancos da fazenda Castanhal. Chamamos o pai do Pepuj, por ser corajoso, Xuryt para ir conosco. Disse a eles que os brancos não fariam mal e eles me pediram para esperar que as bananas que tinham amadurecessem, para que pudessem usá-las como

atração aos brancos. Então, saímos da aldeia Ipewyrej para o encontro com os brancos. Avisamos a outra aldeia que íamos fazer o contato, alguns nos alertaram que os brancos nos matariam. Como já havíamos tomado as ferramentas em outro contato, se interessaram e aceitaram ir junto conosco. Daí fomos da Ipewyrej para a aldeia Bubyrej, onde estava o pessoal, chegamos e vimos muita gente na aldeia. Nessa época, eu já era casado, minha filha já era mocinha, Zan (filho) era pequeno e o resto dos filhos, Tapag Xig, Ipé e Ninija, nasceram depois do contato.

Saímos da aldeia Ipewyrej para fazer o contato, o caminho era longo e por isso era necessário que fizéssemos uma parada para dormir e depois prosseguir até o destino. Quando andávamos no mato, às vezes, encontrávamos por acaso o branco e, quando isso acontecia, avisávamos os outros para provocar o encontro com eles. Nessa época, éramos nômades e andávamos onde quiséssemos, do rio abaixo até a cabeceira do rio.

O meu pai foi a nossa liderança e depois eu o substituí, já que ele havia me preparado para isso. Além do meu tio irmão e do meu pai, Pugupwap morava lá também, na aldeia Ipewyrej, apesar de não ter lugar fixo para ficar.

Nessa época, existiam duas malocas lá. Xibiti e Xipitut, que era meu avô, moravam na aldeia Bubyrej, onde havia muitas malocas.

Quando enchia uma maloca, construía outra.

Desse lado (margem direita do rio Branco), moravam Pusawyp e o pai dele, Batpit. O pai do Xupirup morava perto deles na sua própria maloca, além dessas malocas, perto de onde estamos agora (aldeia Águj Tapua) existem as capoeiras: Guj Wenam Wej, Zap Kalala ej, e Ikägawā ej. O meu pai falou que Ikägawā ej eram as capoeiras dele, mas para falar a verdade, não tínhamos lugar fixo, andávamos para lá e para cá.

Nós morávamos perto da fazenda Castanhal e a nossa aldeia se chamava Barāduxiādarej; ninguém morava onde fica a fazenda Santa Maria. Aliás, nós queríamos morar lá, só que os Suruí vinham nos atacar, só os Suruí e os Gavião ficavam nessa região. O povo Gavião vivia onde eles estão atualmente, de lá, eles vinham nos atacar, escondidos. Atacaram três vezes esse lado, onde está a fazenda Santa Maria. Já os Suruí atravessaram o rio até onde estávamos que era na Barāduxiadarej, onde tinha muita maloca e muita gente; foi lá que um avião fez, pela primeira vez, um sobrevoo. Não conhecíamos o avião, ainda. ●



Betig,
nascido em 05/02/1928,
e **Mãdig Zoró,**
nascida em 10/05/1935,
vivenciaram os últimos acontecimentos pré-contato oficial com a FUNAI. Moradores da aldeia Āguj Tapau, T.I. Zoró.



NARRATIVA DE BETIG E MÃDIG ZORÓ



→ Anã te tāj já bu tujena, anã tej tāj já bu tujena,
ebalej jena galam até xiwē mālīā, am mā panŭj atea.
Ena tāj ta palia de pajé takaj, am mā tamagyj já
balejé takaj, tasut mā, takalalyn na, am wē mi kī.
Ātigipi de tawulu jina pāguj kī, xukuj, bu mējajej jena
taj kini pā puā, taj kini pā te de, tabia tea bug, am ātigi

Anoitecer aldeia
Ipe Wyrej, T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.

té kī, xukuj é Webaj kat at kuj, ānā té pāgena webaj kat at ikini ekuja, ā gala at sādē menemi, am wē pa ī pit na kī, ā kuj mēwēj āgena nābu, Bepēwēj.

Ēbi bu tumalena Barāduxiādarej we mābagena puā, Ikūlēj jādē alej abí man we mābagena pū, ebi am wē ātigi pi kī.

Am atigi pi jalaj malu jina pāguja li, jala salí atigi de alej jena akakut ta ātigi kare, ā xi turena kī.

Ikūlēj pi pe āgena, ebu tumalena Barāduxiādarej we mābagena, ā kuj té kī, Bepewej kī Mājupxij kiā mene we mābaga bu ji alej ijajej kena puā. Perewa bu tumena ā kuj te kī, Barāduxiādarej māga.

Am wē ātigi pi té kī, jākuj

tumakena, jākuj ewe āgena, jākuj zapujej āgena, tuta mena kiā, ena tumena tukakut tena, am wene tumaga kī, mawe māga kī māwe māga kiā té tumena tukakut tena. Zēgā bu tumena Barāduxiādarej ka tuwu бага tere. Epi bu tumalena Zapixākywej māga.

Ena tumena ābia. Am tujarej mena ākuj atena, men māj tete, am tumena werep té taj kiniena, taj kini tete mā ūbygyj ka, manej buma apá kī, am wē é pājarej na kī. Ena men māj mena. Kut na tumena etigi kare.

Ena tuta mene āgena, am ātigi té kī, jākuj tuta mene āgena, perep bu tujena ākujena, ebu tamalu ā māterá té ā kuj, ā kuj kī ā pepu kuj, āté pā etigi. Zēg bu panujena ātigi pamagena. Am pākā mākuj epi, ena we āgena lī.

Tabin ga té tumena, ate bu tājat jena pū Amuā man, é mena am mana jala āga pāgaja lia ji má alej kaj.

Āxira bu tasena tūbi nalí pū, alej bu jena taxirimājā kīna, ji té Pawanewā āga eka, jika balej jena taxiri mājā kī puā. Ji wā māgap ka, eka té eka tea balej jena taxiri mājā ki pū.

Etigi té bu Puguwap wa man erena ji Xupea man erena alej bin ga bu pāgá, anealej āga manā pāgāj kiā apere wulu pū, é ji mējaj

ibep ka tere bé é ji Puguwap wa man erena weaka mātē bu tēzá, ji wexurim pína pū.

Buligum de tujena tapiena, am bue buligum Bubyrej sa pū, jika té bu tujena tapiena pū tasygy té, am wē buligum kī.

Ebu tabin gé sené alej kaj pū, mana detasa jina pāgaj kiā, tu kabi kī tamā wulena, canua ta mene ka balej já.

Etere bu un sena wepit na wepanā pū, tūj kādē tabin ga māj sena, ji Aduabá pygyj yt ta, ebu tume ta bin ga, pali paweabi tumā.

Gyja bu tajena tupin kare, ebu tawulena tuwit pāgā, ā jip kujena, dipej pāgā, bulaxa ā mā acuçar jinam.

Pa uala pamena, epare kena, ā alej ta bu tujena ā tigiena pū, am pādere um mā ātigi, ebu tumena alej ta té, jā Weātakawej ka tumā alej ta, epi bu tūjena tupitjēna ebina pū.

Am wāliā, Dipe aka bu balej sene apat wexurim ka nalí pū, ebu bé pawe xut ké sene ta kaj pū.

Sagapuga ijaj aka alej jena Dipe aka naliā, ena alej mena tuma pí, ebu tumapītjē sena, ewe mena tumapītjē ā kuj alej pia. É pamena alej ma ūe na, épare kena, we um wā bu panujena alej ma ūe na, am pamā alej ikini epi, é balej āga jina éka té, eka té balej sa jina pū, am wē ŷlŷgā epi kī.

Ebu tūj mākā ā kuj alej pi, am wē ātigi té kī, zeg gā bu tukena xukuj tere kare pū, am wē ātigi té kī, mākā ka mākā ká tumena, am wē ātigi té ma ej sali kī, é pamena pābekyp tena. Ma ej sá pamena, am wē ātigi té kī. Ena lī, am ātigi té tuta mene āgena lī, xukuj.

Āka tete, am pamā taweapā jā kujali, dulu mi tete, dulumi tete balejena alej abiriki men pū, am wē apasala tasali akaj kī. Gatkāgym wej ka alej jādē anēpujā alej kaj meneka bu tujena tuwulu ā kuj tere ewe kena pū. Tāgā bu pamena í katena.

Pāguynej ka bu tājena alej xirimajena pū. Ā ej sali pāgaj pā té, ā ej abi balejena etigi Barāduxiādarej kena pū, ā ej sali pāgaj pā té tumena í kata. Manej bu má tuj bēwālā kī, tuxirātala kī te é bé tigiena, meneka bu tumakā ekuj té kī, ebu tumalu ā kuj té epi kī, ena tumena tutena, am wē we pali na kī. Tupalialap kuj té bu tājena Kalirabyt ra man akena puā.

Ā Suruí ej, ji ej bujena paj bēwā pu, ji xukuj. Ena paj bēwā de ā jalaj já áke ka kī, mana meneka kī, ā uā am ji ej mā pabia. Jā alej ta té bu jalaj wulena daj dajā mi Gatkāgŷwej ka alej abi, alej xirimajā puā bude, māka de tāj eka. Eka tete bu ji ej wulena alej ta ji Ikulej peāla té. Tūj

*Anā te tāj já bu tujena, anā
tej tāj já bu tujena, ebalej jena
galam até xiwē māliā, am mā
panūj atea. Ena tāj ta palia
de pajé takaj, am má tamagyj
jābalejē takaj, tasut mā,
takalalyn na, am wē mi kī.*



Angélica, filha de Zé Bel junto às crianças Zorós.
Ano estimado: 1980
Foto: Lourdinha / arquivo pessoal.

dé mena balej jê, ji Sebirup wej ijaj.

Am jala mā ātigi karea, jimi tumā tukakut ta bala kare, ji iāgukap pagā mi, Barāduxiādarej kabi tumekena jimi.

Ji ka ūwulu bagā lia bu Xirigapip wa man mena bapû, ji akāp kuja. Itut ta ji mākena. Man ka tere bune xipagej wulena abaga jikena kijā. Am pādere mā jika kare.

Bakuwa ājut mi tuma í sala, iāgukap pagā xipuru tere, tāg, Barāduxiādarej kabi. Ebu tamalu abaga tuj bep kuj té kī. Tiriria tara ne wulena āguju nū,

am tamalena be magena ji ka abagā, gat pimi man tara bu jalaj malena abaga jikā, be deja ami kare kī. Ji Barājurej pi alej malena taj kini té kare, jalaj bu malu pābe tara kiā balej mā eka tusali, tapaset ta, é bere kala bu pāzena ena mene kena pū, ebu tumakena ji Íbeādyrej sapuj abiri jākuj té takurigi kī.

Tuj bep sura té balej jena be makiena, tuj bep sala té, tuseg pé maliā kī, jā tigia alej mā ūzeg pé malitjê, Batpéxiabé ka ā tigi. Ūgerep maliā. Zeg pé māliā, tuta man māliā. Ji iabé ka tere tukerep menā, man māliā bu tamena.

Jikuj tumena ji tigi tutena nālī, ebu tamalena tuj bep kata, tukerep mi tere be māga, ebu tamalena abaga jika.

Am wā, am mā parat na ūjakap ká, pep na bu jala jena bala tūjakap ka, am wē māgyj na kī, am wené ā xikinie parat tūjakap ka. Peraj na té bu tamene tūjere nenā, ebu tujena āna bu te jala erena, ena gala kuj māj mena jalaj nā, perāj té, ena tamā tūja kap kenā.

Tapat pé māliā té, é tusūliā um bu tumena kajena, ana té pá kaja tete bu tumena batpé kaj, bu tumā ma ej ikini tujādédé man ka ma ej patpé ma ā nalī. Pālāg bu tumā í ka alú malitjê, tupere kalé ka té

tumena malitjêa, ena tumena é ej pat maliā tena, pābarēbi na de pū jena pāga bi kī, pābere kala pamena jala pat kaja, ana tēza kaja té pamena, ena tumā tawit kajena.

É sem wā man kaj tete balejena, dabe kaj kī dipe kaj kī dabekut kaj kīa. Ipibeap ka balejenē awane tājadé pāgaj Zakujiij ka man ej patpé malitjê, é gyja pāgaj ea um pū āzap māgé ka takaj é ká jam, dabekut sarāga bu tājena eka awane pāgaj.

Atea, ebu weaj kinie mena tukaj gyja mene tigia.

Anā māj kaj bu te pajenā tasura pajenā balejenā puā, panūj kaj ea.

Menūj dé tumena tamena tukajena. Āté pāga tamena tukajena, āté pāgá, am tumā mana tere mēpia tamā tukaj.

A uj ta tere bu tawulena bala tuka bia li puā, e te buzena am parat na tawit mena tuka bia ena mēkajena. Ena tumena anā te pá wā té a uj kajena, ebu tamena ānā bu pāgena wā lia tukaj, pāgāp kakyry, ana bu te pāzena wā tumā ewe kena. É eté de kī, ebu tawit pāgé mena tukajena.

Wakap sala ej pagā na bu jena tukabi.

Tuwit ta tamalena bala karea ābuj, taputājā ka kare, é abin gap

ka kare, wét té de mēwulu tuj bep kuj kare kī, ebu tamalena tuwit tena bala, gurana xi kī mākīā man ta, tūj bu tena bala tabin gena.

Arājêj, é wājāj kāzet nalam, meātaja lia te mējā bēga, jā kuj kap puture ka, arājêj ta bu tawulu etigi, comida, comida, combéa mēja tāgena pāgaja tamā tukaja.

Ate tumā arājêj ta, jambi bu é Maxu sep wa man erena tamā ā pū, Bagabea bu paja kaj pū, ebu wulena taj ta ebiena, tapyg ta, taj kinim abi, manej ta tere bu tumā men, ana bu te arājā bu tumā takupat eka.

Ate ūga we talam, jygy, jygy, jygya te mēja karea bēga, papa Maxu sep, ama pyryry tut ta apia, ma ej bu mā aparatan pixa ta tā. Āka Piajup wa man jê, Xupea man mā aka, Xiwepiwup é Puguwap wa man mā tabit ka. Ebu wawāj mena am alej āga mana pāgaja lia alej kaj.

Taj bep kuj bu Amuā man wulena puā, tabin ga weaj bep kuj, butumā tabin gā lia balej mākā tukaj, ebu pāderej malena epi, í kata tere bu Amuā man kena ta kabi.

Tuma bywala weāba ka, alej ma pawā wa. Adu ka kī alej mā pawā mamalā kī epi. Basakap ti, ji té bu é ā té sé ajyt te ta nēbi ka. ●

Tradução

NARRATIVA BETIG E MÃDÎG

Pãderewup Zorô, nascido em 08/10/1970, cacique geral do povo Zorô, líder e fundador da aldeia Âguj Tapua, onde atualmente vive grande parte de seu núcleo familiar e de seus ancestrais paterno e materno – Intérprete.

Tentávamos imaginar como eram os brancos. Como serão? Falavam que os brancos se pareciam com a rã, principalmente, se olhados pelas costas e desnudos.

Nós não sabíamos que era desse jeito, diziam-nos que eram feios, muito feios, magros e, hoje, vejo que não é bem assim.

Eles vieram de longe, muito longe, os nossos ancestrais os viam muito longe e, quando os viam, os matavam, isso aconteceu na região da aldeia Webajkarej. Nessa região, o buritizal é como a floresta virgem, muito buriti, dessa forma, não tinha como passar. Próximo dessas aldeias existe uma outra chamada Bepewêj.



A aldeia Gavião Barãdusiãdarej tinha estrada. Criaram aldeias chamadas de Bepewêj e Măjup Xij. Depois, voltamos a região da aldeia Barãdusiãdarej.

As capoeiras onde morávamos eram muito distantes deste lugar atual, éramos nômades, não parávamos, isto é, tivemos muitos lugares, vivemos na aldeia Barãdusiãdarej e depois criamos outra aldeia que se chama Zapixăkywej. Vivíamos no outro lado de lá (margem esquerda do rio Branco) e não conhecíamos os que moravam deste lado, eram antigos, cheguei a vê-los quando eu era criança, não os conhecia, já morreram todos. Assim viviam os antigos.

Vimos para a margem direita do rio Branco recentemente.

Fizemos o contato com os brancos. Existiu um de nós que conviveu com o branco, chamava-se Amuă e nos disse que o branco não fazia nada de mal.

Na verdade, os brancos nos matariam, se não tivéssemos os matado antes, na época da formação da fazenda Castanhal, onde eles apareceram. Um dia, Puguwap e Xuryt decidiram fazer contato com os brancos: “-Jă que não se vingam, vou fazer contato com eles então!”, pensaram. Depois que o pai deles faleceu, Puguwap pensou em morrer também, não se importaria se o

branco o matasse, por isso decidi fazer contato.

Os brancos vieram morar bem perto de nós, nas proximidades da aldeia Bubyrej. Ao perceber que eles não se vingariam, começamos a fazer contato, eles já tinham tentado se aproximar de nós, e foi quando gritamos: “Traga Canoal”.

Eu participei do contato, Aduabă era muito pequeno. Quando fizemos contato com os brancos, parece que foram comprar alimentação e ferramentas em Ji-Paraná (cidade do estado de Rondônia): faca, facão, bolacha e açúcar.

O período do contato foi o momento em que nos juntamos em um lugar só, não sobrou nem um lugar vazio por aqui. Assim, atravessamos a região e fomos viver com os Gavião na aldeia Weătagawej, somente depois fugimos, para onde estamos atualmente. O motivo da fuga foi a tentativa de matar o pai de Sagapuga, o Dipe, mas os Gavião nunca saíram de lá e nós fomos para muito longe.

Quando o nosso povo morava na aldeia Gat kăgŷwěj, tentaram matar alguns brancos, sem sucesso, então voltamos para esse lado de novo.

Na aldeia Păguyněj, os brancos atiraram em nós e os nossos inimigos Suruı ficavam por trás da gente,

nessa época vivíamos na região da Barãdusiãdarej. Diante disso, fugimos deles atravessando o rio Branco pela margem direita. Eles ficavam atrás da gente e nós ficávamos desorientados, estávamos sempre fugindo dos inimigos, em uma das fugas mataram Kalirabyt. Assim era a nossa vida.

Os brancos não ficavam atrás de nós depois dos ataques, a única vez foi quando se juntaram aos Gavião e metralharam a aldeia Gatkăgŷwěj, isso foi dito pelos Gavião depois de muito tempo.

Antes, não existia o branco por aqui, passamos diversas vezes por onde tem aquela ilha, indo para aldeia Barãdusiãdarej. Um dos nossos, chamado Xirigapip, dizia que um dia moraria naquela região, mas ele foi embora descendo rio abaixo, talvez os filhos dele foram morar lá.

Atravessamos o rio até depois da ilha, passando em direção da aldeia Barãdusiãdarej, bem depois da nossa travessia, os brancos chegaram para morar, talvez eles tenham vindo de helicóptero, pois não vieram pela estrada. Eles vieram pelo espaço, já que não tinha estrada. Da aldeia Barăjurej, o nosso povo veio ver o que estava acontecendo. Eles disseram aos outros que os brancos estavam morando bem no nosso caminho.



Então, ficamos pensando o que fazer, vendo isso, desviamos o caminho passando perto da capoeira de labeădyrej.

Por onde passávamos eles passavam também, abrindo picadões, atravessavam as nossas picadas, destruíram as nossas casas na margem do rio Batpé Xiabé e expulsaram-nos do lugar onde morávamos, na margem do rio.

A estrada passou na frente da nossa casa.

Na minha visão, o branco era feio, muito feio e sujo, achamos muito estranho quando vimos o branco pela primeira vez. Os brancos que viviam na floresta eram desse jeito, na nossa

Zorós, seu líder Paiô e Angélica num momento de lazer junto às águas.
Ano estimado: 1982
Foto: Lourdinha / arquivo pessoal.



Pescaria, Rio Branco,
T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.

visão. Hoje, os vejo como iguais a nós, eles nos falavam que não eram diferentes de nós: “- somos iguais a vocês! Não vamos fazer nada com vocês. Nada vai acontecer!”.

Jogávamos as armas deles nos rios, pois não tínhamos noção de como usá-las, não sabíamos usar uma espingarda. Algumas coisas não eram muito interessantes para nós, porque não sabíamos a sua finalidade e uso.

O mais interessante eram as ferramentas cortantes, como o machado e o facão. O nosso povo jogou as coisas dos brancos que chegaram na aldeia Zakũjij no tronco da raiz da árvore (Sapopemba), à vista disso,

começamos a entender ou ver melhor o que estava acontecendo.

Eles trouxeram o arroz primeiro e eu disse que aquilo não era bom para nós, porque achávamos que o arroz era ovos de formiga, não sabíamos fazer e comer o arroz. Depois, eles nos ensinaram como fazer e comer e achei gostoso. Então, aprendemos ali e passamos a comer esses alimentos.

Não conhecíamos a galinha, foi Maxu Sep que trouxe a galinha primeiro para cá, o Bagabé. Trouxe galinhas novas, a partir daí conseguimos a nossa criação. Eu achava que era uma espécie de nambu, pensava: “O que era isso?”, vendo aquela galinhada, foi então que trouxeram as galinhas e gritaram: “comida, comida, venham comer!”.

No momento do contato, lembro-me muito bem que Mãxu Sep ficava tremendo, tremendo muito mesmo, mesmo com medo os outros não tremiam. Piajup ficava aqui, Xuryt ficava ali, Xiwepi Wup e Puguwap ficavam no meio. Os pajés falavam que não iria acontecer nada.

O Amuã chegou somente depois de tudo isso acontecer. Ele chegou depois do contato, mas falavam que ele já tinha feito o contato com os brancos. ●



Arte plumária ,
adorno dorsal usado
por homens em festas
e rituais, T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.



Dibé, nascida
em 28/04/1940,
e **Mãxiãzap**.



NARRATIVA DE MÃXIÃZAP, DIBÉ E FAMILIA



→ Pawā jere, ana det pajena já, anē ēbat āga jina
jala kala um wālī kiā. Am ena tūj sali we kala kiā.

awat wa tere wāzet mena āgujup wat xi wa tere
wāzej mena, byp ma ā japia meneka pamena ipaga xi
mawā wāzej kaja.

Mūj ga tere mā xi wa.

Rio Rossevelt,
entardecer, T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.

Página da direita, temos na foto (da esquerda para direita) Sābikit Zoró, nora de Māxiāzap, nascida em 15/01/1941, esposa de Gupam; na sequência **Roberto Pābixāwābā Zoró**, filho caçula de Māxiāzap e Dibé, no centro, **Dibé**, nascida em 28/04/1940, e **Māxiāzap**; e, na ponta direita, **Gupam**, filho mais velho do casal. A entrevista aconteceu em dezembro de 2019, ainda quando este livro estava em construção, Gupam contraiu o vírus da COVID-19 e não resistiu vindo a falecer, no ano de 2020.

Ebu wāzet jena a men pereka tere byp ma ā etigi kare puā. A jyt wāzej jirej āga bywej pāga bywej na asali tereā. Am pamena ena etigia, a menej pereka tere kareā. A men kaj tere byp māga matē karea. Byp na de wāzet jena asu matē etigi kare kiā. Byp na de wyj jena epereka pāzū kare kiā.

Ete bu zena puā pyrywa tere bu alej sena apagā ana puā. Ewe kaj un āga am pāgena jena karea alej kaja. Ā te un āwe ma ā pé na meneka tere bu pāmena pāzaj ma ā etigi karea. Am ena pābere kalyp sali te kare kiā. Ebu wāzet āga aperekala te apygyj ka ajādē a men ma ā meneka, ebu wyj āga ewemi té aperekala tea. Am alú āga kakura, am alú āga gā māga, am alú āga zap ma ā, werewa. Basape sã de wemi kia.

Am pāgena jina pāzali te pāzaj pini karea bu un sa ta kaj ena puā. Pāgu bap te sali karea. Ebu alej sena asajej āguē suryt te na puā. Am pamena ēsaj āguē sura ejalia etigi pāgaj enā. É um wēj kala ejalia pamena etigi pamatue enā. Gyja eja e um wēj kaja lia pamena pamatue enā. Am ena wāzet kale ka tete wāzet ma ā ena etigiā, xi parej kale xi pulej kale ka pamena pāzu pygy ma ā etigiā.

Anā man mi kiri panūj jala wit ma ā pawit na li kiā mekaj ki puā. Am basep āgalia. Basep mi bu pāzena jala wit ma ā ena puā. Meneka bu pāgena pawit kaja kí tena. Pawit wa té walia menekā, ma zagatia wapia meneka, uwi wapia meneka. Ma ej āga i wa tea, enate mejalia buzena puā, am ene jala wit wa tete kiā. Ena bu ma ej sena ana tere puā. I wa dēza ana kiā, am un āga i kala, am un āga mujā kala, am un āga xibuja kala. Ena um wālia bu un sena mekaj puā. Ebu un āgena ewe ijala mēkaj enā. Ané pama mamgap wa jyt kia. Amā mam gap putu māga ma ma awulua. Ewemi pawulena pawit tā, wetjīgā sum ta, xibuja sum ta, mujā sum ta, mābé kí madaga kiā man ta pawulena. Ena mena mekaja lia.

Lígia- Ebu un āgena te alú sa bere we malua? Anā ta alú já alú kale ka alú kaja?

Dibé- Am un āga weta. Ma e j kaj mene ta tete un āgalia. Am un āga alu kaj mene tā liā:

Bade puj, bade puja nema
Bade puj kajalia.

Bade puj ā mā tan tana...

Ena bu tuj jena ma ej ixu kaj te. Ebu tuma ā ixu kaj um wā, xiset, perekala na lu mena ewenā.

Māxiāzap- Xipiap Xipiap bu mawe sa puā.



Dibe- Aj karea.

Xipiap, Xipiap wa nema

Xipiap kaja lia;

Xipiap ā mā tan tana.

Dibe- Bu tujena zagapujej pere sut ka alu wea puā.

Māxiāzap- Ebu mena wujip nate zali berea te karea;

Am za ugerete ana zuj kuwyn xi pi kiā lī ba.

Man kuj tere ūga ūgererum kiā

Am za ugerete ana zuj kuwyn xi pi kiā lī ba.

Man kuj tere ūga ūgererum kiā

*A jyt wāzej jirej āga bywej
pāga bywej na asali tereā.
Am pamena ena etigia, a
menej pereka tere kareā*

Ugeret kakyj āga, dēza karea (2)

Ugeret kakyj āga, dēza karea(2)

Xi pi kare kiā (2)

Kiāāā.



Dibé fazendo panelas de barro (argila).

Maxiāzap- Mena wāzet jirej
ījerena ena berea. Tama tere tā.
Māxiāzap- Anā te buwena. Am
te zanu wulu paguja ena puā.

Am te zanu wulu me kuj kī garea (2)
Rack wulu kare me kuj kī garea (2)
Zanu wulu pi ū jap āgana āka
nabua.
Zanu wulu pi ū jap āgana āka
nabua.

Chapéu tut ta bu Rack sa wulu
puā pāguja li puā (2)
Ama pupaga kirej ka ta paguj
Paguja li puā (2)
Māxiāzap- Até gakurat pere sut
pere āgena.

É jap wa bu mena
tugam wet akaj perema
un netut kaj kia (2)
É jap wa mene pere sut mi man

un netut kaj kia (3)
Māxiāzap- Gā magap pere.
Ana bute wawu ti ej ape wup xi
nebi ka
Uzerat ipag gu ma ugaja
ljat te wawu tia te zerat (2)
Am wa i kawa jip kata waba gā
māgā uga i wup xi nebi ka lam buj (2)
Gā mage kalum tere bā (3)

Māxiāzap- Ana bu we sena bala
kare puā.
Ana bute wa zura te uga,
pala pi na ba īkūlēj pygej ma
maba tere lā buj (2)
maba tere te bu pama zura te
pāgupala pina (2)
ūzanu kaj kiā
mata tere te bu pama zura te
pāgupala pina
ūzanu kaj kiā (2)
epi bu pāga egue mi zaba ena
pāgaja ena.

Epi bu pāga egue mi zaba ena
pāgaja lia
Ena ma juruna kupala pi mali
nabua
Ena ma juruna kupala pi guj
ibirea
Xima telefone kupala pi gūj
ibirea (2)
Māxiāzap- Pāgup akat pére
ūzanu zat wag kup akane pāgyjej
malua.

ūzanu nea tin ka uzanu pi kia
Jena mene kajpa de kia. Xipej
sakia
Jena mene kajpa de xi pagej sa
kia
Māxiāzap- Ena bu pāgup akat
jena puā
Dibe- Xī jape xit ara bēga?
Cupan- byp na zali mene.
Até buné uzanu dipe yt
ljap yt āga i nebi ka (2)
xi jape xit ra a ala i nebi ka (2) ●

Tradução

NARRATIVA MÃXIĀZAP, DIBÉ E FAMÍLIA.

Roberto Pābixāwāba Zoró, nascido em 02/09/1984, morador da aldeia Zawā Kej, professor da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Zarup Wej, T. I. Zoró.

Não vou gostar se minha filha quiser casar-se com o branco, ela pode querer, mas não vou gostar. As mulheres tomavam remédio para não engravidar, Āgujwat xi e Sābikit, dizem ter tomado antes de se casar.

Naquela época, a mulher engravidava do marido, já hoje em dia, as moças ficam grávidas antes do casamento (antes, não eram assim), visto que a mulher não fazia relação sexual com homem e o homem também não fazia com a mulher.

O que eu disse anteriormente, nós não casávamos novos, sempre digo isso para aqueles que se casam cedo; a gente só casa, quando tem experiência de vida, para aprender realmente



Maxianzap e Pepuj
Flauta Gujanej



Crianças brincando,
T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.

sobre o casamento e, assim, manter a sua família. Se a moça ou moço casar-se cedo, os dois não vão ter nada para comer, pois não terão o conhecimento suficiente, como, por exemplo, se o rapaz não souber caçar, fazer roça e construir casa e estojos tradicionais, para transportar e guardar os objetos: culturalmente, esses rapazes não podem casar. Pensando nisso, sempre digo a eles, não se casarem durante a adolescência, só depois que aprender todas as coisas sobre o casamento; outra coisa que sempre falo, é não bagunçarem depois de casados, isso atrapalha a felicidade dos casais, e a importância de gostar da família da moça, a mesma coisa é a moça gostar da família do homem. Antigamente, só casávamos se gostássemos da

moça ou do moço e também das suas famílias, só assim era permitido o casamento com os filhos ou as filhas dos outros.

Como, na atualidade, a gente só compra as coisas com dinheiro, nós precisamos manter a cultura tradicional de plantação e não deixar a prática da nossa culinária, caso contrário correremos o risco de passar fome.

Hoje em dia, alguns parentes bebem chicha, mantendo a cultura do povo, mas tem uns que já não comem a comida tradicional, falam que não gostam de chicha, cará e mandioca como mistura. Digo isso, porque já ouvi alguns parentes falando, hoje mesmo vi que tem alguns que não comem só comida tradicional do nosso povo, ofereci castanha, mas ninguém aceitou. Antigamente, o pessoal trazia castanha, mandioca cozida, cará, batata doce, beju e pamonha para podermos compartilhar.

Outra característica da nossa cultura, é a existência de várias músicas, o nosso povo gosta de cantar para demonstrar os sentimentos e como forma lúdica. A nossa família conhece algumas:

Dibé: Não lembro muito bem, mas vou cantar uma música de quando sentia saudade, mas só me lembro da música dos outros.

“Jatobazão, jatobazão digo para jatobazão

Digo isso que esse é jatobazão”

Dibé: “Eu cantava músicas falando nomes dos rapazes, mas não me lembro de nenhuma música sobre ele (Maxianzap), porque o nome dele é complicado para falar”.

Mãxiãzap: “Lembro-me de uma música que você cantava para mim...”

“Sapato, Sapato digo para Sapato Digo isso que esse é Sapato”

Dibé: “Essa música é do Zagapujej,

mas modificava a música para colocar os nomes dos rapazes”.

Mãxiãzap: “Esta música cantava quando era adolescente ainda”:

“Prometo que dessa vez não vou dormir (zujkuweyn xi) está cheia.

Como promete não vou dormir (x4)

Não consegui ir dormir (x2)

Não consegui ir dormir (x2)

Enquanto isso deixo ainda (x2)

Mãxiãzap: “Assim era a música que eu cantava para conquistar as meninas”.

Tuajut
confeccionando
cocar, T.I. Zoró,
Rondolândia/MT.



Outra característica da nossa cultura é a existência de várias músicas, o nosso povo gosta de cantar para demonstrar os sentimentos e como forma lúdica.

Mãxiãzap: “Esta agora é mais recente, que eu cantava”:

“O meu irmão não veio fazer visita pra você ainda? (x2)

Roque não veio visitar (x2)

A minha armadura está à espera do meu irmão (x2)

O Roque vai vim de chapéu nos visitar (x2)

Ele vai trazer cheiro boiada para nós Vai trazer para nós (x2)”

Mãxiãzap: “Essa música é de caçador valente que oferece armadura para o filho, igual aos caçadores que andam com espingarda, mas essa ele oferece quando está com raiva”.

Mãxiãzap: “Música de quem faz roça”:

“Na beira do rio Machado ouvi grito do jacaré grande.

Disse meu sobrinho.

Então conhece esse jacaré grande? (x2)

Não quero fazer roça na beira do rio Machado

Por motivo de muito toco. (x2)

Não quero nem saber de fazer roça (x3)

Mãxiãzap: “E assim tem outra música”:

“Me enganei a fala de vocês,

Disse filhos dos Gavião para mim.

Erramos por não entender os outros.

Mas agora queremos falar da língua do outro

Como ouvi língua do Juruna.

Ouvi que Juruna estava defendendo a terra

É parece que telefone dele estava falando sobre a terra (x2)

Mãxiãzap: “Música do matador de animais de estimação”:

“O Pãgỹjēj veio matar animal de estimação do irmão.

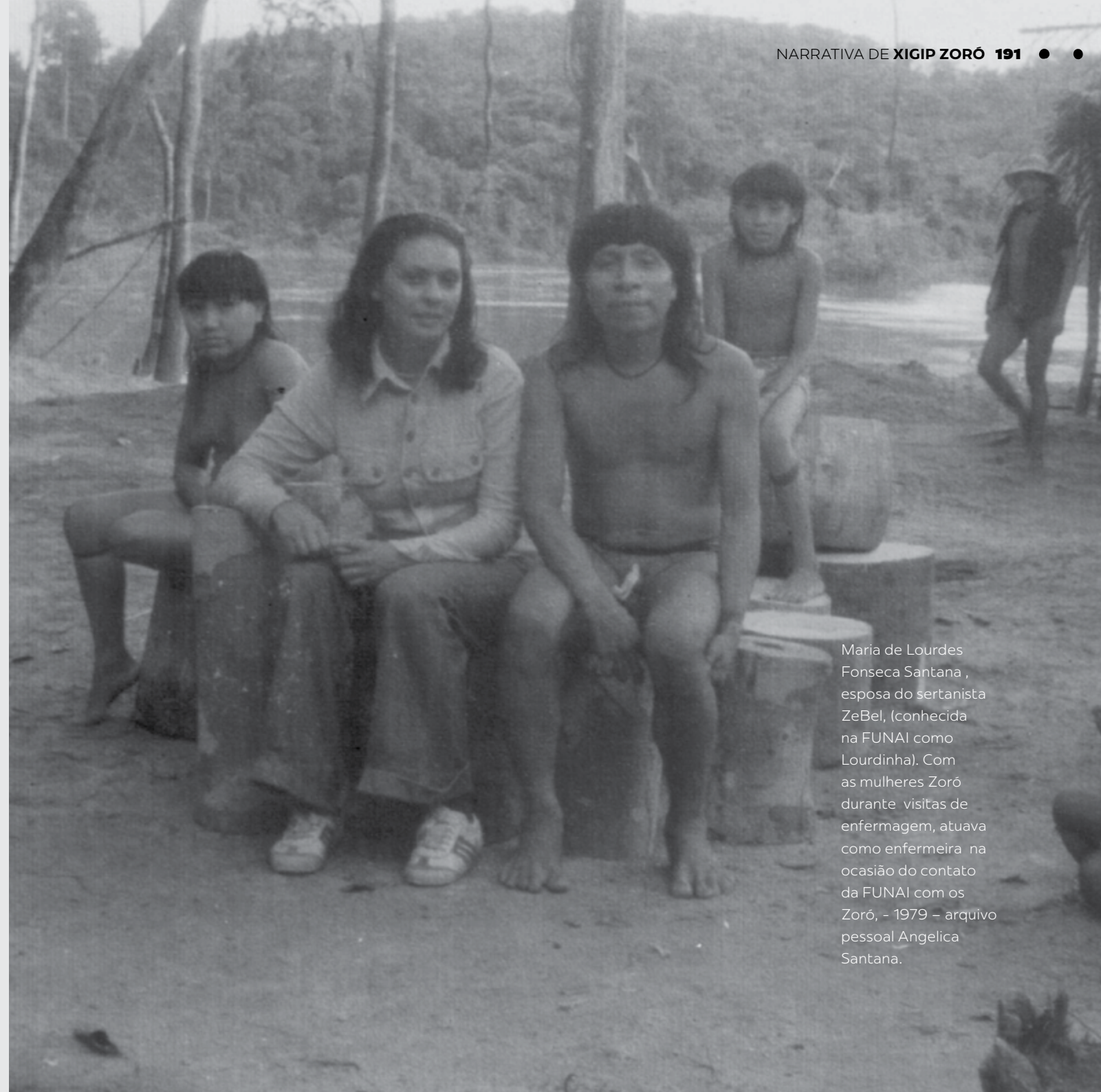
Mas era animal de estimação querido do meu irmão.

Os filhos do irmão diziam não façam isso!

Gupam: - Quando era pequeno cantava esta:

“Vi flecha do meu irmão Dipe yt na beira do rio.

Que estava sangue na ponta de flecha dele na beira do rio”. ●



Maria de Lourdes Fonseca Santana, esposa do sertanista ZeBel, (conhecida na FUNAI como Lourdinha). Com as mulheres Zoró durante visitas de enfermagem, atuava como enfermeira na ocasião do contato da FUNAI com os Zoró, - 1979 - arquivo pessoal Angelica Santana.

